

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS PARA A SUSTENTABILIDADE  
CAMPUS DE SOROCABA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

MARIANA LUCATTO DOS SANTOS

**O Despertar do Dragão: A Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento Chinesa e seus Impactos na Economia Internacional**

Sorocaba  
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS PARA A SUSTENTABILIDADE  
CAMPUS DE SOROCABA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

MARIANA LUCATTO DOS SANTOS

**O Despertar do Dragão: A Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento Chinesa e seus Impactos na Economia Internacional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências e Tecnologias para a Sustentabilidade da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, para obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Carlos Diegues

Sorocaba  
2013

SANTOS, Mariana Lucatto dos  
O Despertar do Dragão: A Reorientação da Estratégia de  
Desenvolvimento Chinesa e seus Impactos na Economia Internacional  
/ Mariana Lucatto dos Santos. -- Sorocaba, 2013  
73 f. : il. ; 28 cm

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências  
Econômicas - UFSCar, *Campus* Sorocaba, 2013.

Orientador: Professor Dr. Antonio Carlos Diegues  
Banca examinadora: José Eduardo de Salles Roselino Junior,  
Rodrigo Vilela Rodrigues  
Bibliografia

1. Reorientação. 2. Desenvolvimento. 3. China. 4. Comércio  
Mundial. O Despertar do Dragão: A Reorientação da Estratégia de  
Desenvolvimento Chinesa e seus Impactos na Economia Internacional.  
II. Sorocaba-Universidade Federal de São Carlos.

CDD 330

## MARIANA LUCATTO DOS SANTOS

O Despertar do Dragão: A Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento Chinesa e seus Impactos na Economia Internacional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências e Tecnologias para a Sustentabilidade da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, para obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas. Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 21 de Novembro de 2013.

Orientador

---

Dr. Antonio Carlos Diegues  
UFSCar – *Campus* Sorocaba

Examinador

---

Dr. José Eduardo de Salles Roselino Junior  
UFSCar – *Campus* Sorocaba

Examinador

---

Dr. Rodrigo Vilela Rodrigues  
UFSCar – *Campus* Sorocaba

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico esta monografia, primeiramente, aos meus pais, que sempre me deram forças e batalharam muito para que eu pudesse estudar e conquistar a graduação.*

*Ao José Victor Diogo, meu conselheiro, que me ajudou nesta caminhada, sempre me incentivando e acreditando no meu potencial.*

*Aos meus amigos e familiares, que estiveram ao meu lado tornando este sonho possível.*

## AGRADECIMENTO

*Agradeço em primeiro lugar, a Deus, que iluminou a minha jornada em Sorocaba.*

*Agradeço aos meus pais, que acreditaram e investiram em mim com todo o carinho e amor, me ajudaram nos momentos difíceis e me deram forças para continuar neste caminho.*

*Aos meus irmãos que sempre tiveram muita paciência e vivenciaram junto comigo esses quatro anos.*

*Agradeço ao José Victor Diogo, meu companheiro, que sempre me motivou e esteve do meu lado, me dando muito apoio e inspiração.*

*Agradeço à Mariana Camarin Gazonato, que me mostrou o verdadeiro significado da amizade, ficando do meu lado independente da situação e à Natália Augusto, que me acompanhou diariamente alegrando o meu dia com seu jeito tão especial de ser.*

*Agradeço aos meus amigos e aos novos amigos que conheci na UFSCar. Ramon Henrique da Silva Fonseca e Marina Lunardi Pitoli, vocês são especiais e inesquecíveis.*

*Agradeço aos meus professores pelo aprendizado, em especial, ao meu orientador Professor Doutor Antonio Carlos Diegues, que desde o primeiro ano, me ensinou a estudar e entender a Economia de uma maneira mais interessante.*

## RESUMO

SANTOS, Mariana Lucatto dos. *O Despertar do Dragão: A Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento Chinesa e seus Impactos na Economia Internacional*. 2013. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Centro de Ciências e Tecnologias para Sustentabilidade, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2013.

Esta monografia teve como objetivo principal a descrição e análise das etapas do processo de Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento da China pós 1978. O que se pretendeu mostrar foi a rápida expansão do setor industrial no país, o que possibilitou a transformação deste em uma economia com altas taxas de crescimento, acompanhadas pelo aumento da produtividade e da modernização. É importante destacar também nesta trajetória a imersão da China no comércio mundial e quais foram suas influências para as demais economias.

Para a consecução deste objetivo principal foram destacados alguns objetivos específicos, são eles: descrever e analisar as reformas agrícolas, nas empresas estatais e no comércio exterior, identificar os principais fatores responsáveis pelo crescimento econômico chinês em cada fase do período que se estende de 1978 a 2012, identificar brevemente a complementaridade produtiva entre China e EUA, identificar de maneira simplificada os diferentes padrões de integração produtiva da China com o grupo dos países desenvolvidos e dos países emergentes, como o Brasil no que diz respeito às relações comerciais e relações de investimentos.

Através deste trabalho poderá ser compreendida a importância da Economia Sino-Americana tanto para a China quanto para os Estados Unidos e a importância da classificação chinesa como “Duplo-Polo” na economia internacional. A partir de então, será possível inferir quais são as implicações das ações chinesas para os países asiáticos através do modelo de desenvolvimento conhecido como “gansos voadores”, para os países desenvolvidos, países em desenvolvimento e para os países produtores de *commodities*, como o Brasil.

Com base nas relações comerciais e políticas que a China estabeleceu, principalmente a partir de 1980, será possível compreender sua capacidade de influenciar a produção de muitos países. A pujança econômica chinesa refletiu-se na produção dos países asiáticos em bens intensivos em tecnologia e escala, e na produção de países em desenvolvimento em bens intensivos em mão de obra. É importante entender quais foram os benefícios e malefícios trazidos pelo rápido crescimento da China, pois nem sempre os países

se especializaram, inclusive, em bens de alto valor agregado para suprir a demanda chinesa, como é o caso do Brasil, que intensificou sua produção de produtos agrícolas.

Palavras-chave: Reorientação. Desenvolvimento. Comércio Mundial. Economia Sino-Americana. Duplo-Polo.

## RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

This essay's main objective was the description and analysis of the stages of the reorientation of development strategy of China post 1978. It intended to show the rapid expansion of the industrial sector in the country, which enabled the transformation of China into an economy with high growth rates, productivity and modernization. In addition this project sought to describe the challenges that China has faced, for it was a virtually agricultural economy until 1978 and yet, in the 90's, had great participation of the industrial sector in its GDP. It is also important to highlight the immersion of China in world trade and what were its influences to the other economies.

In order to improve the project's development some specific objectives for this work were plotted. These objectives were: describe and analyze the agricultural reform, the reform in state enterprises and the reforms in foreign trade, identify the main factors responsible for China's economic growth between 1978 to 2008, identify, briefly, the productive complementarity between China and USA, identify the different patterns of productive integration between China and the developed and emerging countries, like Brazil.

Through this work it is possible to understand the importance of Sino-American Economy both for China and for the United States and the importance of the Chinese classification as "Double-Pole" in international economy. Hence, one can infer the implications of Chinese actions on Asian countries (through the so called "flying geese" model), on the developed countries, on the developing countries and commodity-producing countries, such as Brazil.

Based on the commercial and political relations that China has established, especially since 1980, one can understand their ability to influence the output of many countries. The Chinese economic strength was reflected in the production of technology-intensive and scale-intensive goods of Asian countries, and the output of developing countries in labor-intensive goods. It is important to understand what were the benefits and harms brought by China's rapid growth, for, in some countries, China's gravitational power expands the propensity to specialization on the production (and exportation) of natural resources and low value goods.

Keywords: Reorientation. Development. World Trade. Sino-American Economy. Double-Pole.

**LISTA DE FIGURAS**  
**LISTA DE TABELAS**  
**LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS**

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Série histórica da taxa de câmbio Yuan – Dólar, 1985 a 2011.....	18
Gráfico 2 – PIB da China, a preços correntes, 2000 a 2012 (US\$ Trilhões).....	24
Gráfico 3 – PIB per capita da China, a preços correntes, 2000 a 2012 (US\$ Mil).....	25
Gráfico 4 – Participação dos Setores da Economia da China no PIB, 1978 a 2008 (%).....	26
Gráfico 5 – Valor Bruto da Produção da Indústria Chinesa, 1998 a 2009 (1998 = 100).....	29
Gráfico 6 – Valor Adicionado da Indústria Chinesa, 1998 a 2007 (1998 = 100).....	30
Gráfico 7 – Valor Bruto da Produção da Indústria Chinesa / Número de Empresas, 1998 a 2009 (1998 = 100).....	32
Gráfico 8 – Valor Adicionado da Produção da Indústria Chinesa / Número de Empresas, 1998 a 2007 (1998 = 100).....	33
Gráfico 9 – Valor Bruto da Produção da Indústria Chinesa / Número de Empregados, 1998 a 2009 (1998 = 100).....	34
Gráfico 10 – Valor Adicionado da Produção da Indústria Chinesa / Número de Empregados, 1998 a 2007 (1998 = 100).....	35
Gráfico 11 – Saldo Comercial da China, 1978 a 2011 (US\$ Bilhões).....	36
Gráfico 12 – Exportações e Importações da China, 1978 a 2011 (US\$ Bilhões).....	37
Gráfico 13 – Importações da China de Produtos Industrializados do Brasil, 2000 a 2011 (US\$ Bilhões).....	50
Gráfico 14 – Importações da China de Produtos da Rubrica Agricultura do Brasil, 1997 a 2012 (US\$ Bilhões).....	51
Gráfico 15 – Composição das Importações da China de Produtos Industrializados do Brasil, 2000 a 2011(%).....	52
Gráfico 16 – Exportações da China de Produtos Industrializados para o Brasil, 2000 a 2011 (US\$ Bilhões).....	53

Gráfico 17 – Exportações da China de Produtos da Rubrica Agricultura para o Brasil, 1997 a 2012 (US\$ Bilhões).....	54
Gráfico 18 – Composição das Exportações da China de Produtos Industrializados ao Brasil, 2000 a 2001 (%)......	55
Gráfico 19 – Saldo Comercial da China com o Brasil, 2000 a 2012 (US\$ Bilhões).....	57
Gráfico 20 – Fluxo de IDE Chinês por Região, 2004 a 2010 (US\$ Milhões).....	61
Gráfico 21 – Fluxo de IDE Chinês direcionado ao Brasil, 2001 a 2012 (US\$ Milhões).....	62

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Valor Bruto da Produção da Indústria Chinesa, 1978 a 1995(%).....	27
Tabela 2 – Valor Bruto da Produção da Indústria Chinesa, 2000 a 2009 (%).....	28
Tabela 3 – Valor Bruto da Produção da Indústria / Valor Adicionado da Indústria Chinesa, 1998 a 2007 (%).....	31
Tabela 4 – Exportação da China por tipo de produto, 1980, 1985, 1990 a 2011 (US\$ Bilhões).....	38
Tabela 5 – Importação da China por tipo de produto, 1980, 1985, 1990 a 2011 (US\$ Bilhões).....	39
Tabela 6 – Exportação da China para os EUA, 2000 a 2011 (US\$ Bilhões).....	43
Tabela 7 – Importação da China para os EUA, 2000 a 2011 (US\$ Bilhões).....	44
Tabela 8 – Exportação da China por continente, 2000 a 2011 (%).....	45
Tabela 9 – Importação da China por continente, 2000 a 2011 (%).....	46
Tabela 10 – Balanço comercial da China por continente, 2000 a 2011 (US\$ Bilhões)...	47

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASEAN	Associação das Nações do Sudeste Asiático
BACEN	Banco Central
BRIC's	Brasil, Rússia, Índia e China
CEBC	Conselho Empresarial Brasil – China
CEPAL	Conferência Econômica para América Latina e Caribe
EMNs	Empresaa Multinacionais
EUA	Estados Unidos da América
FMI	Fundo Monetário Internacional
GATT	<i>General Agreement on Tariffs and Trade</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDE	Investimento Direto Externo
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Avançada
MDIC	Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior
MOFCOM	<i>Ministry of Commerce People's Republic of China</i>
NMF	Nação mais favorecida
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OEM	<i>Original Equipment Manufacturer</i>
OMC	Organização Mundial do Comércio
PCC	Partido Comunista da China
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto
PPP	Paridade Poder de Compra
SOBEET	Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização
SOE's	<i>State Owned Enterprises</i> (Empresas Estatais)

TI Tecnologia da Informação

TIC Tecnologia da Informação e Comunicação

TVE's *Township and Village Enterprises* (Empresas Rurais)

UNCTAD United Nations Conference on Trade and Development

URSS União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VA Valor Adicionado

VBP Valor Bruto da Produção

ZEE'S Zonas Econômicas Especiais

## SUMÁRIO

<b>I INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>II METODOLOGIA.....</b>	<b>4</b>
<b>III RESULTADOS.....</b>	<b>6</b>
<b>1 A REORIENTAÇÃO DA ESTRATÉGIA DO DESENVOLVIMENTO CHINESA</b> .....	<b>6</b>
<b>1.1 As Linhas Gerais da Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento Chinesa</b> .....	<b>8</b>
<b>1.2 As Reformas Específicas.....</b>	<b>11</b>
1.2.1 Reforma Agrária e as TVE's.....	11
1.2.2 A reforma das empresas estatais.....	13
1.2.3 As reformas no comércio exterior e a atração de IDE como política para desenvolvimento produtivo.....	16
<b>2 A EMERGÊNCIA DA NOVA FÁBRICA DO MUNDO.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 O Desempenho Econômico Chinês entre 1978/2010: Uma Análise</b> <b>Quantitativa.....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 A consolidação da nova oficina do mundo e seus impactos na economia</b> <b>internacional.....</b>	<b>36</b>
2.2.1. Padrão de integração Sino-Americana.....	41
2.2.2 Padrões de integração comercial chinesa.....	44
2.2.3 Padrão de integração Brasil China.....	48
i) <i>Fluxo de Comércio Brasil China.....</i>	49
ii) <i>Fluxo de Investimento Brasil China.....</i>	59
iii) <i>Oportunidades e Desafios para a Sinergia China – Brasil.....</i>	67
<b>IV CONCLUSÃO.....</b>	<b>68</b>

## I INTRODUÇÃO

A monografia desenvolvida reflete um estudo sobre a atuação do governo chinês na reorientação da estratégia de desenvolvimento iniciada a partir da década de 1980. Para isso, estudou-se principalmente as reformas econômicas realizadas nesta época capitaneadas pelo líder Deng Xiaoping. Foi importante também descobrir quais as implicações dessas reformas na própria economia chinesa e nas demais economias mundiais.

Neste sentido, os temas mais abordados sobre as reformas foram as transformações na estrutura produtiva, as mudanças da estrutura de propriedade, a importância dada ao setor industrial, a entrada de investimento externo no território chinês e principalmente a influência da China no comércio internacional. Para que o resultado atingido fosse completo, estudou-se também o período anterior às reformas, com o líder Mao Tsé-Tung no poder. A situação chinesa antecedente às reformas econômicas lideradas por Deng Xiaoping a partir de 1978, pode ser resumida como a de um país majoritariamente agrícola, dependente das exportações de baixo valor agregado, com a população residindo, em sua maioria, no campo e com a situação da fome sendo um agravante. (juntar parágrafos?)

Os setores da economia que mais se modificaram foram o agrícola e o industrial. A agricultura, considerada prioridade devido à fome, passou por reformas para melhorar a renda dos trabalhadores chineses. A elevação dessa renda agrícola foi necessária tanto para o surgimento das empresas rurais, como para o consumo das famílias. Posteriormente, a prioridade foi dada à indústria. O objetivo era induzir a migração da população chinesa para a área urbana e a partir disso, aumentar o número de trabalhadores que se tornariam os próprios consumidores dos bens manufaturados. Nesse momento, a China incentivou um maior volume de importações, principalmente em máquinas e equipamentos, a fim de se acelerar o processo de industrialização. O que também auxiliou muito neste processo foi a criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEE'S), que estimularam a entrada de empresas manufatureiras no país além do estabelecimento do câmbio desvalorizado.

Mas o desenvolvimento industrial não se baseava só nesses fatores. O Estado chinês tinha como ambição a exportação de bens de alto valor agregado, inclusive. E foi o que aconteceu a partir de meados da década de 1990. A China foi capaz de internalizar o dinamismo externo e modificar sua estrutura produtiva para produtos manufaturados de alto valor agregado com utilização de tecnologia. Segundo os dados do World Bank (1995), o

resultado já começava aparecer a partir de 1995, ano em que a China já possuía a participação de 3% das exportações mundiais.

Uma das principais influências destes resultados foi a atuação dos Estados Unidos da América (EUA) fornecendo ajuda à China no seu desenvolvimento econômico, com o denominado “desenvolvimento a convite”<sup>1</sup>. Neste contexto, a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) (com o consentimento dos EUA) foi muito importante para o país exercer influências nas demais economias mundiais, pois seus produtos foram comercializados em países do Ocidente. Além disso, a China e os EUA estreitaram suas relações comerciais e políticas dando origem à Economia Sino Americana<sup>2</sup>.

Neste cenário, serão analisadas as modificações sofridas na China no período posterior a 1978 até os dias atuais. A importância de se estudar e analisar essas modificações se dá principalmente pelo fato da China passar por um momento muito importante, o qual foi considerado pelo líder Deng Xiaoping “um país, dois sistemas”, pois o governo mantinha as origens socialistas e a economia estava passando por um processo de abertura ao comércio internacional, jamais vivenciado até então.

Para Diegues (2008), a China conseguiu manter certa interdependência entre sua estrutura produtiva e a dinâmica de acumulação de capital, essenciais para aumentar seu desenvolvimento econômico. Com a modernização de sua estrutura produtiva, a China foi capaz de exportar bens manufaturados e ser considerada como um Duplo-Polo<sup>3</sup> no comércio mundial. Neste momento, o país começou a exercer influências tanto em países desenvolvidos como os EUA, com a entrada de produtos chineses, inclusive, de alto valor agregado para competir com os produtos americanos, como em países em desenvolvimento produtores de *commodities*, caso do Brasil. A China incentivando cada vez mais o setor industrial, começou a demandar bens primários, o que ajudou na expansão da produção de países agrícolas.

---

<sup>1</sup> No contexto da Guerra Fria, os EUA tinham como objetivo manter a hegemonia do Capitalismo e destruir o regime oposto comandado pela URSS. Uma das estratégias utilizadas pelos EUA foi a aproximação de países que pudessem se tornar aliados como a China. A partir deste momento, os EUA incentivaram o crescimento econômico deste país asiático, processo conhecido como “desenvolvimento a convite”.

<sup>2</sup> O surgimento da Economia Sino-Americana se deu em um contexto de reafirmação da hegemonia dos EUA concomitantemente com a expansão econômica da China após a Guerra Fria. Nota-se que o sucesso desta aliança deve-se à complementariedade econômica entre os dois países, através de seus sistemas produtivos, comerciais e financeiros. Os EUA colaboraram para a decisão da entrada da China na OMC, este fato aumentou a participação da China no comércio internacional, permitindo que produtos chineses pudessem competir com produtos do Ocidente. Uma das principais evidências desta sinergia foi o aumento das relações comerciais entre China e EUA, inclusive maior fluxo de produtos chineses de maior valor agregado. (ACIOLY et al, 2011).

<sup>3</sup> Segundo Medeiros (2006), a caracterização da China como Duplo Polo baseia-se na elevação das exportações chinesas (de alto valor agregado) para os EUA com relação ao total das exportações asiáticas. Este efeito foi denominado mecanismo de substituição, pois a China desloca os países asiáticos dessa concorrência. Em contrapartida, a China passa a importar dos seus vizinhos os insumos e matérias primas necessários para a produção de tais bens (mecanismo complementar). Além disso, com o aquecimento do mercado interno chinês, os países asiáticos passam a suprir o excesso de demanda existente neste território.

A partir da revisão da literatura e do acesso aos dados sobre a economia chinesa, neste trabalho serão apresentadas quais foram as estratégias utilizadas pelo governo a partir da década de 1980, para que o país pudesse atingir um crescimento pujante da sua economia e se tornar tão influente no cenário internacional a partir dos anos 2000. Para isso será necessária a análise de alguns indicadores como PIB, Valor Bruto da Produção Industrial (VBP), Valor Adicionado da Produção Industrial (VA) e número de trabalhadores.

O trabalho será estruturado em duas seções. Primeiramente, o contexto no qual se inseriu o processo da reorientação da estratégia de desenvolvimento chinesa; quais foram as decisões tomadas pelo líder Deng Xiaoping, a partir de 1978, a respeito das reformas na estrutura produtiva agrícola e industrial; as relações comerciais e a importância da China no mundo, econômica e politicamente. Para isso, será necessário entender as reformas econômicas que o governo comandou na agricultura, na indústria, nas empresas estatais e privadas, no comércio exterior e no fluxo de Investimento Direto Externo (IDE).

Posteriormente, a emergência da China como a “nova oficina do mundo”. Neste momento, serão interpretados alguns indicadores (como foi citado anteriormente), que enfatizam o rápido crescimento econômico da China e sua influência no cenário internacional. Também será explicado qual é o padrão de comércio chinês capaz de tornar a China uma das potências mundiais, quais as relações desta nação com os países desenvolvidos, em desenvolvimento e subdesenvolvidos, principalmente os EUA. O enfoque final será dado nas relações de comércio e de investimento entre a China e Brasil devido à importância de se analisar esta trajetória, uma vez que, a parceria entre os dois países está aumentando, o que pode trazer tanto benefícios ou malefícios para ambos.

## II METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é composta por duas fases. A primeira baseia-se na revisão bibliográfica e a segunda na coleta de dados relativos ao processo de transformações econômicas realizadas na China entre 1978 e meados dos anos 2000.

Como foi definida, a revisão bibliográfica foi feita desde o final de 2011 com artigos e textos sobre a dinâmica de desenvolvimento da industrialização chinesa, principalmente, através das reformas econômicas realizadas com a entrada do líder Deng Xiaoping no poder a partir de 1978.

Os textos utilizados foram baseados principalmente do autor Carlos de Aguiar Medeiros que descreveu os desafios percorridos pela China durante este período. Estes desafios abrangiam tanto o setor produtivo, como o político e cultural no território chinês. Dois grandes aliados nesta dinâmica foram os EUA e os países asiáticos. Outro grupo que mereceu destaque foram os países produtores de *commodities*, como o Brasil, que fortaleceram o desenvolvimento da China nas relações comerciais entre ambos.

Posteriormente, foi efetuada a segunda fase da metodologia: coleta e análise de dados. A partir dos indicadores econômicos obtidos pôde-se estudar a estrutura do comércio mundial, na qual a China estava inserida e quais foram as etapas percorridas por ela durante sua Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento.

Embora os dados, algumas vezes, fossem de difícil acesso ou de qualidade questionável, existiam algumas fontes mais confiáveis. Dentre elas, a fonte mais utilizada neste trabalho foi o site National Bureau of Statistics of China (2010), considerado o mais confiável para análise das estatísticas oficiais do governo chinês.

Em um primeiro momento analisou-se os dados do Valor Bruto da Produção Industrial. O que se destacou foi que a estratégia de desenvolvimento trouxe muitos resultados ao longo dos anos, pois o país apresentou um expressivo aumento da produção industrial. Outro dado escolhido foi o Valor Adicionado da Indústria, que pôde demonstrar o quanto a indústria chinesa estava agregando aos insumos utilizados na produção. Além desses indicadores, pôde-se observar a mudança das propriedades das empresas, que após 1980 passaram a ser crescentemente de propriedade privada e nacional.

Para complementação dessas análises, algumas transformações foram feitas com estes dados. Por exemplo, para obter uma *proxy* do porte médio das empresas foram utilizados o Valor Bruto da Produção Industrial sobre o número de empresas chinesas e também o Valor Adicionado da Indústria sobre o número das empresas. Para representar uma

*proxy* da produtividade da indústria, utilizou-se o Valor Bruto da Produção Industrial sobre o número de empregados e o Valor Adicionado da Indústria sobre o número de empregados.

O site National Bureau of Statistics of China também abrangeu as informações do PIB por setores, ou seja, qual a participação dos setores industriais no PIB chinês. Este dado demonstra a mudança estrutural da indústria neste período, principalmente a intensidade que o setor manufatureiro veio apresentando ao longo dos anos.

Outro site que foi utilizado para análise do PIB e do PIB per capita chinês foi o FMI Data and Statistics. Esta fonte considerada confiável internacionalmente demonstrou precisão para analisar o valor do PIB chinês em comparação com o PIB dos EUA, por exemplo.

Para análise do comércio exterior chinês foi utilizado principalmente os sites National Bureau of Statistics of China e o Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior (MDIC) Alice Web (2011). Estes dados foram importantes para a percepção da China como a “nova oficina do mundo”. Com isso, foram analisados o saldo comercial no período, o volume de exportações e importações por regiões.

A escolha desta metodologia fez parte de uma longa trajetória de estudo para o melhor entendimento das relações Chinesas com o resto do mundo, uma vez, que este assunto é de extrema importância no mundo devido às repercussões da entrada da China no mercado internacional e suas consequências para a economia dos diversos grupos de países.

### III RESULTADOS

Esta monografia teve como objetivo principal demonstrar a estratégia utilizada pela China em seu processo de desenvolvimento econômico após a entrada do líder Deng Xiaoping no poder em 1978. A partir deste tema, foram traçados alguns objetivos específicos.

Para a concretização do objetivo principal foi utilizada uma metodologia composta por duas fases. Primeiramente, foi feito um estudo da bibliografia sobre este tema e também foi construída uma trajetória deste contexto. Posteriormente, foi feita uma análise dos dados obtidos para o melhor entendimento da literatura escolhida.

Para melhor entendimento da ascensão da China no cenário mundial os resultados foram demonstrados em duas seções complementares, de acordo com a metodologia. A primeira seção representou o contexto histórico e econômico do país, quais eram os desafios para expandir o desenvolvimento industrial em seu território e quais foram as etapas que o Estado chinês utilizou como estratégia. Na segunda seção buscou-se analisar os dados obtidos neste período e quais as possíveis explicações para a situação em que a China se encontra atualmente, uma superpotência econômica.

#### 1 A REORIENTAÇÃO DA ESTRATÉGIA DO DESENVOLVIMENTO CHINESA

A reorientação da estratégia de desenvolvimento chinesa é realizada durante o governo de Deng Xiaoping, a partir de 1978. O período antecedente foi caracterizado pela formação da base da industrialização chinesa. Nesta época, o governante Mao Tsé-Tung já previa a mútua ligação entre industrialização e o setor agrícola. Este seria necessário ao setor industrial devido ao seu fornecimento de matéria prima tanto para a produção da indústria como para os trabalhadores urbanos, sendo essa a fonte de alimento para eles. O capital acumulado com a produção agrícola proporcionaria certo auxílio no financiamento do desenvolvimento industrial chinês. Além disso, seria o setor agrícola fonte de renda necessária para a formação de um mercado consumidor para o setor industrial. Os trabalhadores do campo receberiam pelo trabalho realizado e poderiam utilizar-se dos serviços e de bens de consumo duráveis e não duráveis.

Neste período anterior a 1978 a sociedade chinesa era composta por 80% da população residindo no campo, sendo que, 70% do PIB eram representados pelo setor primário. (NABUCO, 2009, p.1; YANG & FANG, 2000, p. 38). O contexto ainda apresentava um nível elevado de fome decorrente da má distribuição tanto de alimentos como de renda. Com estes dados, pode-se observar a dependência da agricultura e necessidade de uma reforma agrícola como uma das estratégias do desenvolvimento chinês.

Ao mesmo tempo, com a configuração da indústria pesada no território chinês ainda no período maoísta, outros tipos de indústria como as de bens de consumo poderiam se solidificar no governo posterior. Com o apoio do Estado neste processo desde o financiamento até o planejamento, haveria avanços na tecnologia, na eficiência e na produtividade da indústria pesada<sup>4</sup>, proporcionando a diversificação da estrutura produtiva.

Deste momento em diante pode-se observar um histórico de elevadas taxas de crescimento acompanhadas de modernização no parque industrial. O governo de Deng Xiaoping foi beneficiado pela maior facilidade, na época, de se inserir no comércio mundial, pois a China contou com o apoio dos EUA, principal hegemonia política e econômica, e pôde formar uma aliança com este país, a chamada economia Sino-Americana. Além disso, as restrições impostas por organismos multilaterais como Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial, principalmente o *General Agreement on Tariffs and Trade* (GATT) (antecedente da OMC) eram significativamente menores.

A reorientação da estratégia do desenvolvimento causou descentralização das decisões econômicas devido às transformações estruturais que seriam realizadas no setor industrial e à expansão dos fluxos de IDE através da importância dada ao país no comércio internacional. Esta estratégia é muito mais complexa do que apenas o termo “crescimento voltado para fora” proposto pelo Banco Mundial, pois a conta com o aumento de investimentos públicos em infraestrutura e política de crédito subsidiado às empresas estatais. O crescimento presenciado na China utilizou mecanismos de planejamento e de mercado. Estes mecanismos foram articulação do controle inflacionário e do crescimento econômico, reforma de empresas estatais, crédito subsidiado para as empresas estatais, incentivos fiscais

---

<sup>4</sup> A indústria pesada é muito importante para a posterior industrialização nos países, devido à capacidade desta indústria - através de efeitos de *linkages* - de impulsionar o desenvolvimento e o crescimento dos outros setores industriais. Isso porque este setor é responsável pela produção de máquinas, equipamentos e insumos que são demandados pelos demais setores da estrutura produtiva local. Além disso, com uma indústria pesada já desenvolvida, o país se tornará menos dependente do setor externo para importação bens estratégicos necessários à expansão da economia.

para os investimentos estrangeiros direcionados para alta complexidade tecnológica e políticas de estímulos ao IDE.

Esta seção, portanto, apresentará as principais características do movimento de reorientação da estratégia de desenvolvimento chinês iniciado a partir do final da década de 1970. Com base nessas orientações, será apresentado o contexto econômico desta época em conjunto com interpretações que buscam explicar como se deu este processo na China. Posteriormente, serão enfatizadas quais as ações foram tomadas pelo Estado para que o país avançasse no cenário mundial.

Para se obter uma análise mais profunda de como ocorreu este processo de desenvolvimento na China, na próxima subseção serão expostas as explicações do sucesso econômico obtido pelo país e como ele conseguiu expandir sua participação no comércio internacional.

A segunda subseção apresentará a descrição das reformas necessárias para haver esta reorientação econômica e política na China, de acordo com o contexto analisado anteriormente.

## **1.1 As Linhas Gerais da Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento Chinesa**

A modernização da estrutura produtiva chinesa foi introduzida através de reformas realizadas no governo de Deng Xiaoping. A meta principal destas reformas era o desenvolvimento do processo industrial da China.

O êxito desse processo de modernização pode ser explicado através de várias vertentes. Dentre elas, a expansão das exportações que gerava aumento da entrada de divisas no país. O maior volume de divisas proporcionava expansão das importações, principalmente, de máquinas, instrumentos e equipamentos inexistentes na produção nacional. Tais insumos foram essenciais para aumentar a capacidade produtiva nacional e, posteriormente, direcionar o parque industrial para a exportação de bens com maior avanço tecnológico, como bens de capital.

Outra vertente é o incentivo ao fluxo de IDE para expandir o parque produtivo e diversificar a pauta exportadora. Quanto maior o investimento direto externo direcionado para o setor industrial da China, a relação do país com o mundo se fortaleceria e, ao mesmo

tempo, dinamizaria a “internalização” do processo industrial. Com esta dinâmica, a China se tornaria cada vez mais importante no cenário do comércio mundial devido ao aumento da sua capacidade de produzir e exportar bens com maior intensidade tecnológica.

A terceira vertente corresponde ao conhecido mecanismo do “desenvolvimento a convite” realizado pelos EUA. No período da Guerra Fria, os EUA tinham como objetivo o isolamento da URSS. Sendo assim, uma maior aproximação com a China, gigante comunista e parceira dos soviéticos, se tornaria em uma estratégia de combate ao regime antagônico. Para isto, o país capitalista realizou o processo de abertura do mercado ocidental para os produtos chineses e permitiu a entrada da China na OMC (em 2003), configurando assim, um fortalecimento da relação comercial e política sino-americana. Outro condicionante externo a esse desenvolvimento econômico chinês, também realizado pelos EUA, foi a ofensiva comercial americana contra o Japão com o Acordo de Plaza em 1985. Este acordo, ao fazer com que a moeda japonesa valorizasse perante o dólar, diminuiu a competitividade nipônica. Deste modo incentivou, dentro do paradigma dos gansos voadores<sup>5</sup>, a transferência de investimento em atividades produtivas do Japão para a China – uma vez que esta apresentava custos substancialmente mais baixos do que aquele país.

A China, neste momento, estava passando por um *catching up*<sup>6</sup> tecnológico. Ela foi classificada como país em desenvolvimento e reconhecida como nação mais favorecida (NMF) pelos EUA. Foram permitidos altos volumes de exportação de têxteis para os norte-americanos, classificando-a como maior exportadora “não regulada” de têxtil para os EUA. Isso fez com que a China aumentasse seu acesso ao mercado consumidor e ao crédito no mercado mundial, fortalecendo cada vez mais a economia sino-americana.

Tanto as facilidades ao crédito para financiamento como as regalias norte-americanas dadas ao país fizeram com que diminuíssem as barreiras ao desenvolvimento do processo industrial. O acúmulo de divisas permitia o aumento de importação de máquinas e

---

<sup>5</sup> O modelo dos Gansos Voadores citado por Palma (2005) explicita características de alguns países asiáticos que durante as décadas de 1960 e 1970 observaram relevante crescimento econômico, fundamentalmente orientando sua economia para exportação. O diferencial deste grupo é o fato de que, aliada às políticas pró-crescimento, estes países criaram mecanismos de integração geo-econômica que alavancava o crescimento dos países vizinhos. Dois grupos distintos são, portanto, necessários: aqueles que puxam o crescimento ou gansos líderes (em especial o pioneiro Japão) e os que são puxados, ou gansos retardatários (a China, por exemplo). A evolução chinesa começa com a especialização em produtos nos quais possui vantagem comparativa (notoriamente produtos trabalho-intensivos) e culmina no avanço de setores com alto valor agregado. Deste modo, segundo Oliveira (2009), a China, após a crise dos anos 1980, substituiu o Japão no papel de Ganso Líder.

<sup>6</sup> A estratégia de desenvolvimento da China apresentava uma série de fatores. Dentre elas, as reformas econômicas foram as principais determinações do Estado, pois o país precisava recuperar o atraso tecnológico em relação aos países desenvolvidos, como os EUA. Neste sentido, um dos objetivos do governo chinês era que o país passasse por um processo denominado “*catching up*” tecnológico, ou seja, a China passaria por um rápido período de desenvolvimento da sua estrutura produtiva, para ser capaz de produzir e exportar bens com alto valor agregado, se tornando assim, um país com alto desenvolvimento industrial.

equipamentos necessários para a modernização do parque industrial. Esses privilégios dados à industrialização chinesa proporcionaram a aceleração do processo denominado, *catching-up*.

Ambas as vertentes que tentam explicar o caminho do desenvolvimento econômico trilhado pela China apresentam a importância do processo de industrialização para este desenvolvimento. Segundo Kaldor<sup>7</sup> (1908-1986), este dinamismo pode ser expresso, utilizando-se da linha de pensamento keynesiana, com base em algumas leis criadas por este autor. A primeira revela que o crescimento do setor industrial é a principal fonte do crescimento econômico, majoritariamente pela inovação tecnológica inerente ao crescimento deste setor. A segunda mostra que a relação entre crescimento econômico e crescimento industrial provou-se ser uma relação de causalidade. A terceira implica que havendo expansão do produto industrial impulsionado por pressões de demanda, haverá por consequência, transferência de mão-de-obra para setores mais produtivos, uma vez que o setor industrial é, na visão de Kaldor, aquele que tem maior potencialidade de crescimento. Por último, a demanda externa por produtos industrializados é a principal fonte de crescimento econômico, visto que esse tipo de comercialização apresenta vantagens para exportadores de produtos industriais tanto no âmbito de valor agregado ao produto, como no que diz respeito ao controle tecnológico dos meios de produção mundo afora. (DIEGUES & ANGELI, 2011, pp. 8-9).

Dito isso, pode-se notar que o processo de industrialização ocorrido na China obedeceu a rigor o que foi postulado por Kaldor, enaltecendo, mais uma vez, a importância de um país passar por um processo de industrialização se este almeja atingir níveis cada vez maiores de desenvolvimento econômico.

É importante lembrar que no caso da economia chinesa, buscou-se internalizar o dinamismo das exportações, tendo como principal vetor a ação governamental. A liderança e controle do Estado Chinês neste processo de industrialização está expressa no vultoso fluxo de investimentos públicos direcionados ao crescimento e proteção da indústria, bem como à criação e expansão da demanda efetiva.

---

<sup>7</sup> Kaldor (1908 – 1986), pesquisador da Universidade de Cambridge, buscou entender as diferenças entre as taxas de crescimento dos países. Ele acreditava que o crescimento econômico era procedente do desenvolvimento do parque industrial de um país.

## 1.2 As Reformas Específicas

As reformas do governo de Deng Xiaoping foram realizadas com intuito da reorientação da estratégia de desenvolvimento chinesa. Como já foram contextualizadas na seção anterior, estas reformas eram necessárias para que houvesse modernização no processo produtivo e aumentasse a capacidade industrial do país. Além disso, a conjuntura mundial na década de 80 foi importante para a concretização dessas reformas.

Na próxima seção essas mudanças serão analisadas com maior especificidade para o melhor entendimento da efetivação do rápido processo de desenvolvimento assistido pela China. As principais reformas descritas serão: reforma agrária e as *township and village enterprises* (TVE's), a reforma das empresas estatais (SOE's) e as reformas no comércio exterior e a atração de IDE como política para o desenvolvimento produtivo.

### 1.2.1 Reforma Agrária e as TVE's

Com a ascensão de Deng Xiaoping ao poder, houve o processo de reorientação da estratégia do desenvolvimento chinês, como foi explicado anteriormente. Para entender o motivo da necessidade de uma mudança na estrutura agrícola do país deve-se compreender o período antecedente e a estrutura correspondente.

Em meados da década de 70 a agricultura passava por uma situação desfavorável ao cenário econômico do país. O setor agrícola apresentava baixa produção e baixa produtividade, decorrência das técnicas rudimentares durante o plantio e na colheita.

A produção era organizada em cooperativas, sistema adaptado pelo líder Mao Tsé-Tung, no governo anterior. As cooperativas funcionavam de forma que cada família cuidava da área que lhe fosse designada, mas esta era de propriedade estatal. Nas cooperativas, existiam dirigentes que determinavam o tempo de trabalho e as metas de produção de cada família. Após o cumprimento dessas ordens, as famílias poderiam exercer atividades de subsistência.

O objetivo da criação deste sistema realizado por Mao Tsé-Tung era cessar as desigualdades entre as classes sociais. Mas, ao mesmo tempo, diminuiria a produção e a produtividade deste setor, já que não havia privatização dos ganhos. Sendo assim, os ganhos

eram restringidos, uma vez que, não havia incentivo no trabalho individual para estimular a produtividade. A remuneração era feita apenas de acordo com a jornada de trabalho realizada.

O motivo de se alterar esta estrutura agrícola apresentada na China, até então, seria melhorar a produtividade, uma vez que, essa se encontrava em um nível insatisfatório para as necessidades do Estado Chinês. Para isto, era preciso haver certa “descoletivização”. A terra permaneceria como propriedade do Estado, mas seriam distribuídas às famílias para que pudessem usufruir de suas riquezas. Parte do que era produzido pelas famílias deveria ser vendida para o Estado a um preço estabelecido anteriormente e a parte restante poderia ser vendida no mercado com um preço, possivelmente, maior que aquele fixado pelo Estado. (MEDEIROS, 1999, p.104).

Este sistema implantado por Deng Xiaoping ficou conhecido como *bao gan dao hu*. Como parte dos ganhos poderia ser privatizada, poder-se-ia observar aumento dos esforços dos agricultores e conseqüentemente aumento da produtividade no campo. Pode-se perceber, então, o êxito deste sistema. Em 1983, 94% de todas as famílias agrárias já trabalhavam de acordo com este sistema.

Em consequência, o Estado optou por aumentar o preço dos produtos primários neste período, o que acabou incentivando os ganhos dos produtores e viabilizando a compra de insumos e fertilizantes por parte destes, fazendo assim, com que a economia fosse estimulada. Observou-se um aumento de 32% da produção agrícola no período de 1978 a 1985 além de uma maior diversidade nas culturas. (UNITED STATES, 2011).

Com as reformas agrícolas de Deng Xiaoping, o produtor seria incentivado a aumentar a sua quantidade produzida e sua área de produção. Sendo assim, apresentaria maior produtividade na agricultura. O surgimento do excedente para os camponeses foi fundamental para o desenvolvimento industrial chinês.

Houve uma transição de um sistema de subsistência para um sistema que se obtinha excedentes considerados como lucros. Ou seja, o camponês que anteriormente ao processo transitório das reformas agrícolas não tinha acesso ao mercado consumidor, agora poderia demandar produtos manufaturados, mesmo sendo muitas vezes de baixo valor agregado, dinamizando a economia. Os produtos industrializados demandados poderiam ser tanto de utilidade de consumo próprio como para o avanço da agricultura como a necessidade de máquinas e fertilizantes. Neste contexto benéfico para a modernização da estrutura produtiva surgem as chamadas empresas rurais – *township and village enterprises* (TVE's).

Através destas reformas, as empresas denominadas TVE's poderiam atuar em quais setores fosse necessário para a industrialização, o que contribuiu para um avanço na

transformação da estrutura produtiva chinesa em um pequeno período de tempo. A autoridade exercida sobre as TVE's seria dos governos locais ou lideranças do partido, mas estas deveriam prestar contas à autoridade maior que seria o aparelho burocrático do Estado. Sendo assim, o Estado permanecia no poder de maneira indireta. Pode-se observar um conjunto de três grandes transformações derivadas das reformas realizadas como a elevação da produtividade, distribuição privada de parte do excedente produzido e liderança Estatal com planejamento industrial.

Em meados da década de 80 o cenário econômico era constituído por 70% do PIB sendo representado pelas empresas estatais e apenas 10% pelas TVE'S. Com todas essas reformas realizadas, houve uma mudança na composição do PIB, benéfica para as empresas rurais. Em 1992, as empresas estatais diminuíram sua participação para 48% contra o aumento para 26% das TVE's. (RAWSKI & JEFFERSON, 1994, p. 48.).

### 1.2.2 A reforma das empresas estatais

O papel do governo foi essencial na liderança das reformas das empresas estatais - *State Owned Enterprises* (SOE's), assim como, nas reformas anteriormente citadas. As mudanças estruturais feitas nessas empresas foram necessárias para promover uma economia mais dinâmica e uma indústria mais moderna.

As empresas estatais eram presentes na economia desde a liderança de Mao Tsé-Tung, mas com a ação das reformas de Deng Xiaoping a participação destas no total da produção nacional caiu para 48% do PIB em 1992 (RAWSKI & JEFFERSON, 1994, p. 48). Este dado não implica uma menor ênfase dada às estatais no processo produtivo e sim em uma mudança da função dessas empresas. Com as reformas, as empresas estatais exerceriam o controle da política industrial e de tecnologia além dos investimentos necessários à produção.

Em 1984 os subsídios para a produção foram ampliados, aumentaram os sistemas de crédito para que as SOE's pudessem adquirir maiores investimentos. Buscou-se expandir o volume das exportações para adquirir novos e maiores mercados através de ajuda das intermediárias estatais. E, referente ao mercado de trabalho, foram utilizados novos mecanismos salariais que garantiriam a remuneração ao trabalhador referente à produtividade marginal de seu trabalho. (CLARO, 2003, p. 269). Com esta conquista, o trabalhador seria estimulado a aumentar a produção. Assim, tanto a indústria teria benefícios com o aumento de

sua produtividade, como o trabalhador, que incentivado, poderia receber aumentos salariais de acordo com o seu rendimento na indústria.

Neste período de mudanças na estrutura industrial houve certa prioridade dada às grandes empresas. O intuito era a transformação destas em grandes conglomerados no futuro. A suma importância dada aos conglomerados se dá pelo fato destes poderem competir no mercado internacional com mais força e competência devido ao tamanho da estrutura industrial exigida para este comércio. Já as empresas estatais consideradas de pequeno porte foram administradas pelas TVE's de médio porte, SOE's ou até mesmo empresas privatizadas.

As ideias expostas vão ao encontro da teoria criada por de Joseph Schumpeter, em 1912 e 1942. Para o autor, a inovação é o fator *sine qua non* ao desenvolvimento econômico, nos moldes do capitalismo avançado. Entende-se aqui inovação não somente como a invenção de novos produtos, mas também novas técnicas e métodos capazes de revolucionar as estruturas produtivas e sua disseminação por toda a economia.

A inovação é um processo que demanda esforços de concentração (ou oligopolização) da economia com vistas a tornar as firmas capazes de criar mecanismos de inversão em pesquisa e desenvolvimento. Parte-se do princípio de que a formação de conglomerados muda o foco das empresas no que diz respeito à concorrência.

Nos marcos da economia neoclássica os oligopólios (e mais especialmente os monopólios) são duramente combatidos, pois para essa corrente teórica o preço é uma das chaves fundamentais para a manutenção da concorrência. Entretanto, as economias de escala, geradas pela oligopolização, alteram esta lógica uma vez que os preços deixam de ser o campo de duelo entre as empresas.

O embate agora se dá no campo da inovação e, para Schumpeter, esse tipo de disputa é, por um lado, muito mais intensa e, por outro lado, mais vantajosa para a economia e para sociedade como um todo. De acordo com o autor, o duelo via preços não era nada além de uma disputa por margens maiores de lucro. Contudo, o duelo via inovação se configura em uma luta por sobrevivência que faz com que as empresas busquem sempre o extermínio das rivais (destruição) via desenvolvimento de técnicas/produtos/valores excepcionais (criação). Daí o termo conhecido como “destruição criadora”. Tal processo, segundo o autor, deve ser não apenas esperado, mas perseguido pelas economias que pretendem se desenvolver.

(...) mas, na realidade capitalista e não na descrição contida nos manuais, o que conta não é esse tipo de concorrência, mas a concorrência de novas mercadorias, novas técnicas, novas fontes de suprimento, novo tipo de organização (a unidade de controle na maior escala possível, por exemplo) — a concorrência que determina uma superioridade decisiva no custo ou na qualidade e que fere não a margem de

lucros e a produção de firmas existentes, mas seus alicerces e a própria existência (...). (SCHUMPETER, p. 112)

Essa divisão por tamanho das empresas poderia gerar algumas consequências no cenário industrial. As possíveis modificações seriam a modernização da estrutura produtiva, pois cada tipo de indústria seria direcionado à sua capacidade de produção e se as grandes empresas fossem transformadas em conglomerados, seriam incentivadas, cada vez mais, a inovarem a estrutura produtiva, utilizando tecnologia. As grandes empresas, intensificando a produção, inclusive, em bens de alto valor agregado, aumentariam a competitividade no mercado externo. Sendo assim, haveria certo direcionamento para o desenvolvimento dos setores industriais intensivos em P&D e, o Estado, também garantiria maior suporte às empresas para a competição do mercado mundial.

Além disso, o Estado Chinês implantaria uma nova dinâmica garantindo a abertura do mercado aliada à autonomia administrativa das SOE's com aumento de crédito e de produtividade. O resultado destas ações seriam altas taxas de investimento, e consequentes crescimentos do PIB, pois os investimentos no setor industrial gerariam melhoras na estrutura produtiva e aumentos no emprego.

Concomitantemente, o papel fundamental das estatais seria incentivar a política industrial, principalmente, na estratégia produtiva e tecnológica de longo prazo da China. O investimento de longo prazo gera uma melhora na estrutura produtiva direcionada para P&D. Como consequência aumentaria a demanda por produtos das TVE's e a dinâmica dos mercados. O nível de emprego nas cidades aumentaria e a criação dos grandes conglomerados potencializaria a capacidade de modernização industrial e investimentos em P&D. Os altos fluxos de investimentos levariam a um PIB mais elevado.

O Partido Comunista da China (PCC) exerceria um controle indireto sobre as empresas estatais (SOE's) e as empresas rurais (TVE's), para promover o planejamento do Estado na atuação destas empresas, garantindo assim, a execução da coordenação de uma política industrial com maior utilização de tecnologia e P&D. Sendo este controle realizado de maneira indireta, os dirigentes das empresas estatais seriam capazes de realizar o planejamento estabelecido pelo Estado e, ao mesmo tempo, de controlar as demandas de mercado.

Ao captar as necessidades do mercado, os dirigentes das estatais proporcionariam um melhor controle da produção, pois dependendo da demanda, haveria maior ou menor utilização de tecnologia e P&D nos bens. Caso a demanda fosse direcionada aos bens intensivos em alta complexidade tecnológica, haveria maior tecnologia e P&D na

produção dos mesmos. Caso a demanda fosse direcionada a bens intensivos em baixa intensidade tecnológica, seria o contrário. Deste modo, não haveria duplicação de esforços, desperdício de materiais e de tempo. Assim, estas empresas seriam capazes de atuar de modo produtivo e eficiente no mercado e, concomitantemente, atingiriam outros setores chave da economia, os quais foram estabelecidos pelas metas do planejamento estatal.

### 1.2.3 As reformas no comércio exterior e a atração de IDE como política para o desenvolvimento produtivo

As reformas realizadas no pós 1978 provocaram tanto um nível alto de produtividade, como um maior volume do PIB, como já foi citado na subseção 1.2.2. Mas como se sabe, o desenvolvimento industrial e econômico é restrito e barrado quando não se tem capacidade de importar tecnologia de países desenvolvidos para modernizar a estrutura produtiva interna.

Com isso, a solução encontrada pela China, visando incrementar cada vez mais seu desenvolvimento industrial e econômico foi o incentivo dado às exportações. A China, em apenas vinte anos, apresentou um aumento de suas exportações de US\$ 62 Bi, em 1990, para US\$ 1.578 Bilhões, em 2010, o que resultou em *superávits* comerciais cada vez maiores (US\$ 9 Bi em 1990, para US\$ 182 Bilhões em 2010). A importância desta expansão das exportações é internalizar o dinamismo externo proporcionando a modernização do processo produtivo, pois com o volume de divisas adquirido do sucesso das exportações pôde-se criar um saldo a ser direcionado à importação de bens intensivos em tecnologia e P&D, principalmente máquinas e equipamentos. (CHINA STATISCAL YEARBOOK, 2011).

A classificação de China como nação mais favorecida (NMF) pelos EUA incentivou a expansão de suas exportações fazendo com que esta atingisse um patamar privilegiado no comércio internacional, podendo incentivar a expansão de suas exportações.

Outro fator essencial neste contexto foi a abertura comercial realizada pelo líder da época, Deng Xiaoping. Houve um aumento do fluxo comercial da China<sup>8</sup> com o resto do mundo, principalmente, com países aliados dos EUA que acreditavam na competência da aliança da econômica Sino-americana.

---

<sup>8</sup> O fluxo comercial e o fluxo de IDE da China serão detalhados na seção 2.2 com a evolução desde 1980 até 2010. Esta análise terá como objetivo o entendimento do padrão das relações comerciais e de investimento da China com o resto do mundo

Estes dois fatores influenciaram no aumento do volume de produtos exportados pela China para o resto do mundo. O maior volume de divisas advindo das exportações permitiu que aos poucos, houvesse diversificação da pauta exportadora, melhorando cada vez mais, a atuação da China nas negociações no comércio internacional.

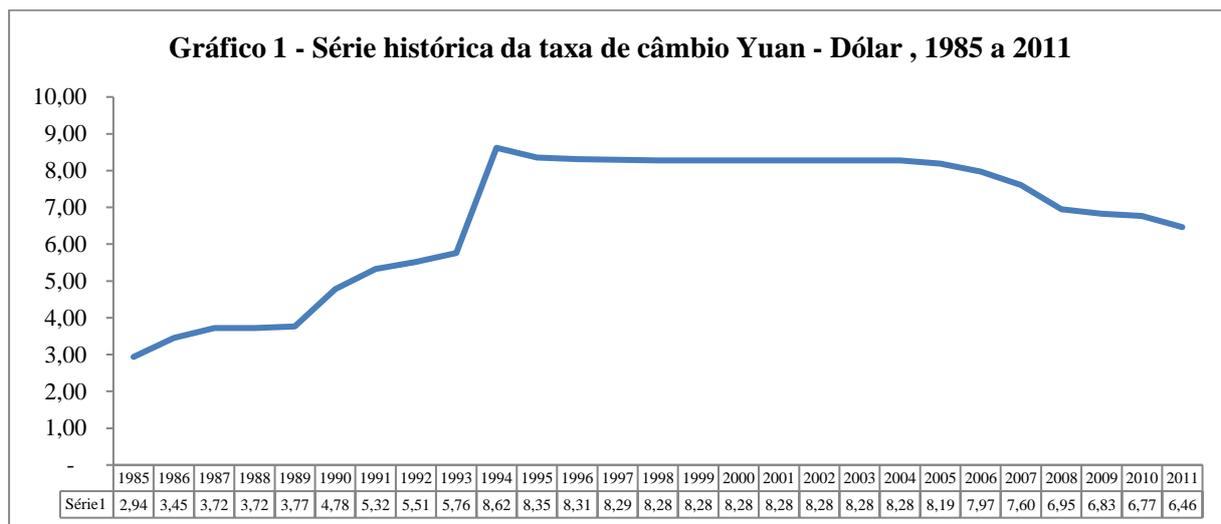
Mas para modernizar o parque industrial e, assim, melhorar a estrutura produtiva eram necessários mais investimentos, pois o volume de divisas para comprar os bens de capital não eram suficientes para realizar tais transações. Uma das estratégias utilizadas para o fomento da indústria foi a atração de investimento direto externo (IDE), através de um conjunto de política que uniram câmbio depreciado, mecanismos de financiamentos, juros baixos e incentivos para a expansão das exportações.

Todos esses mecanismos resultariam em benefícios no volume de exportações e no maior fluxo de IDE. Uma das criações realizadas pelo Estado para incentivar a atuação desses mecanismos foi a das Zonas Econômicas Especiais (ZEE's). As empresas que se localizassem nessas áreas poderiam usufruir de isenções fiscais e liberdade cambial. A criação das zonas econômicas costeiras foi tida como uma estratégia para absorver capital vindo de Hong Kong e Taiwan e, ao mesmo tempo, o objetivo era praticar uma política de “portas abertas”. A estratégia formulada por Deng Xiaoping foi denominada “um país, dois sistemas” nos anos 80, fazendo menção à relação quase paradoxal entre a China comunista fechada ao mundo e a Nova China capitalista aberta ao comércio internacional.

Para a realização efetiva de um maior fluxo de IDE haveria uma série de pré-requisitos. Como na China, estes requisitos eram presentes, o país se beneficiou com a forte entrada de investimentos advindos de vários países, principalmente de Hong Kong, Japão e EUA. (MEDEIROS, 2009). A combinação de câmbio desvalorizado e estável, baixos custos na produção que corresponde aos incentivos fiscais e às exportações, crédito na produção, baixos custos dos salários, baixos custos da terra e baixos custos dos insumos, escala crescente e terceirização das atividades produtivas é que atraíram o IDE ao parque industrial chinês. Com a entrada de capital externo e tecnologia no país, formou-se uma complexa estrutura produtiva.

Um dos incentivos citados para o desenvolvimento da indústria, essencial até os dias de hoje é o câmbio artificialmente desvalorizado. A China insiste em manter a sua moeda desvalorizada perante as demais para fortalecer o volume de suas exportações. Em consequência dessa moeda desvalorizada, a atuação chinesa no comércio exterior discorda das orientações da OMC, pois o país mantém o *yuan* artificialmente desvalorizado, como pode ser analisado no Gráfico 1. Em 1985, para 1 dólar era necessário 2,94 yuan, a taxa de câmbio

chinesa foi sendo desvalorizada cada vez mais, pois em 2011 para 1 dólar era necessário 6,46 yuan. Este mecanismo contribuiu para o aumento do volume de divisas acumuladas pela China. Pode-se considerar que a China é uma das maiores detentoras das reservas de dólares do mundo, como consequência de sua política agressiva de exportações. Este instrumento fortalece ainda mais a capacidade de importar e modernizar a indústria.



Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2011).

Uma das estratégias de médio-longo prazo muito utilizadas foi, inicialmente, a importação de máquinas e equipamentos dos EUA, inexistentes na estrutura de produtiva chinesa, para, assim, dar início à produção de bens de baixo conteúdo tecnológico. O próximo passo neste progresso gradual foi a capacitação da China na produção de peças, máquinas e equipamentos dentro do próprio país, até finalmente conseguir atingir a meta de criar um núcleo endógeno do progresso técnico.

Como a China estava em sua fase inicial do desenvolvimento industrial, a produção seria composta apenas por produtos de baixa complexidade tecnológica e o destino destes seriam países que não os produzissem. Sendo assim buscou-se, primeiramente, exportá-los, principalmente, para países asiáticos, pois além de serem estratégicos geograficamente já eram parceiros comerciais dos produtos chineses.

Assim, a China poderia dinamizar seu processo produtivo valendo-se das economias de seu entorno e, ao passar do tempo, incentivar o seu *catch-up* com as estruturas produtivas de países desenvolvidos. O resultado dessas políticas se viu na maior

competitividade do produto chinês e maior atração de empresas exportadoras, tanto as multinacionais como as chinesas.

## 2 A EMERGÊNCIA DA NOVA OFICINA DO MUNDO

A China, considerada a nova fábrica do mundo, passou por um rápido e vultoso crescimento econômico desde as reformas realizadas com a política do líder Deng Xiaoping. Segundo Medeiros, em *“O ciclo recente de crescimento chinês e seus desafios”*, existem duas hipóteses para o crescimento da China dos últimos anos.

A primeira hipótese refere-se ao aumento significativo do volume das exportações, sendo que estas obtiveram elevações superiores aos demais componentes da renda, desde 2001. Esse fato contribui para o saldo positivo da balança comercial com os países, especialmente com os EUA, e conseqüentemente, aumenta as reservas de moeda estrangeira. Este dinamismo é enfatizado devido à política de favorecimento à China realizada pelos EUA desde a década de 1980 com a formação da economia sino-americana. Assim, as multinacionais norte-americanas instalavam seus investimentos no território chinês aproveitando as vantagens comparativas deste país, os baixos custos de produção. Ao mesmo tempo, as economias em desenvolvimento sofreram negativamente com este dinamismo, pois foram distanciadas do mercado externo devido ao mercantilismo chinês e assim, os salários de trabalhos não qualificados nestes países foram reduzidos. É importante lembrar que esta estratégia já fora adotada em 1978, com a entrada do líder Deng Xiaoping e com a realização de suas reformas na economia.

A segunda hipótese é a de que os investimentos internos, principalmente aqueles direcionados a setores intensivos em capital, foram os motivadores do crescimento chinês dos últimos anos. Este fato ocorreu a partir dos anos 90, pois o Estado estabeleceu como prioridade investimentos em áreas urbanas e zonas especiais. O setor agrícola perdeu a prioridade, elevando fortemente a concentração de renda, o que provocou um crescimento desigual da indústria pesada, em relação ao setor agrícola, com grande impacto na relação capital-produto. Esta estratégia também foi adotada no período das reformas econômicas com objetivo de direcionar investimentos para setores chave da economia e, conseqüentemente, proporcionar desenvolvimento das estruturas produtivas chinesas.

A diferença existente entre as duas hipóteses é que a primeira diz que a capacidade exportadora da China advém do IDE, pois os investimentos na estrutura produtiva industrial direciona a produção para bens intensivos em tecnologia, o que acaba provocando um aumento das exportações destes produtos para o mercado dos EUA. Já a segunda hipótese diz que os investimentos das empresas estatais nos setores intensivos em capital junto com os investimentos estrangeiros proporcionam a expansão da capacidade produtiva e, conseqüentemente, a elevação do volume das exportações.

Para o melhor entendimento deste processo de fortalecimento da China no mercado internacional e de seu grandioso crescimento econômico, será analisado o contexto histórico anterior e o histórico pós-efetivação das reformas econômicas realizadas no governo de Deng Xiaoping. Além disso, para concretizar a interpretação deste conceito da China como nova fábrica do mundo, será analisada também uma série de dados disponibilizados, em sua maioria, pelo próprio governo chinês.

Pôde-se observar a importância da abertura econômica assistida pela China nos anos 80 para o processo de crescimento de sua economia. A partir desta abertura, criaram-se as condições necessárias para a industrialização na China. Neste movimento, inicialmente permitiu-se a entrada de produtos importados no país sendo estes majoritariamente bens de capital necessários ao desenvolvimento industrial.

A necessidade de importação de matéria-prima e equipamentos, além do consumo de energia para o fomento da indústria eram situações cada vez mais presentes no cenário econômico chinês. Pôde-se observar um aumento do consumo de minério de ferro, aço e carvão para desenvolver a capacidade produtiva industrial.

Neste momento, a China passava por um processo de substituição das exportações. Ao invés de ser um país exportador de grãos, como fora até este período, se tornaria um país importador de grãos, pois com o desenvolvimento da estrutura produtiva, haveria uma diversificação da pauta exportadora chinesa. Sendo assim, esta pauta que até o momento foi apenas registrada por produtos intensivos em mão de obra e de baixo valor agregado, passaria a apresentar também produtos de baixa e média intensidade tecnológica. Posteriormente, durante o processo de efetivação do núcleo endógeno do progresso técnico chinês, o país seria especializado em produtos de alta intensidade tecnológica.

Em meados de 1990, houve uma expansão das exportações. Esse crescimento trouxe consigo um aumento das divisas nos cofres chineses possibilitando a Deng Xiaoping incentivar as importações de bens de capital e, desse modo, obter maiores níveis de

crescimento econômico. Como consequência, aumentou-se a taxa dos fluxos de investimentos.

O maior investimento, principalmente no setor industrial, provocou uma elevação das taxas de importação. Além disso, outro fator agravante foi a crise asiática ocorrida entre 1997 e 1999. A China sofreu uma queda em suas exportações e, conseqüentemente, nas taxas de crescimento econômico que vigoravam até então. A solução encontrada pelo Estado para atenuar esta situação foi o aumento dos investimentos governamentais, maior disponibilidade de crédito em bancos públicos e aumento dos investimentos realizados pelas empresas estatais. Tinha-se como objetivo priorizar as grandes empresas com a diversificação da pauta exportadora, maior fluxo de investimentos e a modernização da estrutura produtiva. Os primeiros resultados sinalizavam aspectos positivos para o cenário econômico chinês. Houve uma nova onda de investimentos direto externo (IDE) para o território nacional com diversificação da pauta de exportação direcionada para produtos de valor agregado maior e de tecnologia, em sua maioria, de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC).

Na década seguinte, entre 2002 e 2003, a China aumentou suas exportações para os EUA em 50%, o que provocou uma queda das importações norte-americanas dos outros países asiáticos, como o Japão. Mas ao mesmo tempo, a China elevou suas importações dos países asiáticos. Com este fortalecimento de suas relações comerciais tanto de exportações como de importações, a China pôde ser considerada como um “duplo polo”, já que produz manufaturas intensivas em mão-de-obra e compra do mercado mundial, máquinas, equipamentos e matéria prima.

A partir de 2004, o país intensificou o processo de substituição de importações de bens intermediários possibilitando uma expansão da capacidade produtiva, principalmente na indústria pesada. Com este cenário, pôde-se observar que o investimento auxiliou no processo de crescimento chinês dos últimos anos. Os investimentos em infraestrutura e imobiliário representaram 25% do PIB. (MEDEIROS, 2010).

Antes do período de intensificação dos investimentos, a China importava produtos intensivos em tecnologia de países como Hong Kong, Cingapura e Taiwan. A partir das vultosas taxas de crescimento do país e também do fluxo de investimento direcionado ao setor industrial, observou-se uma tendência de aumento da produção destes itens em território nacional.

O planejamento do governo chinês incluía a expansão da estrutura produtiva com o intuito de produzir uma gama mais vasta de bens e serviços e, conseqüentemente, ser

capaz de exportá-los. Essa manobra caracteriza a intenção do Estado em diversificar sua pauta exportadora.

Os resultados obtidos em 2005 mostraram um aumento da participação do setor eletrônico de 20% para 42% na produção nacional, em um período de 10 anos. Este rápido progresso se reflete na situação atual da China como centro produtor eletrônico e grande importadora de produtos intermediários. (MEDEIROS, 2010).

Seguindo o contexto histórico mencionado até o momento, com a expansão do volume das exportações e importações chinesas neste período, modificou-se a corrente do comércio mundial. Este aumento das relações comerciais com a China é explicado pela utilização de políticas de desvalorizações cambiais, que incentivariam as exportações e desestimulariam as importações, visto que os produtos chineses são mais baratos em relação aos produtos importados.

A ascensão da China no comércio internacional permite sua denominação de “oficina do mundo”<sup>9</sup>. Com isso, o governo está realizando políticas para fortalecer suas empresas e para que estas se tornem “*players globais*”. Existe um evidente processo de *catching up* relacionado a essas políticas. Com a estabilidade do câmbio há um forte crescimento das exportações chinesas, o que ajuda no superávit das transações correntes.

Este dinamismo permite que haja benefícios duplos aos países produtores de matéria prima e alimentos, como o Brasil, quando realizam transações comerciais com a China. Como este país está se especializando em produtos intensivos em tecnologia, havendo a desvalorização do câmbio chinês, os seus produtos ficam mais baratos. Assim como, os países especializados em produtos de baixo valor agregado precisam importar bens intensivos em tecnologia, aumenta a capacidade de aquisição desses produtos chineses, o que proporciona a expansão das exportações chinesas. Além do fato da China se especializar em produtos de maior conteúdo tecnológico, é vantajoso pra ela importar *commodities* destes países intensivos em mão-de-obra. Isto faz com que os preços desses produtos de baixo valor agregado aumentem.

Na medida em que a China se torna o centro econômico da Ásia, aumentam seus conflitos com os EUA, principalmente no que diz respeito à autonomia da política

---

<sup>9</sup> Segundo o historiador Eric Hobsbawm, o termo oficina do mundo caracteriza o país que consegue reter, de forma intencionada, parcela significativa da produção manufatureira global. Originalmente atrelou-se o conceito de oficina do Mundo à Inglaterra do Pós I Revolução Industrial, em função da preponderância que este país obteve no cenário internacional em um período de avanços técnico-produtivos espetaculares. Cabe também atrelar o mesmo conceito aos Estados Unidos do Pós Segunda Guerra, época em que o país norte-americano, utilizando-se de sua estrutura bélica única, consegue se estabelecer como gigante econômico. Ambos os casos citados, apesar de apresentarem especificidades, configuram de um modo geral o nascimento de países hegemônicos que veem sua estrutura socioeconômica se impor e se reproduzirem mundo afora.

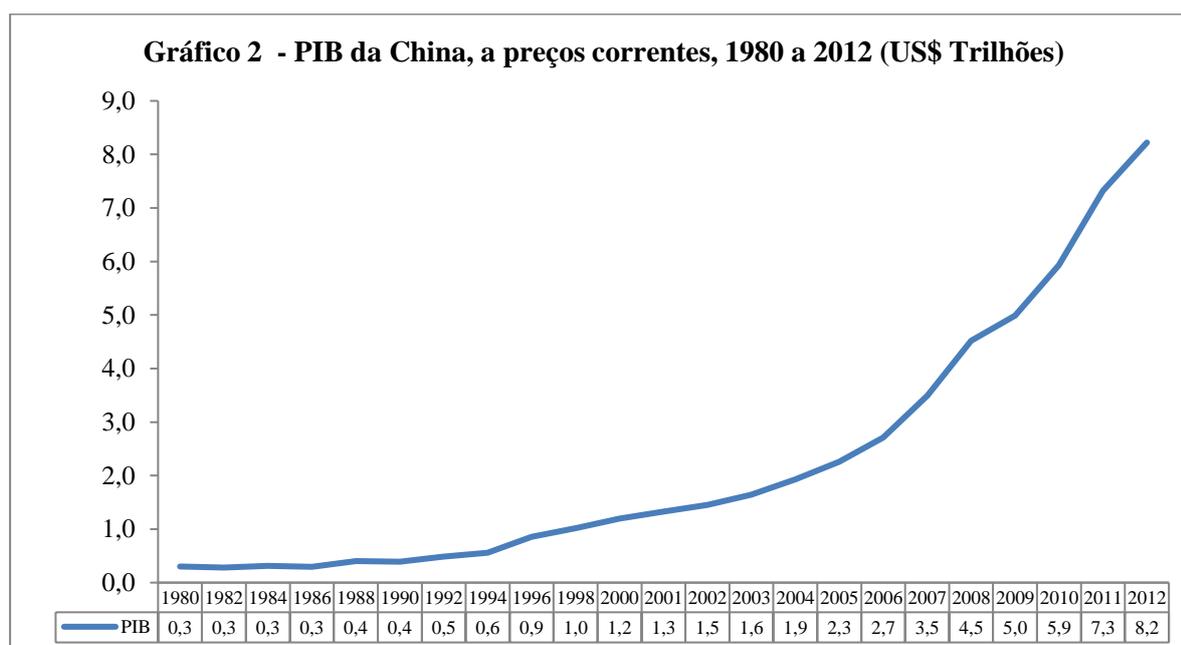
chinesa, pois, como já foi citada anteriormente, a China não segue rigorosamente as condições da OMC, pois seu câmbio é mais desvalorizado do que o recomendado. Apesar de aumentarem as tensões entre esses dois países, os baixos custos dos produtos chineses continuam incentivando o aumento de suas importações por parte dos EUA. Isso se reflete no cenário econômico atual, no qual a China se configura como o segundo maior exportador para os EUA e estes representam o maior mercado das exportações chinesas. (MEDEIROS, 2010).

Mesmo obtendo ótimos resultados no mercado mundial, como o superávit na balança comercial, a China apresenta certas pendências em seu mercado interno. Em 2006, o país programou algumas metas no 11º Plano Quinquenal (2006-2011). Os objetivos deste plano eram a redução do consumo de energia, já que a China tem alta dependência do insumo carvão, utilizado como fonte energética na indústria, mas que tem forte influência na poluição atmosférica. E para sanar os problemas sofridos pelas famílias de camponeses, estes deveriam absorver o excedente de mão-de-obra rural e desse modo diminuir as diferenças entre a área rural e a área urbana, além de interiorizar o desenvolvimento e expansão de infraestrutura. Porém, nem todas as metas foram realizadas. Em 2011, foi definido o 12º Plano Quinquenal (2011-2015), no qual o governo chinês tentará articular o crescimento do país através da expansão do consumo das famílias e da desconcentração regional de investimentos. Já, que o padrão de crescimento até os últimos anos provocou uma elevada concentração de renda e também está no longo prazo provocando uma escassez dos recursos naturais. No entanto, algumas dificuldades de concretização deste plano ainda são presentes principalmente no setor de alimentos, matéria prima e recursos energéticos.

## 2.1 O desempenho econômico chinês entre 1978/2010: uma análise quantitativa

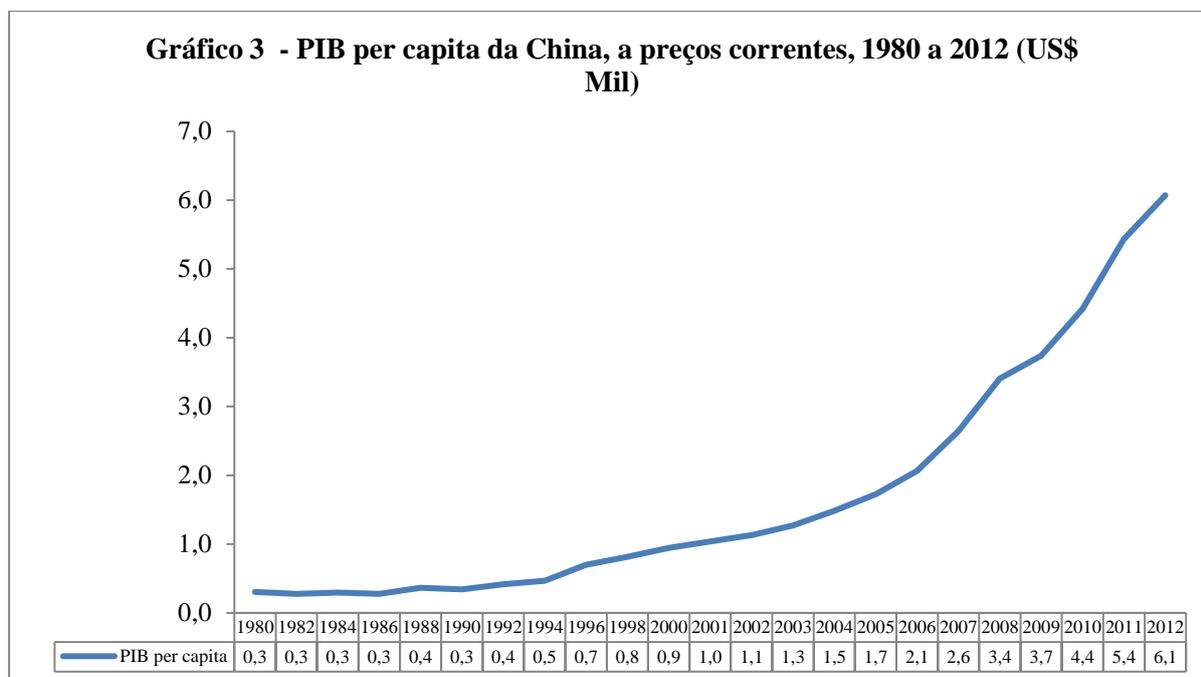
A utilização do Produto Interno Bruto (PIB) chinês foi importante para análise deste trabalho, porque através da variação temporal deste dado, puderam-se obter as explicações dos efeitos das políticas adotadas pelo Estado chinês no período posterior a 1978. E através das interpretações de NONNEMBERG & MENDONÇA (2005) sobre a relação entre PIB e IDE, pode-se explicar a escolha do fluxo de investimentos do mercado mundial direcionado para o território chinês, foi de extrema importância para o rápido processo de crescimento econômico presenciado na China. Segundo estes autores existem duas interpretações sobre a relação destes dados. Acredita-se que no curto prazo a variação do PIB é explicada em parte pelo nível de IDE da economia estudada e no longo prazo a variação do PIB justifica o fluxo de IDE direcionado para aquela determinada economia.

A partir de o Gráfico 2, pode-se observar um rápido crescimento do PIB chinês após a realização das reformas econômicas. Segundo os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), houve um aumento expressivo no PIB do ano de 1980, que foi de US\$ 0,3 trilhão, para o ano de 2012, que foi de US\$ 8,2 trilhões. Fazendo uma comparação com os EUA, que tinha seu PIB de US\$ 16,2 trilhões no mesmo ano.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do FMI (2013).

O índice PIB per capita, assim como o PIB, apresentou uma significativa expansão durante esses anos. Em 1980 representava US\$ 300 e em 2012 foi US\$ 6.100, vide Gráfico 3, enquanto os EUA apresentava um PIB per capita de 51.703 dólares<sup>10</sup>. Vale ressaltar que em 2012, a população chinesa era 1,35 bilhões, enquanto a população dos EUA a era 313,9 milhões, segundo os dados do Banco Mundial.



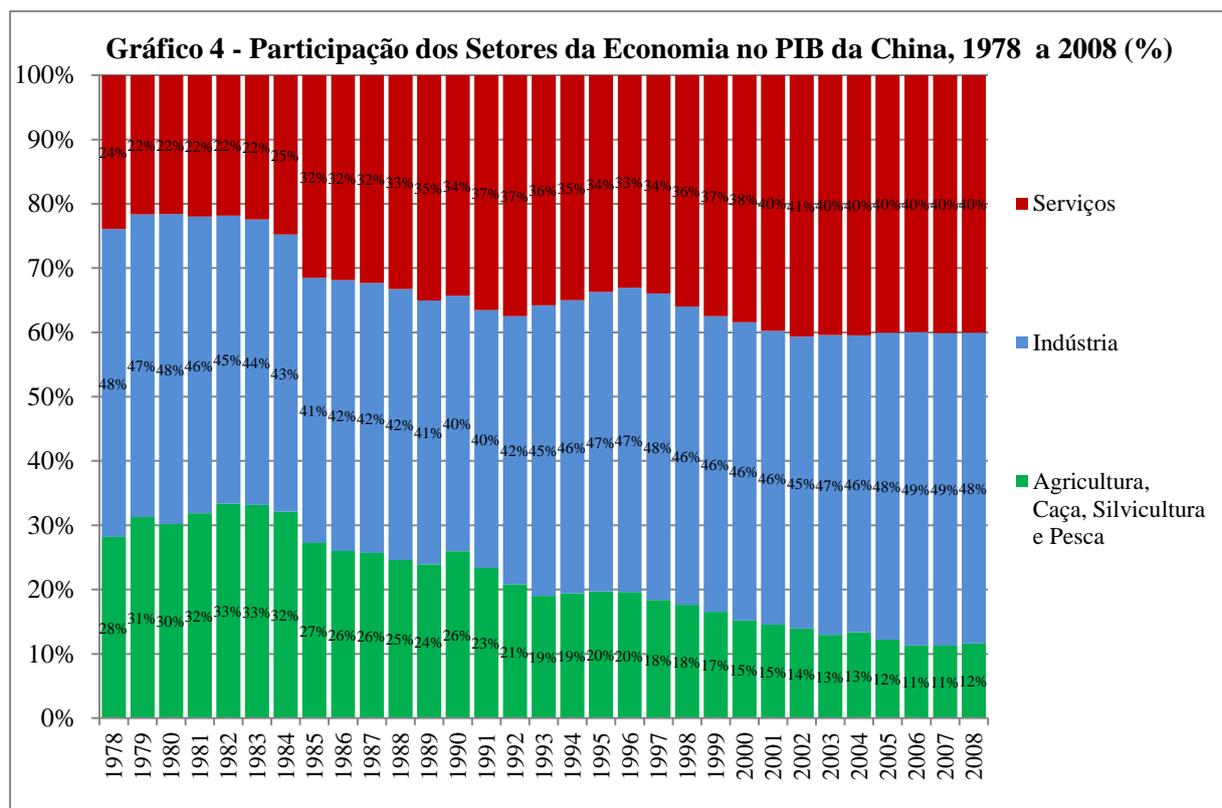
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do FMI (2013).

Além da expansão apresentada pelo Produto Interno Bruto, houve também uma evolução nos meios de distribuição da produção chinesa. Como poderá ser analisado no próximo Gráfico, o setor primário, ou seja, a agropecuária apresentou uma queda de 28,2% para 10,3% entre os anos de 1978 e 2009. Já, o setor industrial (secundário) praticamente manteve sua participação entre 46 e 47% entre esses anos. Por fim, setor terciário, que engloba comércio e serviços, passou de 23,9% em 1978 para 43,4% em 2009.

Esta pauta nos mostra uma modernização na estrutura produtiva chinesa, com maior participação do setor secundário do que o setor terciário. Porém nota-se que mesmo que a participação do setor industrial seja maior, esta não obteve um grande aumento no entre 1980 e 2012, este fato pode ser influência da estratégia do governo chinês em direcionar a

<sup>10</sup> É importante comparar os dados da China com a maior potência até então estabelecida, EUA, mas deve-se levar em consideração que o custo de vida na China é bem mais baixo. Enquanto o PIB per capita chinês em 2009 representava US\$ 2.645, o PIB per capita com a PPP (Paridade Poder de Compra) em relação aos EUA era de US\$ 5.547. (Fonte: FMI).

produção industrial em maior conteúdo tecnológico e aliado ao setor de serviços, aumentar a influência da sua economia no cenário internacional. Além disso, o aumento da participação do setor terciário no decorrer desses anos indica fortalecimento da China no comércio interno. Em contrapartida, o setor agrícola perde cada vez mais importância, em detrimento dos demais, devido à estratégia de desenvolvimento chinesa que iniciou nos anos 80, com um objetivo maior de internalizar a produção industrial com a utilização de P&D e TIC em sua estrutura.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2010).

Para analisar a evolução da indústria após os anos 1980 será utilizado o Valor Bruto da Produção Industrial, que corresponde ao somatório do valor da venda dos bens produzidos na indústria com o valor do deslocamento desses bens quando são vendidos em outros locais que não o de origem. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) este índice representa “o valor, na empresa, obtido pela soma das vendas de produtos e serviços industriais (receita líquida industrial) à variação dos estoques dos produtos acabados e em elaboração, e à produção própria realizada para o ativo imobilizado”.

De acordo com as estatísticas apresentadas na Tabela 1 abaixo, pode-se observar que a participação das empresas estatais de propriedade de toda a comunidade (entidades não corporativas), no valor bruto da produção industrial, diminuiu de 78% em 1978 para 34% em 1995. As empresas coletivas, classificadas assim pelo “*Regulation of the People’s Republic of China on the Management of Registration of Legal Enterprises*”, que em 1978 participavam com 22% do total do VBP, em 1995 aumentaram sua participação para 37% no período. Tanto a *Individual Owned Industry* quanto a *Industry of Other types of Ownership* expandiram sua participação no valor bruto total da indústria em aproximadamente 15% durante o período já citado acima.

Em uma análise horizontal desta tabela, pode-se observar uma redistribuição do VBP segundo tipo de propriedade no total da indústria ao longo dos anos. Em 1978, grande parte das empresas era de propriedade estatal. Essa situação foi sendo modificada ao longo das reformas econômicas instituídas por Deng Xiaoping. Em 1995 outros tipos de empresas já obtinham grande representatividade no total da indústria, pois o Estado permitiu a entrada de capitais estrangeiros e pôde-se observar uma abertura gradual da economia em algumas áreas do país, como nas Zonas Econômicas Especiais, citadas na seção 1. Destacam-se as empresas com proprietários individuais e as empresas de outros tipos de propriedade que obtiveram aumento na participação total da indústria mais que proporcional, se levado em conta o período anterior a 1978. É importante mencionar que a estrutura produtiva se tornou, no período mencionado (1978-1995)<sup>11</sup>, cada vez mais privada nacional, esta caracterização pode ser explicada pelas reformas econômicas implantadas pelo líder Deng Xiaoping, nas quais o governo controlou a produção nacional de maneira indireta, permitindo assim, a entrada de capital privado no que tange a produção industrial chinesa. CHINA STATISTICAL YEARBOOK (2009).

---

<sup>11</sup> O período analisado nesta primeira classificação do Valor Bruto Industrial da China foi de 1978 a 1995, pois os dados referentes aos anos de 1996, 1997, 1998 e 1999 (retirados da fonte China Statistical Yearbook) estavam equivocados. A exclusão destes dados no trabalho se deve pelo fato dos mesmos, possivelmente, estarem classificados mais de uma vez no mesmo tipo de indústria.

**Tabela 1 – Valor Bruto da Produção da Indústria Chinesa, 1978 a 1995 (%)**

Ano	Empresas estatais de propriedade de toda comunidade	Empresas coletivas	Empresas com proprietários individuais	Empresas com outros tipos de propriedade	Total da Indústria
1978	78%	22%	-	-	100%
1980	76%	24%	0%	0%	100%
1985	65%	32%	2%	1%	100%
1990	55%	36%	5%	4%	100%
1991	56%	33%	5%	6%	100%
1992	52%	35%	6%	8%	100%
1993	47%	34%	8%	11%	100%
1994	37%	38%	10%	15%	100%
1995	34%	37%	13%	17%	100%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

Vale aqui ressaltar que a classificação dos tipos de indústrias da China foi modificada a partir da primeira década dos anos 2000, portanto, a análise seguinte será feita sobre os dados postos na nova configuração. Dito isso, a interpretação de todo o período (1978 a 2009) sofre limitações, sem esta deixar de ser relevante, entretanto.

Nota-se que as empresas domésticas, classificadas assim por seus ativos serem frutos de financiamentos do próprio Estado chinês, mantiveram praticamente sua participação em 72% no total do valor bruto da produção industrial entre 2000 e 2009, mesmo com leves alterações no meio da década. As empresas que tiveram fundos dos países específicos, Hong Kong, Macao e Taiwan, sofreram uma queda na participação de 12,34% em 2000 para 9,52% em 2009. E as empresas estrangeiras, ou seja, que possuem fundos de outros países, se expandiram em aproximadamente 2 pontos percentuais no período analisado. É importante ressaltar que este aumento se deu devido à abertura econômica realizada no país.

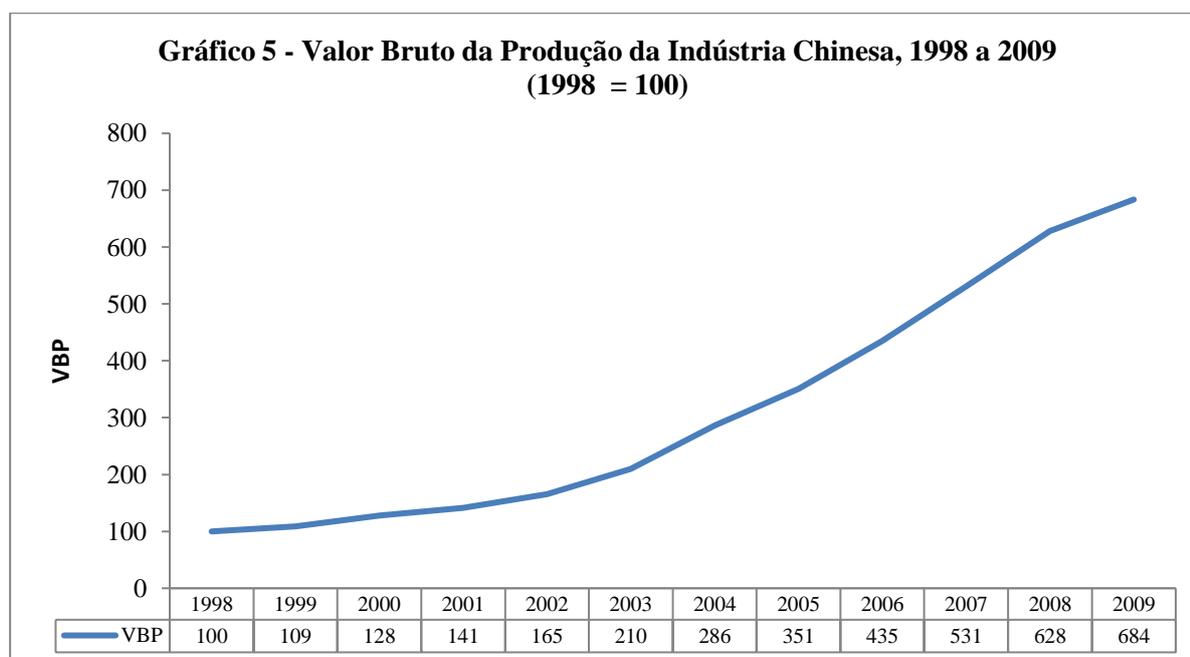
Quando se analisa a composição da indústria entre 2000 e 2009 pode-se perceber poucas variações (percentuais) nas participações setoriais da indústria como um todo. A alta concentração do valor bruto da produção industrial das empresas com fundos domésticos se manteve. Além disso, houve um aparente *trade-off* entre os valores encontrados para as empresas com fundos vindos de Hong Kong, Macao e Taiwan e as empresas com fundos estrangeiros, na década. (Tabela 2).

**Tabela 2 - Valor Bruto da Produção da Indústria Chinesa, 2000 a 2009 (%)**

Ano	Indústria Total	Empresas com fundos domésticos	Empresas com fundos vindos de Hong Kong, Macao e Taiwan	Empresas com fundos estrangeiros
2000	100%	72,61%	12,34%	15,05%
2001	100%	71,48%	12,41%	16,11%
2002	100%	70,70%	12,34%	16,96%
2003	100%	68,82%	12,25%	18,93%
2004	100%	69,80%	10,97%	19,23%
2006	100%	68,39%	10,66%	20,95%
2007	100%	68,50%	10,47%	21,03%
2008	100%	70,48%	10,11%	19,41%
2009	100%	72,15%	9,52%	18,32%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

Em relação à trajetória do VBP Industrial na China entre os anos de 1998 a 2009, pode-se perceber uma expansão de praticamente 6 vezes (100 em 1998 e 684 em 2011), vide Gráfico 5. O comportamento deste índice, ao longo desses anos, sugere que houve um rápido crescimento da receita líquida da indústria chinesa em relação à variação dos estoques dos produtos industriais, sendo eles em elaboração ou acabados.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

Além do índice VBP da Indústria que mostrou uma predominância das empresas com fundos domésticos e uma maior participação das empresas estrangeiras na indústria chinesa, deve-se analisar o índice Valor Adicionado da Indústria. Este índice representa o quanto uma empresa consegue agregar aos insumos utilizados na produção em determinado período de tempo. Como pode ser observado através do Gráfico 6, este índice sofreu um aumento do ano de 1998 para 2007. Este aumento foi significativo, pois se expandiu em aproximadamente cinco vezes (100 em 1998 para 535 em 2007) durante esse período, o que pode indicar aumento da capacidade da indústria de agregar valor aos insumos.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

A evolução de ambos os índices citados acima enfatizam a estratégia de desenvolvimento do governo chinês em elevar o PIB, através do rápido dinamismo da indústria com mudanças em sua estrutura produtiva, cada vez mais desenvolvidas com utilização de tecnologia e P&D.

A razão VA da Indústria por VBP da Indústria durante este período pouco se alterou, segundo a Tabela 3. Isso demonstra que o valor adicionado ao valor bruto da produção industrial chinesa não passa de 30%. Este índice mostra o nível de adensamento ou “desadensamento” industrial, mas como o valor não variou muito entre 1998 e 2007 na média esta variação não mostra se realmente houve um adensamento ou não, da indústria no período.

**Tabela 3 - Valor Adicionado da Indústria / Valor Bruto da Produção Industrial China, 1998 a 2007 (%)**

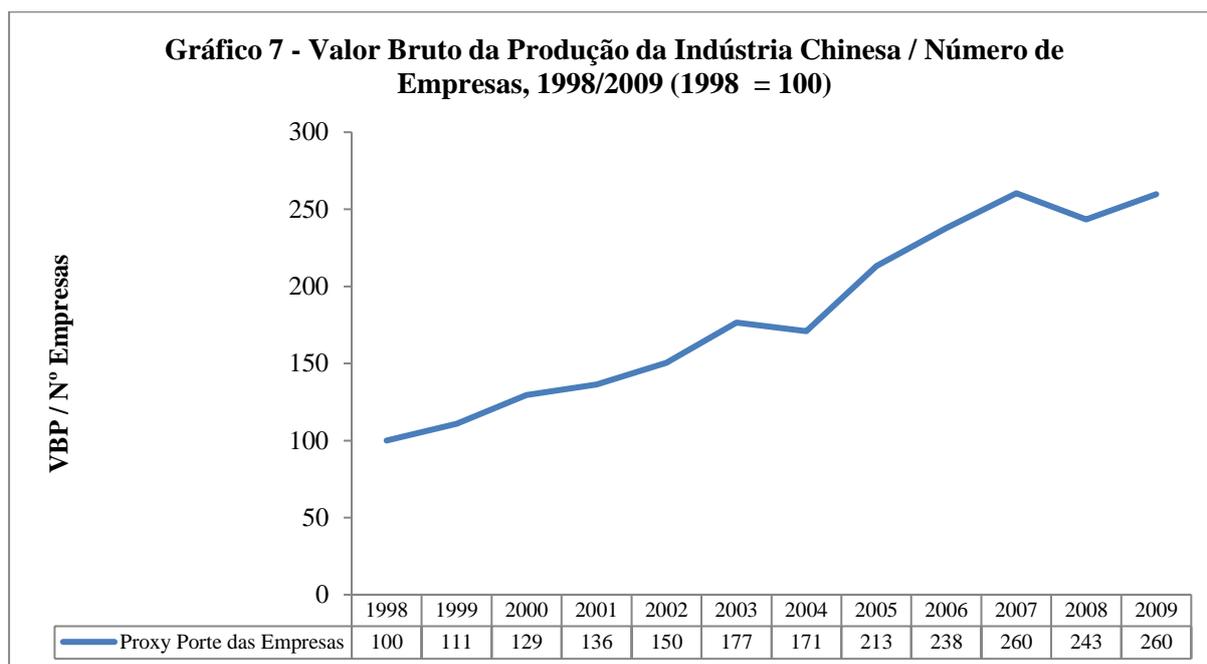
Ano	VA/ VBP
1998	28,67%
1999	29,66%
2000	29,64%
2001	29,68%
2002	29,78%
2003	29,51%
2004	27,17%
2005	28,69%
2006	28,77%
2007	28,89%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

Para aprimorar a análise dos índices da produção industrial chinesa serão apresentadas *proxies* do desenvolvimento de sua estrutura produtiva. Com isso, podem-se compreender os resultados e consequências da estratégia utilizada pelo líder Deng Xiaoping nos anos 80 para alavancar o processo industrial no país.

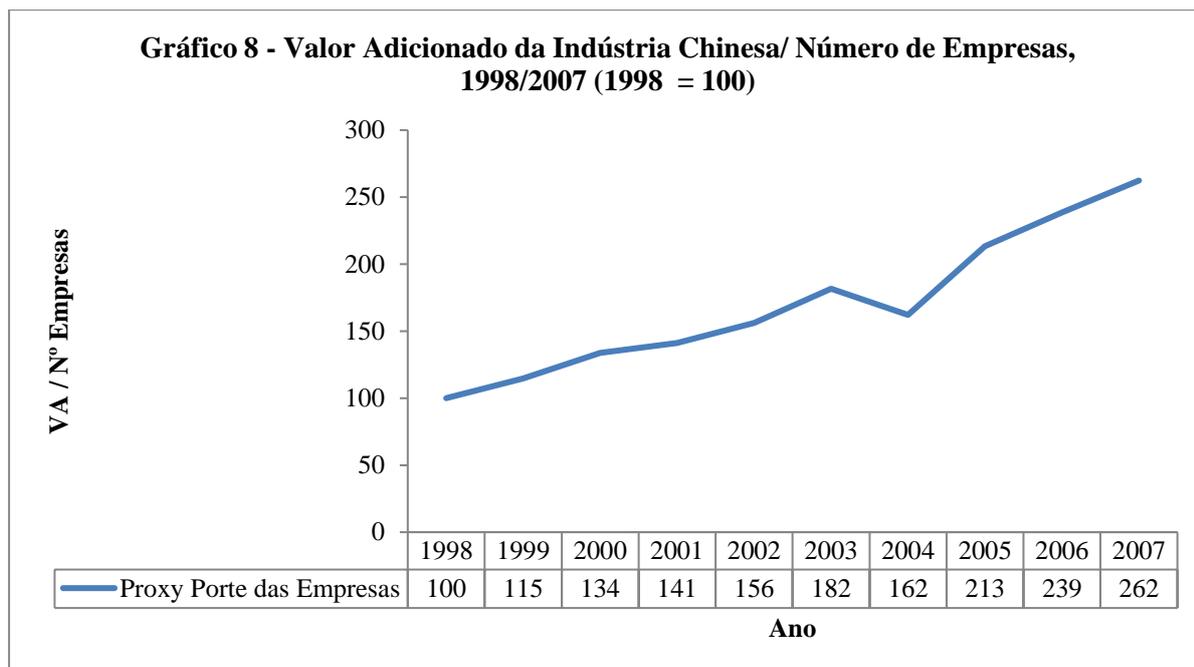
Primeiramente, será avaliado o Valor Bruto da Produção sobre o número de empresas, que se elevou de 100 em 1998 para 260 em 2009, vide Gráfico 7. Este índice representa uma *proxy* do porte médio das empresas. Com isso, pôde-se observar que houve uma grande evolução do porte das empresas no período analisado, pois este índice duplicou em apenas 11 anos.

Esta expansão em um pequeno período de tempo pode ter origens na estrutura produtiva dessas empresas. Uma das estratégias utilizadas pelo governo foi a importação de tecnologia, como máquinas e equipamentos, para inovar a estrutura produtiva nacional e capacitar, cada vez mais, a produção de bens diferenciados, de baixa, média e, inclusive, de alto valor agregado. Ao longo desses anos, essas empresas se tornaram capacitadas, adquiriram maior produtividade e competitividade no comércio internacional, fazendo com que as mesmas fossem incentivadas a aumentar seu porte para atenderem a demanda interna e externa, pois as maiores empresas eram mais capacitadas em adquirir maiores investimentos. (NOLAN & PAINE, 1986).



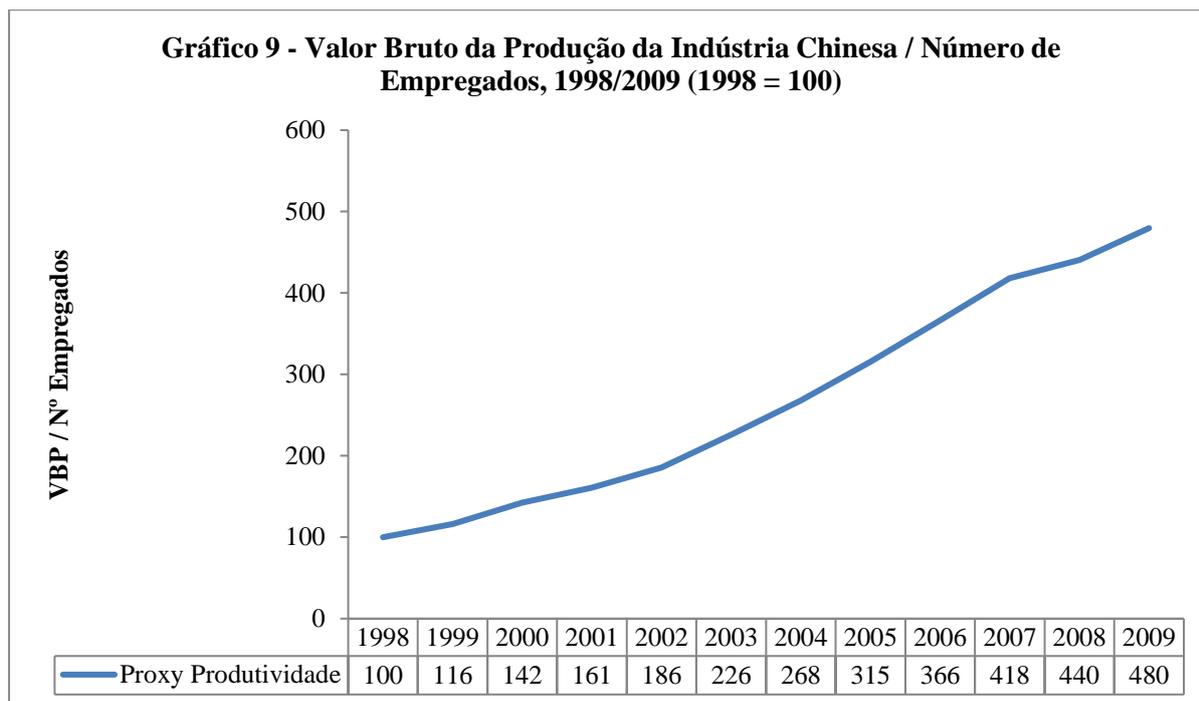
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

O Valor Adicionado da Indústria sobre o número de empresas aumentou de 100 para 262 no período mencionado acima, como pode ser analisado no Gráfico 8. Assim como, o Valor Bruto da Produção este índice representa uma *proxy* do porte médio das empresas e, com semelhança ao índice anterior, o Valor Adicionado também aumentou em praticamente três vezes no período analisado. Isso implica em uma expansão do porte médio das empresas. Este índice reitera a colocação feita para o índice anterior, VBP, pois com a necessidade de se modernizar pra atender a demanda efetiva, as empresas precisaram se modificar, ou seja, expandiram seus portes médios, devido à importância dada a elas no cenário internacional. (NOLAN & PAINE, 1986).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

O índice Valor Bruto da Produção sobre o número de empregados representa uma *proxy* da produtividade da indústria. Pode-se observar no Gráfico 9, um expressivo aumento deste índice entre os anos de 1998 e 2009, de 100 foi para 480, o que indica uma elevação da produtividade da indústria neste período em praticamente cinco vezes. Este rápido aumento da produtividade em apenas dez anos pode ser explicado em decorrência da importância da China no mercado mundial. As empresas chinesas são obrigadas a adotar cada vez mais tecnologia e P&D para aumentar sua produtividade, já que a participação das mesmas nas transações internacionais está cada vez mais evidente. Devido a vários fatores, entre eles a taxa de câmbio chinesa muito desvalorizada, os produtos deste país se tornam mais baratos perante os demais, fazendo com que a demanda por eles seja cada vez mais intensa. Para isso, a produção chinesa necessita de uma modernização na produção, explicando o fato da produtividade apresentar um aumento expressivo em apenas dez anos. RODRIK (2007, p. 7, tradução livre).



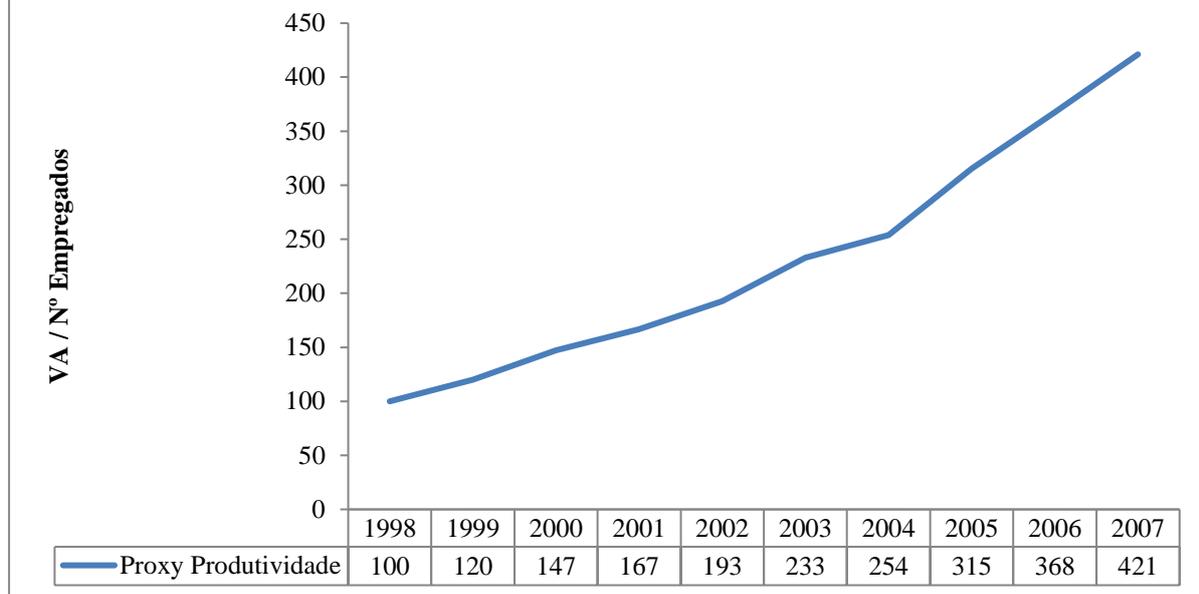
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

Em contrapartida, o Valor Adicionado da Indústria sobre o número de empregados aumentou neste período de 100 para 420, vide Gráfico 10. Da mesma forma, que o Valor Bruto da Produção, esta razão analisa uma *proxy* da produtividade da indústria, o que implica em uma expansão da produtividade da indústria em aproximadamente quatro vezes. Assim como no índice anterior, VA/Número de Empregados, este índice também pode ser explicado pela importância da inserção da China no cenário mundial. Com esta situação, as empresas chinesas precisam cada vez mais adotar tecnologias em suas produções, tornando seus produtos mais atraentes no mercado. RODRIK (2007, p. 7, tradução livre).

Para que a China atendesse a demanda mundial foi necessária a ampliação de sua escala de produção. Em decorrência, a produtividade industrial aumentou em quase cinco vezes em um curto período de tempo.

Além disso, outro fator importante para o país é que quanto maior o volume de produtos comercializados com países estrangeiros, maior será o saldo comercial chinês, o que implica na atração de divisas e, conseqüentemente, mais investimentos na estrutura produtiva chinesa.

**Gráfico 10 - Valor Adicionado da Indústria China / Número de Empregados, 1998/2007 (1998 = 100)**

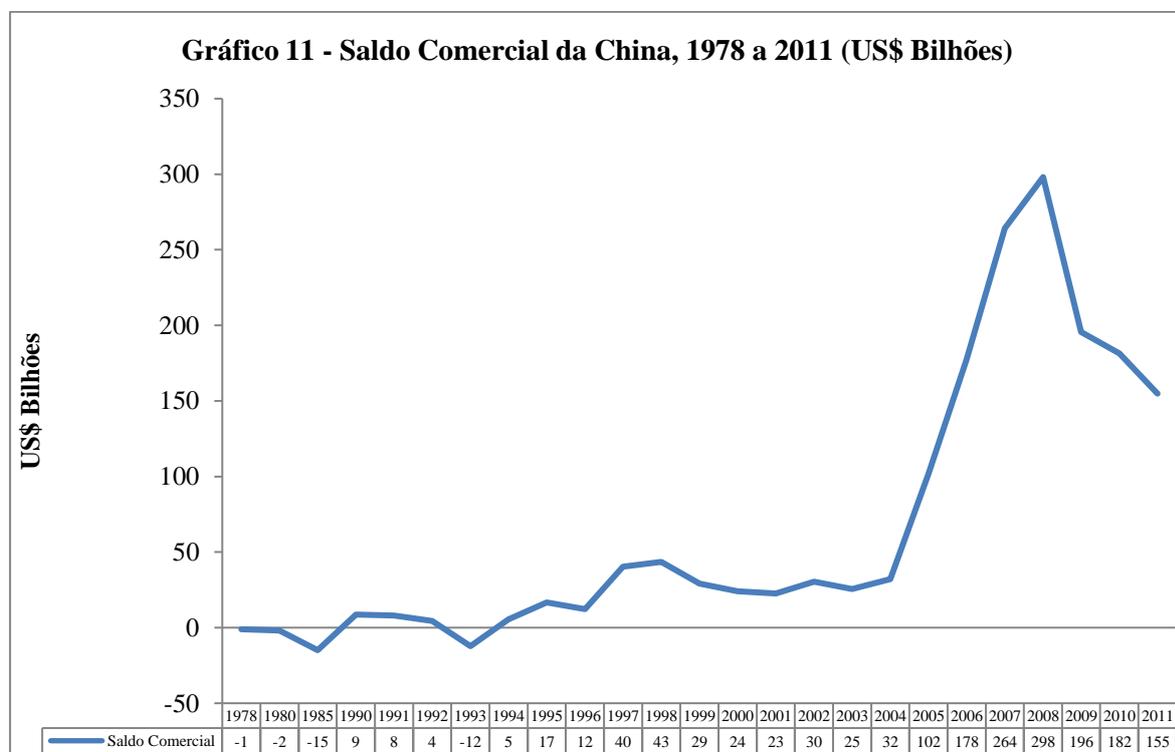


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2009).

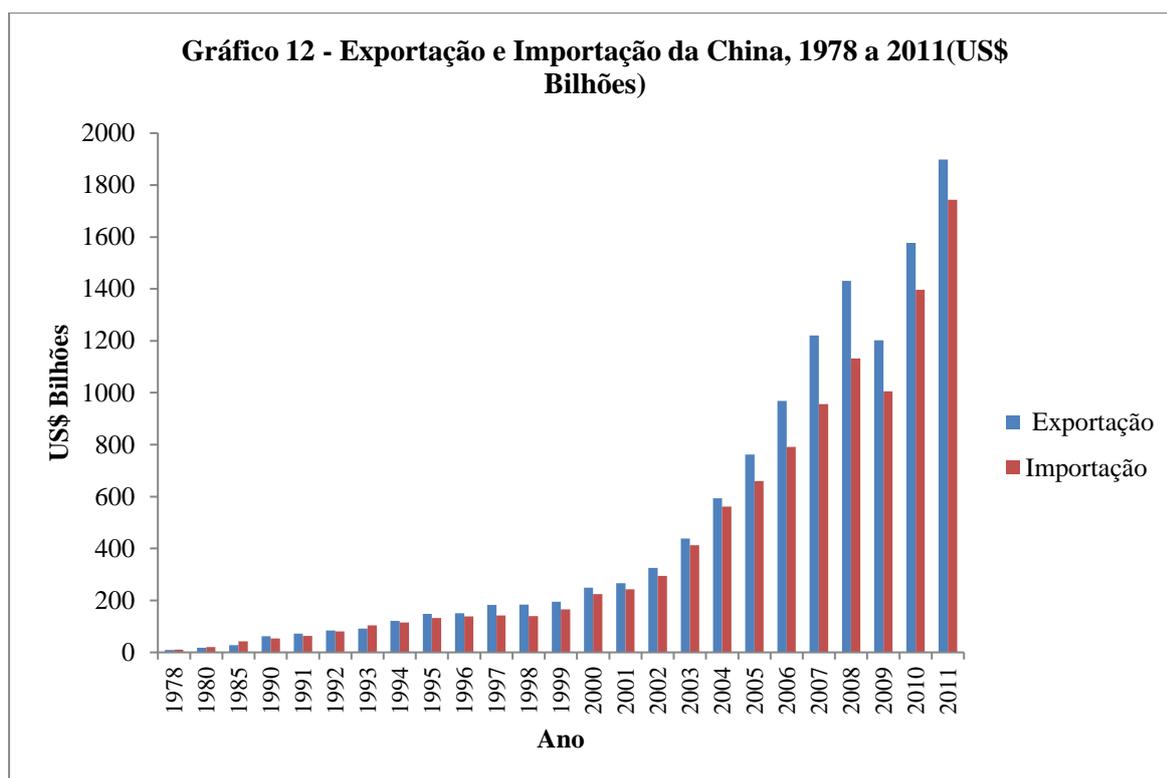
## 2.2 A consolidação da nova oficina do mundo e seus impactos na economia internacional

Ao longo desta monografia foi analisado o processo de reestruturação da estrutura produtiva chinesa e sua inserção no mercado mundial. Com a introdução dos produtos chineses no mercado mundial e aumento das exportações deste país, poder-se-á perceber a sua importância nas transações comerciais no mundo.

Em 1978 a China possuía um saldo deficitário da balança comercial da ordem de US\$ 1,14 bilhão, vide Gráfico 11. Este cenário foi modificando-se ao longo dos anos com a obtenção de *superávits* cada vez maiores. No ano de 1990, a China conseguiu atingir seu primeiro *superávit* comercial, da ordem de US\$ 9 bilhões. Após 21 anos, em 2011, o país já apresentava um *superávit* comercial de US\$ 155 bilhões. Porém deve-se notar que mesmo com um *superávit* comercial, tanto as exportações quanto as importações alavancaram seus resultados ao longo dos anos. As exportações saíram de um volume de US\$ 10 bilhões, em 1978, para US\$ 1.898 bilhões em 2011, enquanto as importações expandiram de US\$ 11 bilhões para US\$ 1.743 bilhões, no mesmo período (Gráfico 12).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2010).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2010).

Esta trajetória de desenvolvimento da economia chinesa foi marcada pela necessidade de importação de máquinas e equipamentos para a modificação da estrutura produtiva. O objetivo do líder Deng Xiaoping, a partir de 1978, era intensificar o processo industrial e aumentar a capacidade produtiva chinesa. Com isso, houve *déficits* comerciais no início do processo de industrialização (devido à elevada necessidade de importação de máquinas e equipamentos). Esse *déficit* persistiu até o momento em que houve especialização na produção de bens intensivos em tecnologia e P&D e, conseqüentemente, exportação dos mesmos.

A exportação de bens de alta complexidade tecnológica permitiria grande diversificação da pauta exportadora chinesa a qual, posteriormente, logrou sucessivos *superávits* comerciais. De acordo com a tabela 4, a China modificou substancialmente sua pauta de exportação neste período. Em 1978 era composta por 50% de bens primários e 50% de bens manufaturados. Já em 2011, por 5% de bens primários e 95% de bens manufaturados.

Este dinamismo faz parte do Efeito Estrutura e Posicionamento da modernização produtiva chinesa. Primeiramente, pôde-se perceber um direcionamento da produção nacional para bens manufaturados (efeito estrutura). O país, que na década de 80,

possuía uma pauta de exportação constituída de 50% de bens primários, modificou a sua situação após a modernização liderada por Deng Xiaoping, devido ao desenvolvimento conquistado na industrialização. Em 2011, as exportações eram quase que exclusivamente de produtos manufaturados (95%). Este fato reflete o aumento expressivo da produtividade, a modificação da estrutura das empresas para os conglomerados e, principalmente, a estratégia chinesa no desenvolvimento do processo industrial. É importante destacar que dentre os bens manufaturados, os que mais tiveram importância foram as máquinas e equipamentos necessárias à industrialização. (DIEGUES)

No Efeito Posicionamento, observa-se a opção do Estado chinês em dar prioridade às exportações nos últimos anos devido à necessidade do país internalizar o dinamismo externo. Esse movimento do Estado aumentou a importância do país nas relações internacionais com a introdução de seus produtos no comércio mundial. Esta situação pôde ser demonstrada pela inversão dos *déficits* comerciais na década de 80 para os *superávits* comerciais a partir da década de 90 até atualmente (com exceção do ano de 1993).

A pauta de importação explicava o fato de a China ser carente de máquinas e equipamentos no período inicial das reformas em 1978, por isso importava 65% de bens manufaturados e 35% de bens primários. O desenvolvimento do parque industrial fez com que esta pauta não se modificasse, ao longo do tempo, como se pode analisar na tabela 5. Em 2011 era composta por 65% de bens manufaturados e 35% de bens primários. Este fato é explicado pela especialização produtiva da China em alta intensidade tecnológica e por isso, a necessidade de insumos produzidos por países desenvolvidos.

Esta situação também é explicada pelo Efeito Posicionamento, pois com a estratégia do Estado chinês em aumentar a importância do país no cenário internacional, as exportações chinesas teriam que ser direcionadas cada vez mais para produtos de alta complexidade tecnológica. Sendo assim, o país teria que “endogenizar” o progresso técnico. Para isso, expandiu o volume de máquinas e equipamentos importados necessários para realizar a produção interna desses bens de alto valor agregado. A China precisava, ainda, de mais de energia para fomentar a estrutura produtiva, sendo assim, importava mais energia devido à escassez da mesma no país. A pauta exportadora e importadora chinesa com mais detalhes são expostas nas Tabelas 4 e 5, a seguir.

**Tabela 4 – Exportações da China por categoria de produto, 1980, 1985, 1990 a 2011, (US\$ Bilhões)**

Ano	Total	Bens Primários						Bens Manufaturados					
		Bens Primários	Alimentos e Animais Vivos usados especialmente para alimentação	Bebida e Fumo	Matéria - Prima não Comestível	Combustível, Minerais, Lubrificantes e Materiais Relacionados	Óleos Animais e Vegetais, Gordura e Cera	Bens Manufaturados	Produtos Químicos e Relacionados	Produtos Metalúrgicos e Minerais, Produtos de Borracha e Têxteis	Equipamento de Transporte e Máquinas	Produtos Diversos	Produtos não Classificados
1980	18	50%	16%	0%	9%	24%	0%	50%	6%	22%	5%	16%	1%
1985	27	51%	14%	0%	10%	26%	0%	49%	5%	16%	3%	13%	12%
1990	62	26%	11%	1%	6%	8%	0%	74%	6%	20%	9%	20%	19%
1991	72	22%	10%	1%	5%	7%	0%	77%	5%	20%	10%	23%	19%
1992	85	20%	10%	1%	4%	6%	0%	80%	5%	19%	16%	40%	0%
1993	92	18%	9%	1%	3%	4%	0%	82%	5%	18%	17%	42%	0%
1994	121	16%	8%	1%	3%	3%	0%	84%	5%	19%	18%	41%	0%
1995	149	14%	7%	1%	3%	4%	0%	86%	6%	22%	21%	37%	0%
1996	151	15%	7%	1%	3%	4%	0%	85%	6%	19%	23%	37%	0%
1997	183	13%	6%	1%	2%	4%	0%	87%	6%	19%	24%	39%	0%
1998	184	11%	6%	1%	2%	3%	0%	89%	6%	18%	27%	38%	0%
1999	195	10%	5%	0%	2%	2%	0%	90%	5%	17%	30%	37%	0%
2000	249	10%	5%	0%	2%	3%	0%	90%	5%	17%	33%	35%	0%
2001	266	10%	5%	0%	2%	3%	0%	90%	5%	16%	36%	33%	0%
2002	326	9%	4%	0%	1%	3%	0%	91%	5%	16%	39%	31%	0%
2003	438	8%	4%	0%	1%	3%	0%	92%	4%	16%	43%	29%	0%
2004	593	7%	3%	0%	1%	2%	0%	93%	4%	17%	45%	26%	0%
2005	762	6%	3%	0%	1%	2%	0%	94%	5%	17%	46%	25%	0%
2006	969	5%	3%	0%	1%	2%	0%	95%	5%	18%	47%	25%	0%
2007	1220	5%	3%	0%	1%	2%	0%	95%	5%	18%	47%	24%	0%
2008	1431	5%	2%	0%	1%	2%	0%	95%	6%	18%	47%	23%	0%
2009	1202	5%	3%	0%	1%	2%	0%	95%	5%	15%	49%	25%	0%

2010	1578	5%	3%	0%	1%	2%	0%	95%	6%	16%	49%	24%	0%
2011	1898	5%	3%	0%	1%	2%	0%	95%	6%	17%	48%	24%	0%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do China Statistical Yearbook (2013).

**Tabela 5 – Importações da China por categoria de produto, 1980, 1985, 1990 a 2011, (US\$ Bilhões)**

Ano	Total	Bens Primários						Bens Manufaturados					
		Alimentos e Animais Vivos usados especialmente para alimentação	Bebida e Fumo	Matéria - Prima não Comestível	Combustível, Minerais, Lubrificantes e Materiais Relacionados	Óleos Animais e Vegetais, Gordura e Cera	Produtos Químicos e Relacionados	Produtos Metalúrgicos e Minerais, Produtos de Borracha e Têxteis	Equipamento de Transporte e Máquinas	Produtos Diversos	Produtos não Classificados		
1980	20	35%	15%	0%	18%	1%	1%	65%	15%	21%	26%	3%	2%
1985	42	13%	4%	0%	8%	0%	0%	87%	11%	28%	38%	5%	6%
1990	53	18%	6%	0%	8%	2%	2%	82%	12%	17%	32%	4%	17%
1991	64	17%	4%	0%	8%	3%	1%	83%	15%	16%	31%	4%	17%
1992	81	16%	4%	0%	7%	4%	1%	84%	14%	24%	39%	7%	0%
1993	104	14%	2%	0%	5%	6%	0%	86%	9%	27%	43%	6%	0%
1994	116	14%	3%	0%	6%	3%	2%	86%	10%	24%	45%	6%	1%
1995	132	18%	5%	0%	8%	4%	2%	82%	13%	22%	40%	6%	1%
1996	139	18%	4%	0%	8%	5%	1%	82%	13%	23%	39%	6%	0%
1997	142	20%	3%	0%	8%	7%	1%	80%	14%	23%	37%	6%	1%
1998	140	16%	3%	0%	8%	5%	1%	84%	14%	22%	41%	6%	1%
1999	166	16%	2%	0%	8%	5%	1%	84%	15%	21%	42%	6%	1%
2000	225	21%	2%	0%	9%	9%	0%	79%	13%	19%	41%	6%	1%
2001	244	19%	2%	0%	9%	7%	0%	81%	13%	17%	44%	6%	1%
2002	295	17%	2%	0%	8%	7%	1%	83%	13%	16%	46%	7%	1%
2003	413	18%	1%	0%	8%	7%	1%	82%	12%	15%	47%	8%	0%
2004	561	21%	2%	0%	10%	9%	1%	79%	12%	13%	45%	9%	0%
2005	660	22%	1%	0%	11%	10%	1%	78%	12%	12%	44%	9%	0%
2006	791	24%	1%	0%	11%	11%	0%	76%	11%	11%	45%	9%	0%
2007	956	25%	1%	0%	12%	11%	1%	75%	11%	11%	43%	9%	0%
2008	1133	32%	1%	0%	15%	15%	1%	68%	11%	9%	39%	9%	0%
2009	1006	29%	1%	0%	14%	12%	1%	71%	11%	11%	41%	8%	0%
2010	1396	31%	2%	0%	15%	14%	1%	69%	11%	9%	39%	8%	1%
2011	1743	35%	2%	0%	16%	16%	1%	65%	10%	9%	36%	7%	3%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do China Statistical Yearbook (2013).

Para o contínuo desenvolvimento econômico chinês não só as exportações eram importantes. Sem as máquinas, equipamentos, fontes de energia e bens primários importados utilizados na industrialização, a China não conseguiria internalizar o dinamismo externo e aumentar seu poder nas relações internacionais. Desse modo as importações apresentavam-se como ponto crucial para o projeto chinês de desenvolvimento.

Segundo dados da UNCTAD (2010), a participação chinesa nas exportações mundiais aumentou de 3,9% em 2000 para 8,7% em 2007. No âmbito das importações, a participação da China também aumentou de 3,4% para 6,7% nos mesmos anos. Em 2010 este cenário foi ainda mais importante para o país, intensificou-se a participação para 10,4% nas exportações mundiais e 9,1% nas importações mundiais. Este resultado classificou a China como a maior exportadora de bens no mundo e a partir do intenso dinamismo produtivo chinês grande parte do que foi importado por este país foi “re-exportado” após transformações industriais.

### 2.2.1. Padrão de integração Sino-Americana

A relação comercial entre a China e o EUA se fortaleceu na década de 80 dando origem a chamada “Economia Sino-Americana”. Com a coleta de dados expressa nesta seção, poderá se comprovar a importância desta relação comercial entre os dois países.

A complementaridade neste momento foi muito importante para o desenvolvimento chinês. Na década de 1980, este país, que se especializava na produção de bens primários e produtos de baixa intensidade tecnológica, necessitava dos bens de alto valor agregado, como máquinas e equipamentos produzidos nos EUA. Houve uma relação comercial benéfica entre os países, que facilitou, principalmente, a expansão da China no comércio mundial. Os EUA garantiram apoio para que os produtos asiáticos entrassem no Ocidente. Segundo MORRISON (2005) os principais produtos exportados pelos chineses para os americanos são integrantes do complexo eletrônico e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

A China exportava em 2000 cerca de US\$ 52 bilhões de para os EUA. Em 2011 este valor aumentou para aproximadamente US\$ 324 bilhões, vide Tabela 6. Este montante representava quase 18% do total exportado pela China. Este é um indício de diversificação

do destino das exportações chinesas devido a permissão e a ajuda dos EUA na disseminação dos produtos chineses no mercado mundial.

**Tabela 6 - Exportação da China para os EUA, 2000 a 2011 (US\$ Bilhões)**

País (Região)	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total	249	266	326	438	593	762	969	1.218	1.431	1.202	1.578	1.898
América do Norte	55	58	74	98	133	175	219	252	274	239	306	350
EUA	52	54	70	92	125	163	203	233	252	221	283	324

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2012).

Este cenário provocava efeitos negativos e positivos para a economia americana. Negativos, pois suas atividades manufatureiras teriam que competir com os produtos chineses, em sua maioria, mais baratos. Por outro lado, positivos, pois a entrada de produtos chineses em solo americano contribuiria para o controle da inflação estadunidense (dado o fato dos produtos chineses serem mais baratos que os produzidos domesticamente nos EUA) e potencializaria a acumulação advinda das transnacionais estadunidenses inseridas na China. É importante ressaltar também os efeitos para a população norte americana, que sofreu negativamente com o fortalecimento das relações entre os dois países. Com a saída das multinacionais do território americano para a China, houve uma queda do nível de emprego nos EUA, e conseqüentemente, uma insatisfação da população.

No âmbito das importações, a China, em 2000, importava US\$ 22 bilhões dos EUA e onze anos depois este valor expandiu para US\$ 122 bilhões, segundo a tabela 7. Como já foi analisado, nas seções anteriores, devido ao desenvolvimento da estrutura produtiva chinesa (“endogenização” do processo industrial, aumento da produtividade, aumento da estrutura das empresas para os grandes conglomerados, intensificação na produção de bens manufaturados de média e alta intensidade tecnológica), havia necessidade de importar mais máquinas e equipamentos para introduzir a produção de bens de alto valor agregado no país.

**Tabela 7 - Importação da China para os EUA, 2000 a 2011 (US\$ Bilhões)**

País (Região)	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total	225	244	295	413	561	660	791	956	1133	1006	1396	1743
América do Norte	26	30	31	38	52	56	67	80	94	90	117	144
EUA	22	26	27	34	45	49	59	69	81	77	102	122

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2012).

Cabe lembrar que a ajuda dos EUA neste processo foi imprescindível para que a China pudesse captar o dinamismo externo e obter desenvolvimento econômico em seu país. Um dos fatores que mais influenciaram essa expansão do volume importado foi a atuação das empresas transnacionais americanas que buscavam terceirizar a produção optando por locais mais atrativos (menores impostos, mão-de-obra mais baratas) como a China. Com a entrada dessas empresas no território chinês aumentou-se a demanda por máquinas e equipamentos para dar continuidade ao desenvolvimento industrial. É importante mencionar que a China, em 2006, tornou-se o quarto maior mercado das exportações dos EUA e a segunda maior fonte de importações dos mesmos (LIANG, 2007).

A política comercial chinesa tem por objetivo atingir uma gama cada vez maior de países. Os EUA ajudaram no início da abertura comercial chinesa com a classificação deste país como nação mais favorecida, a entrada da China na OMC, como já foi citado nas seções anteriores. Porém hoje, com a consolidação da economia chinesa no mundo e sua especialização na estrutura produtiva, tanto as exportações como as importações não são direcionadas exclusivamente aos EUA.

A estrutura comercial entre a China e os EUA pode ser definida como de complementaridade. (MEDEIROS, 2010). Entretanto, com a expansão do progresso técnico chinês em produtos de tecnologia da informação, aumentam as tensões comerciais entre estes países. Isso se deu a partir da especialização da China nestes produtos, o que a fez prescindir de importá-los dos EUA e possibilitou o gigante asiático a incorporá-los à sua pauta exportadora.

As exportações de ferro, aço e produtos em geral da indústria pesada competem com produtos norte-americanos, assim como, produtos têxteis e de vestuário. Ao mesmo tempo, a necessidade de consumo de energia para melhorar a capacidade

produtiva da China induz uma grande demanda por petróleo de países do Oriente Médio e da África. Isso faz com que os EUA embarguem a venda de armas para estes países, pois tanto o petróleo quanto o mercado de armas não possuem complementaridade com os EUA, sendo apenas competição estratégica. Com estes fatores que se intensificam cada vez mais devido ao desenvolvimento econômico chinês, a relação comercial deste país com os EUA pode ser melhor classificada como uma “concorrência amistosa”.

### 2.2.2 Padrões de integração comercial chinesa

O padrão de comércio chinês favorece principalmente os produtores mundiais da *Original Equipment Manufacturer* (OEM), como EUA e Japão, pois graças à estabilidade do *yuan* e do rápido desenvolvimento da estrutura produtiva industrial chinesa, este país se tornou um exportador líquido para os EUA e o Japão. (MEDEIROS, 2006). Já, Hong Kong é considerado tanto investidor como uma base para investimentos externos. Os fluxos de comércio dos investidores asiáticos na China continental possuem balanço de divisas negativo para a China e favorável a eles.

Outro padrão de comércio, considerado mais competitivo e horizontal, é o da China com os dez países da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). A pauta exportadora chinesa se dá com bens de consumos e de partes e componentes de bens de TI. Assim, estas exportações influenciam negativamente as exportações dos países asiáticos concorrentes em terceiros mercados (como, por exemplo, os EUA). Esta estrutura, junto ao crescimento do mercado interno chinês faz com que a China seja o principal mercado de expansão das exportações dos países da ASEAN e um importador para a Ásia.

Já os países produtores de matérias primas e alimentos, como o Brasil, se beneficiaram com a emergência da China como potência econômica global. Com a elevada demanda chinesa de recursos naturais necessários à sua estrutura produtiva, houve expansão das exportações destes países. Além disso, a demanda chinesa provocou valorização das *commodities* através da elevação de seus preços. Concomitantemente, com a especialização dos países agroexportadores na produção de matérias primas e alimentos, houve um aumento das exportações chinesas, inclusive, de bens de alto valor agregado

direcionados a estes países, uma vez que, os mesmos não conseguem internalizar a produção de produtos intensivos em tecnologia. (MEDEIROS, 2006).

A partir da base de dados coletada nas Tabelas 8 e 9, pôde-se perceber que o continente mais representativo tanto nas exportações como nas importações chinesas foi o asiático. No ano de 2000 a China exportava US\$ 132 bilhões e importava US\$ 141 bilhões. Após onze anos, o volume exportado aumentou expressivamente para US\$ 899 bilhões e o volume importado também sofreu um aumento significativo para US\$ 1.004 bilhões, o que demonstra a intensidade da relação comercial da China com os países asiáticos, identificando assim, uma oportunidade de complementariedade comercial. Em 2011, 47% das exportações chinesas eram direcionadas para a Ásia e 58% das importações chinesas vinham deste continente, como pode ser analisado nas tabelas 8 e 9. Representando então um *déficit* comercial chinês de US\$ 105 bilhões.

**Tabela 8 – Exportações da China por continente, 2000 a 2011 (%)**

País (Região)	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Ásia	53%	53%	53%	51%	50%	48%	47%	47%	46%	47%	46%	47%
África	2%	2%	2%	2%	2%	2%	3%	3%	4%	4%	4%	4%
Europa	18%	19%	18%	20%	21%	22%	22%	24%	24%	22%	23%	22%
América Latina	3%	3%	3%	3%	3%	3%	4%	4%	5%	5%	6%	6%
América do Norte	22%	22%	23%	22%	22%	23%	23%	21%	19%	20%	19%	18%
Oceania e Ilhas do Pacífico	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%
Outros	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2013).

**Tabela 9 – Importações da China por continente, 2000 a 2011 (%)**

País (Região)	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Ásia	63%	60%	65%	66%	66%	67%	66%	65%	62%	60%	60%	58%
África	2%	2%	2%	2%	3%	3%	4%	4%	5%	4%	5%	5%
Europa	18%	20%	18%	17%	16%	15%	15%	15%	15%	16%	16%	16%
América Latina	2%	3%	3%	4%	4%	4%	4%	5%	6%	6%	7%	7%
América do Norte	12%	12%	10%	9%	9%	9%	8%	8%	8%	9%	8%	8%
Oceania e Ilhas do Pacífico	3%	3%	2%	2%	2%	3%	3%	3%	4%	4%	5%	5%
Outros	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2013).

Este *déficit* pode ser compensado pelos *superávits* comerciais com a Europa de US\$ 127 bilhões e com a América do Norte de US\$ 206 bilhões nos anos de 2011, segundo a tabela 10. Os *superávits* comerciais obtidos com estes continentes se deram tanto pelo volume das exportações ter sido maior do que os volume das importações, como também pelo fato do volume importado não ter tido o mesmo ritmo de crescimento que o volume exportado obteve. Em 2000, a China exportou US\$ 45 bilhões para Europa e em onze anos este valor aumentou para US\$ 414 bilhões. Para a América do Norte observou em 2000, um volume exportado de US\$ 55 bilhões e em 2011 este valor aumentou para US\$ 350 bilhões. Pôde-se observar que o crescimento das exportações foi de aproximadamente cinco vezes. Em compensação no âmbito das importações, o valor importado da Europa em 2000 foi de US\$ 40 bilhões e em 2011 foi de US\$ 287 bilhões. Já, o valor importado da América do Norte para os mesmos anos foi de US\$ 26 e US\$ 144 bilhões, respectivamente. O que demonstra um crescimento das importações inferior a cinco vezes.

É importante também destacar o papel dos países emergentes na composição da balança comercial chinesa (Tabelas 10). Nações do continente africano apresentaram um *superávit* de aproximadamente US\$ 4 bilhões em relações comerciais com a China em 2009. Este cenário se inverteu nitidamente em 2011 para um *déficit* de US\$ 20 bilhões, vide Tabela 10. Já, países latino-americanos apresentaram *déficit* da ordem de US\$ 8 bilhões em 2008, em compensação, em 2011 houve um *superávit* de US\$ 2 bilhões. Embora os continentes citados não tenham conseguido ultrapassar o valor de 10% nas participações tanto das importações como exportações chinesas, a participação destes no total do comércio chinês expandiu entre 2000 e 2011 em praticamente 3 pontos percentuais nas exportações e 4 pontos percentuais nas importações. Devido à importância do Brasil em relação aos países latino americanos, na próxima seção a relação comercial e de investimento entre China e Brasil será melhor detalhada com interpretações sobre as influências para estes países.

**Tabela 10 - Balanço Comercial da China, 2000 a 2011 (US\$ Bilhões)**

País (Região)	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total	24	23	30	25	32	102	177	262	298	196	182	155
Ásia	-9	-6	-20	-50	-74	-75	-70	-52	-38	-35	-103	-105
África	-1	1	2	2	-2	-2	-2	1	-5	4	-7	-20
Europa	5	1	6	18	33	69	101	148	175	103	137	126
América Latina	2	2	1	-3	-4	-3	2	0	0	-8	0	2
América do Norte	29	27	43	60	81	119	152	172	180	149	189	206
Oceania e Ilhas do Pacífico	-2	-2	-2	-1	-3	-5	-5	-7	-14	-18	-33	-48
Outros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-1	-6

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do China Statistical Yearbook (2013).

O que se pode concluir após estas duas seções é que a China se torna cada vez mais o principal *player* no comércio internacional. Com a ajuda dos EUA na entrada da China no Ocidente, este país está presente em todos os mercados. Este cenário pôde ser descrito anteriormente com a intensificação das relações comerciais chinesas com continentes como Ásia, Europa e América do Norte além de países da América Latina e África que estão se desenvolvendo, como exemplo, o Brasil.

Porém, para alguns países ocidentais este cenário não é benéfico, pois o desenvolvimento da estrutura produtiva chinesa e sua intensificação no comércio mundial são considerados ameaças aos segmentos que anteriormente eram dominados por empresas ocidentais. Em contrapartida, este cenário pode ser benéfico aos países intensivos em bens primários, como *commodities*. Isso porque, a China está direcionando sua produção para bens de alta complexidade tecnológica, ela necessitará cada vez mais de *commodities* para abastecer a população, fazendo com que sua demanda se eleve. Sendo assim, os produtores de *commodities* deverão aumentar suas produções para atender a demanda chinesa. Isso faz com que a China seja responsável pelo incentivo à produção de bens primários nesses países, ou seja, a China é capaz de incluir as importações dos países que ofertam *commodities*.

É também importante mencionar a influência que a China tem sobre o continente asiático com as empresas em rede. A China optou por uma estrutura produtiva que se divide entre os países, ou seja, algumas peças são produzidas no país e as demais são produzidas em países asiáticos, forçando-os a se desenvolverem e produzirem bens de alta intensidade tecnológica. Este modelo de desenvolvimento é conhecido como “gansos

voadores”. A China é o ganso líder que proporciona desenvolvimento aos demais países que se beneficiam com suas vantagens comparativas.

Portanto, sendo esse cenário benéfico para alguns países ou maléfico para outros, o rápido desenvolvimento econômico conquistado pela China e sua importância cada vez maior no mercado mundial são fatos irrefutáveis. Este país já é considerado com uma das grandes potências mundiais, pois já exerce grande influência sobre as economias internacionais.

### 2.2.3 Padrão de integração China Brasil

A abertura comercial chinesa faz parte da sua estratégia de desenvolvimento que envolveu uma política complexa de crescimento interno e posteriormente expansão de sua influência nos mercados internacionais.

Uma das políticas utilizadas pelo governo chinês é a distorção dos preços de mercado dos bens industriais, de modo a favorecer as empresas chinesas de acordo com os setores escolhidos<sup>12</sup>. (CUNHA & ACIOLY, 2009, p. 364). Porém esta prática vai contra as premissas da OMC. O objetivo chinês, desde 1978, foi descentralizar o planejamento e concentrar o mercado. Outras políticas utilizadas foram manutenção do câmbio em níveis baixos, privatização de algumas empresas estatais, crédito subsidiado para empresas estatais e políticas de incentivos fiscais para investimentos estrangeiros voltados para alta complexidade tecnológica.

A partir de então, a China passou a demandar cada vez mais alimentos, petróleo e minérios criando um novo fluxo de comércio internacional que impulsiona o grupo de países produtores dessas *commodities*. Neste grupo enquadram-se especialmente os BRIC's (Brasil, Rússia, Índia e China). Esta relação se estreitou mais ainda no ano de 2008 com o enfraquecimento do comércio entre China, EUA e Europa.

Antes desse período de crise, o balanço comercial chinês apresentava altos *superávits* com os Estados Unidos e Europa, explicados principalmente pela exportação de bens industriais e *déficits* recorrentes com países emergentes (entre eles o Brasil e a Rússia

---

<sup>12</sup> A China para incentivar e introduzir suas empresas no mercado mundial utilizou do crédito subsidiado, além de políticas industriais que geravam ganhos gerenciais e produtivos para as empresas. Essas políticas eram constituídas por distorção de preços através de subsídios às exportações e ao uso de insumos locais. Além disso, outra política que interferiu neste cenário foi a cambial, com a desvalorização do yuan, os produtos industriais chineses se tornaram mais baratos e foram ganhando cada vez mais espaço no mercado internacional.

em especial), por sua vez explicados pela importação massiva de bens primários (insumos) e recursos naturais. Com a crise, Europa e EUA observaram retração considerável de seu dinamismo fazendo com que os produtos chineses encontrassem mais dificuldade para entrar nesses mercados. Por outro lado, esse afastamento trouxe benefícios para os países do bloco emergente ao aproximá-los da China.

Tal rearranjo internacional implicou em duas mudanças para o mercado. No âmbito produtivo, alterou-se a estrutura da divisão internacional do trabalho e elevou-se os preços de commodities. No que tange ao fluxo de capitais percebeu-se aumento do Investimento Direto Externo (IDE) entre a China e o Brasil.

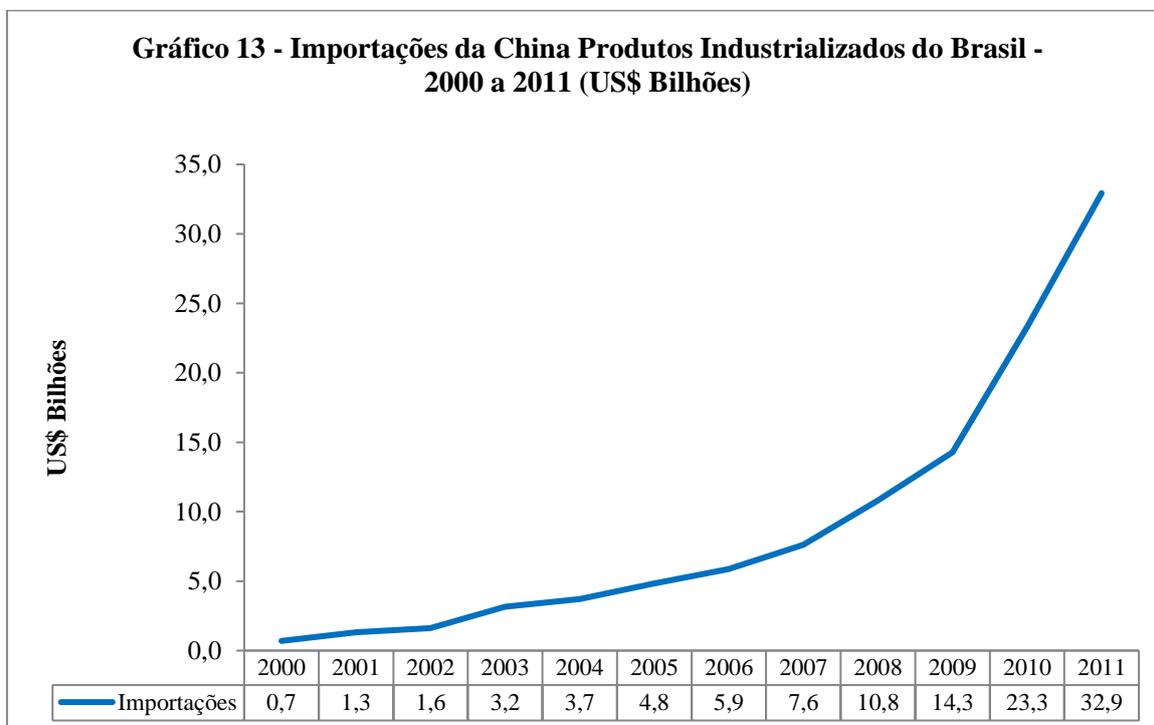
#### i) *Fluxo de Comércio Brasil China*

O abalo trazido pela crise financeira mundial de 2008 e posteriormente pela crise europeia em 2010 diminuiu drasticamente as taxas de crescimento do produto global. No entanto, nesse cenário crítico a China não se abalou, como os demais países, e continuou com seu crescimento pujante para eliminar os gargalos de sua produção. Uma das estratégias utilizada pelo governo, neste momento, foi diversificar a pauta importadora, para “internalizar” o processo industrial e assim dinamizar sua produção interferindo no comércio mundial. Devido à escassez de matéria prima e recursos naturais, a China demandava cada vez mais esses produtos, o que provocou um aumento da participação dos países em desenvolvimento nas importações chinesas de 15%, em 1990, para 60%, em 2008. A importação consistiria principalmente em *commodities* primárias necessárias para desenvolver uma estrutura produtiva diferenciada e um ciclo industrial internalizado. No âmbito das exportações, o cenário foi oposto, a participação dos países desenvolvidos aumentou para 55% em 2008, ao passo que os países em desenvolvimento, se mantiveram praticamente estáveis em 40%.

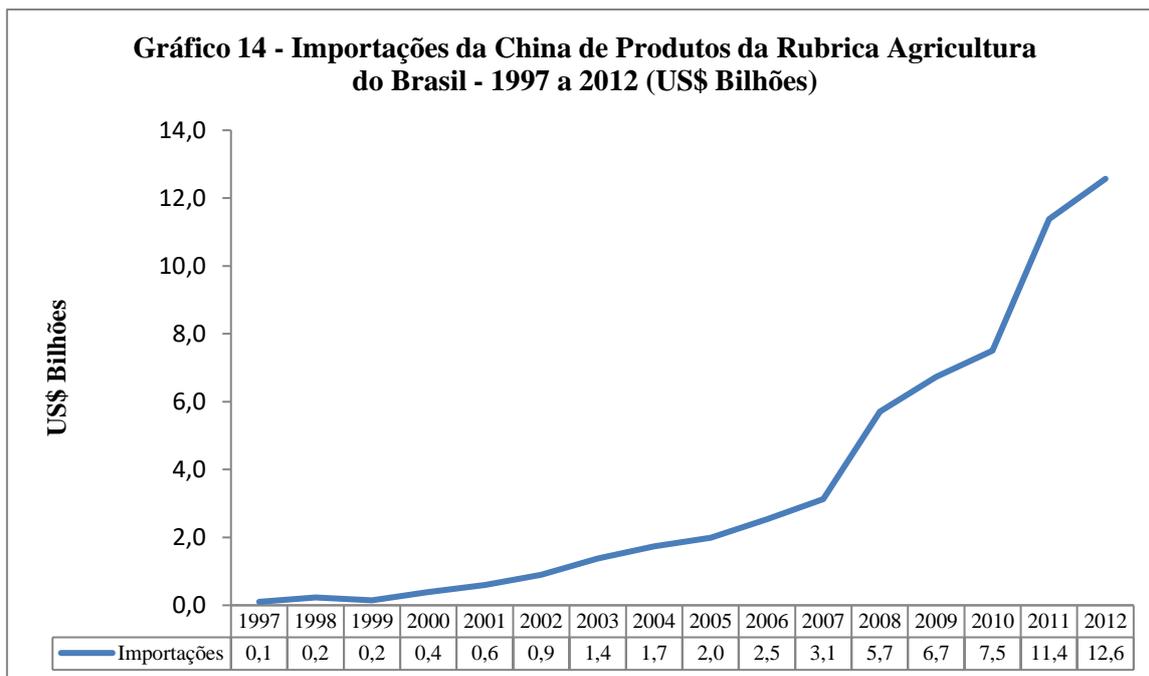
Para ilustrar este fenômeno, nota-se no Gráfico 13, que entre 2000 e 2011, as importações chinesas do Brasil referentes à produtos industrializados elevaram-se de US\$ 0,7 bilhão para US\$ 32,9 bilhões. Em relação às importações de produtos da rubrica agricultura, houve uma expansão de US\$ 0,1 bilhão para US\$ 12,6 bilhões entre 1997 e 2012 (Gráfico 14). O volume de produtos agrícolas importado pela China do Brasil no ano de 2012 representava 30% em relação ao volume total importado. Este valor é muito significativo quando comparado ao ano de 1997, era de 9%. Pode-se perceber com isso, que a participação dos produtos agrícolas produzidos no Brasil, sem a utilização de baixo

contexto tecnológico e processos industriais, tem crescido cada vez mais nas relações comerciais entre Brasil e China.

Além disso, a partir de 2010, observa-se que o destino das exportações brasileiras tornou-se mais diversificado e a participação da China na pauta exportadora brasileira aumentou, tornando-se este nos últimos anos um dos principais países importadores do Brasil. Como comprovação deste dado, no ano de 2000 apenas 2% das exportações brasileiras era direcionada para China, enquanto em 2010, essa parcela aumentou para 15%. O que se pode inferir sobre os dados acima é que a relação comercial entre os dois países foi se tornando cada vez mais estreita, pois a China passou a interferir no volume da produção brasileira e em seu destino, intensificando assim a parceria mútua.



Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do MDIC-Alice Web (2011).



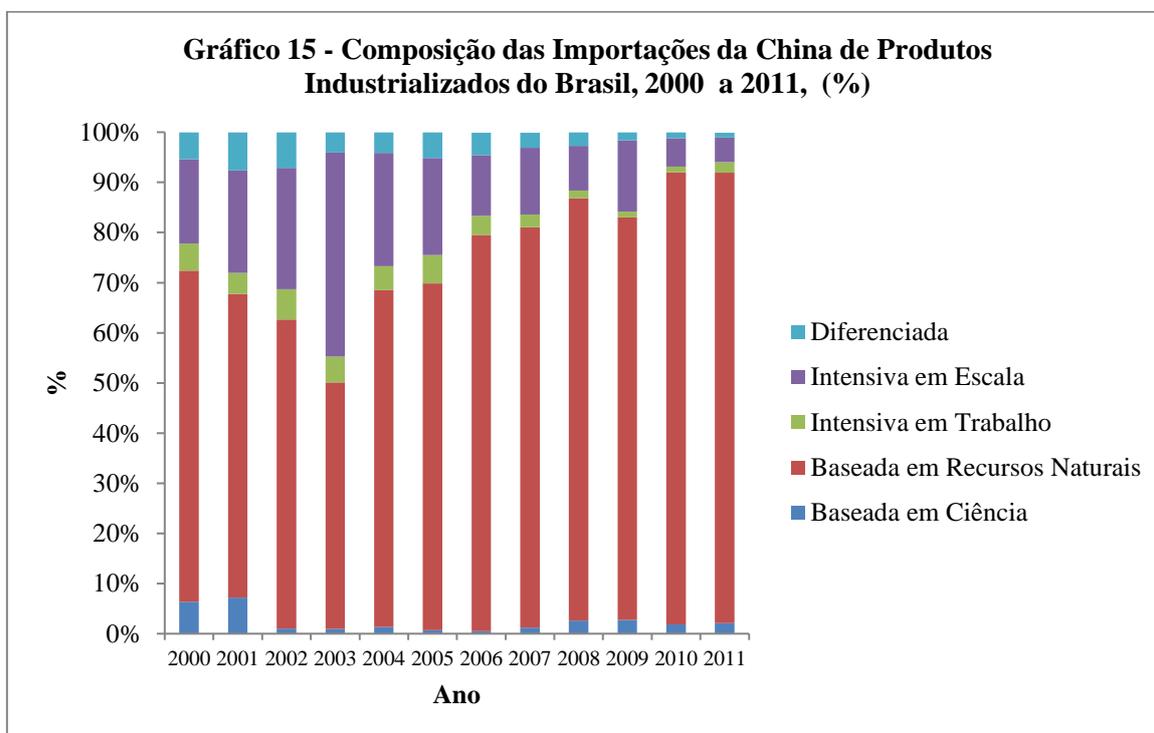
Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do MDIC-Alice Web (2012).

Para uma melhor análise desta integração e as influências que ela traz para a estrutura econômica e produtiva destes países é importante observar a pauta importadora e exportadora da China com o Brasil em relação aos produtos industrializados, vide Gráfico 15. No âmbito das importações chinesas do Brasil, no ano de 2000, 66% correspondiam a produtos baseados em recursos naturais, 5,4% em produtos intensivos em trabalho, 16,8% bens intensivos em escala, 5,4% diferenciados e 6,4% baseados em ciência. Nos 11 anos seguintes, esses índices modificaram-se para 89,8% em produtos baseados em recursos naturais, 2,1% em bens intensivos em trabalho, 4,9% intensivos em escala, 1% diferenciados e 2,1% em produtos baseados em ciência<sup>13</sup>.

A pauta importadora chinesa comprova sua estratégia de desenvolvimento de fortalecimento de sua indústria pesada e posterior especialização, inclusive, em bens intensivos em tecnologia aliados à sua abertura comercial. Com o objetivo de desenvolver sua indústria a China se relacionou com um país agrícola exportador, como o Brasil devido às suas necessidades de suprimento, alimentos, energia e infraestrutura. Em contrapartida, como o Brasil é deficitário em produtos intensivos em escala, diferenciados e baseados em ciência, a China é capaz de suprir este *déficit* com as suas exportações. Isso corrobora a

<sup>13</sup> A classificação completa dos setores econômicos em função dos tipos de tecnologia está no anexo 1.

tendência crescente de especialização do Brasil na exportação de produtos primários intensivos em recursos naturais sob a influência da demanda chinesa que cresce ano a ano.



Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do MDIC-Alice Web (2011).

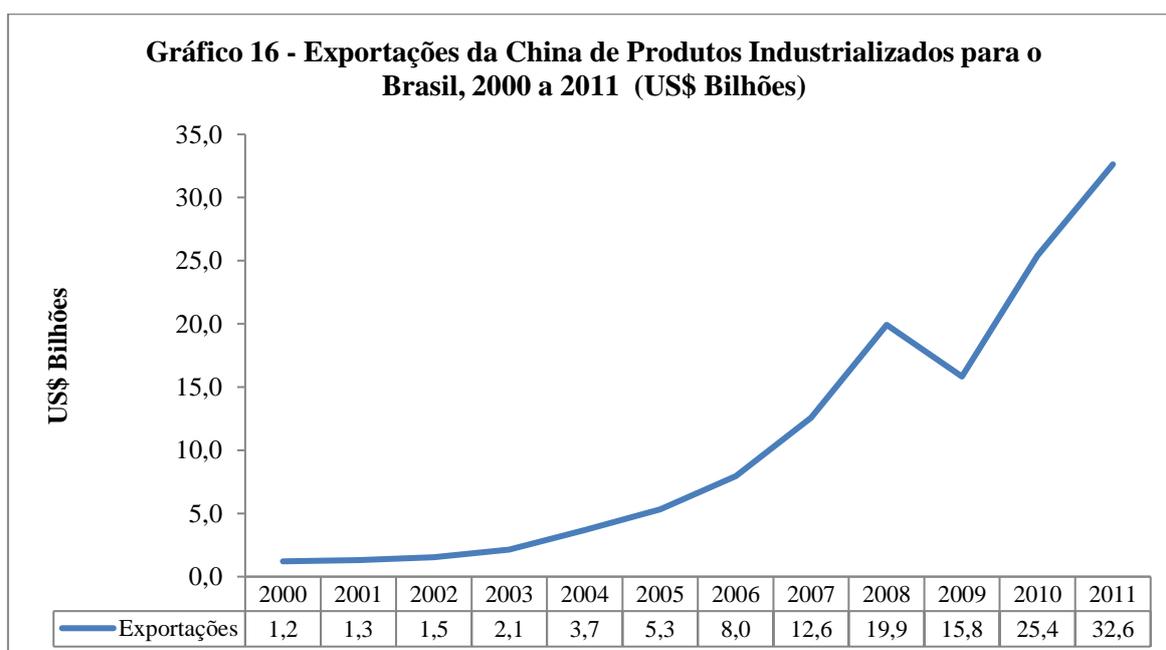
Em relação à intensidade tecnológica dos produtos industrializados, pode-se inferir que o Brasil não é especializado em bens de alta tecnologia. As importações chinesas do Brasil no ano de 2000 eram compostas por 8,4% de alta tecnologia, 13,2% de média-alta tecnologia, 12,5% de média-baixa tecnologia e 65,9% de baixa tecnologia. Após 11 anos, essa composição se concentrou ainda mais em bens de baixa tecnologia. Em 2011, a pauta importadora correspondia a 2,4% de alta tecnologia, 2,5% de média-alta tecnologia, 17,8% de média-baixa tecnologia e 77,2% de baixa tecnologia. O que se pode concluir é que o Brasil é especializado em bens de baixa e média-baixa tecnologia, como por exemplo, minérios metálicos e não metálicos, petróleo e gás natural, produtos alimentícios, celulose, além da extração de carvão mineral.

No âmbito das exportações chinesas de produtos industrializados para o Brasil, houve um aumento de US\$ 1 bilhão para US\$ 33 bilhões no mesmo período (Gráfico 16). Pode-se notar que as exportações foram mais sensíveis do que as importações, em outras palavras, o Brasil sofreu mais com a crise de 2009 do que a China,

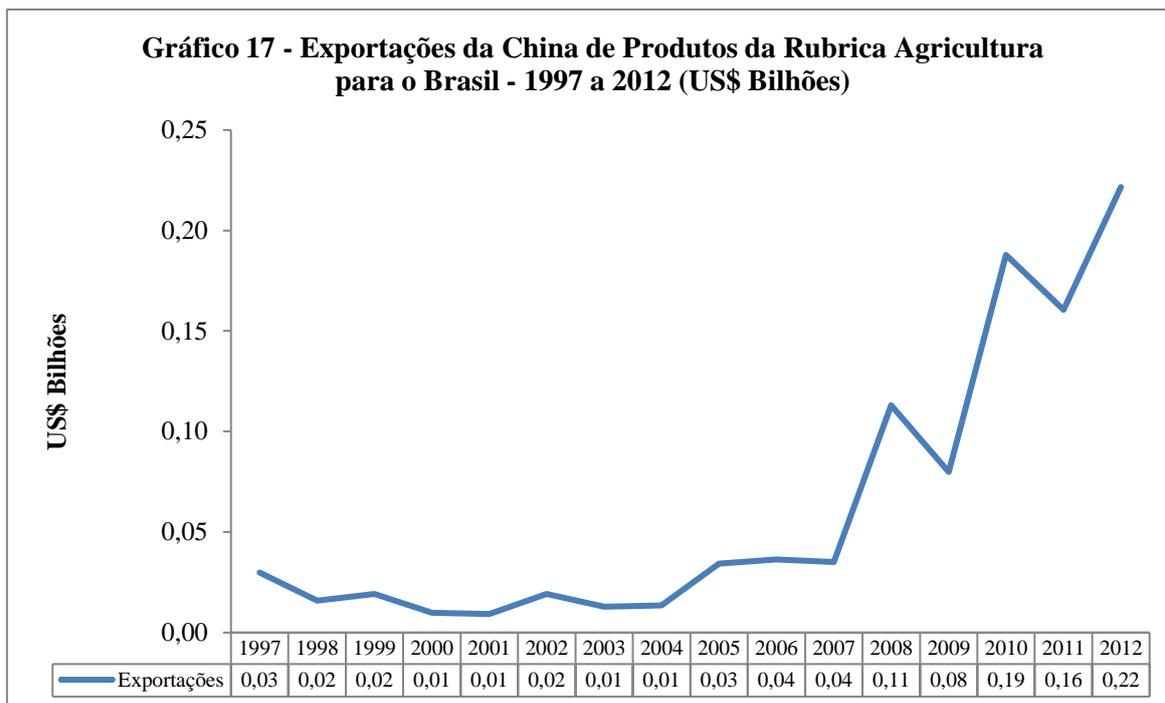
o que mostra o sucesso de sua estratégia de desenvolvimento desde 1980. Já as exportações chinesas de produtos da rubrica agricultura destinadas ao Brasil apresentaram um pequeno aumento entre os anos de 1997 e 2012, de US\$ 0,03 bilhão para US\$ 0,22 bilhão (Gráfico 17). Este cenário reflete a maior importância dos produtos industrializados nas exportações chinesas destinadas ao Brasil, uma vez que a China exporta um volume de produtos industrializados 100 vezes maior quando comparado ao volume de produtos agrícolas. Este fato é decorrente da estratégia de desenvolvimento chinesa de especialização e diversificação de sua produção industrial, o que reflete na participação de apenas 1% da produção agrícola em relação à produção total.

Como foi analisado anteriormente, a China aumentou sua participação na pauta exportadora brasileira. Vale ressaltar que em apenas dez anos, os três maiores parceiros comerciais brasileiros, Estados Unidos, Argentina e Alemanha reduziram suas participações e em 2012 a China se apresentou como principal parceiro comercial do Brasil, o que intensifica ainda mais a relação comercial entre eles.

O que se pode concluir sobre os volumes das exportações e importações entre os dois países foi um expressivo aumento em 10 anos, que fortaleceu o desenvolvimento econômico de ambos, porém este crescimento não foi igualitário, pois a estrutura produtiva da China e do Brasil é diferente e suas políticas e estratégias de desenvolvimento também são distintas.



Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do MDIC-Alice Web, (2011).

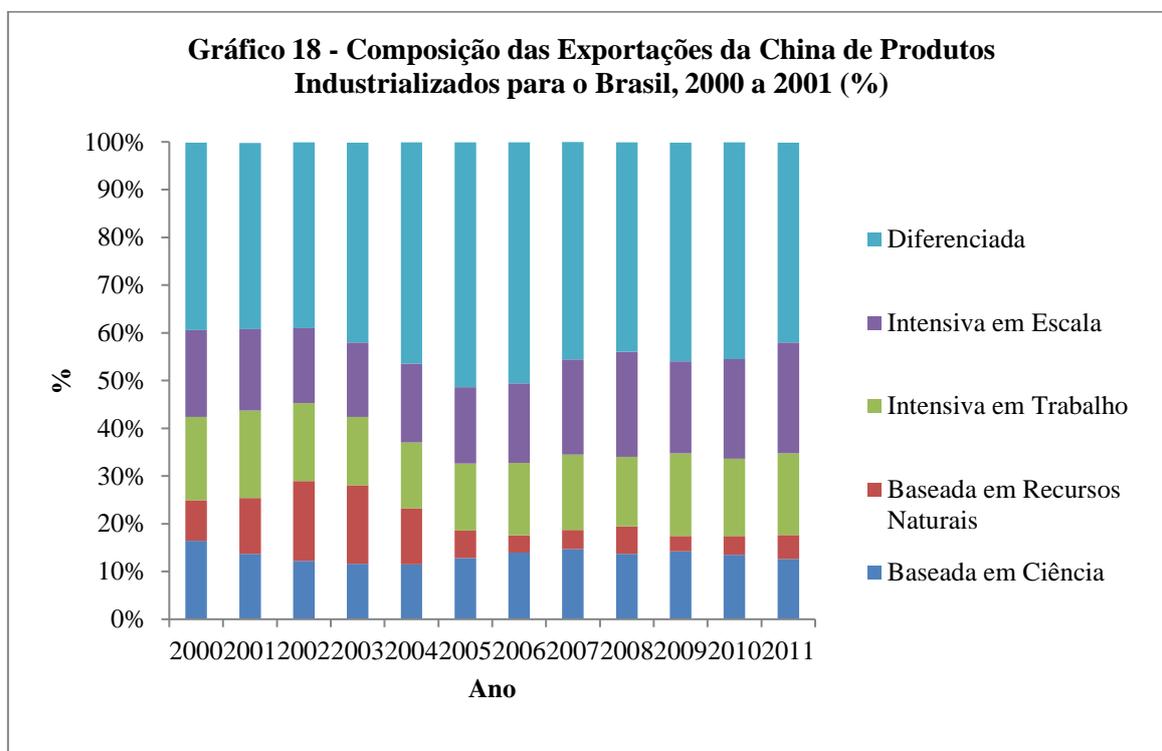


Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do MDIC-Alice Web (2012).

A pauta das exportações da China em relação aos produtos industrializados, no ano de 2000, era composta por 16,5% de produtos baseados em ciência, 8,4% de produtos baseados em recursos naturais, 17,5% intensivos em trabalho, 18,2% intensivos em escala e 39,3% de produtos diferenciados. Já em 2011, essa composição intensificou a necessidade do Brasil importar da China, principalmente, bens industrializados intensivos em escala e diferenciados. A pauta exportadora chinesa destinada ao país sul americano era composta, neste ano, por 12,6% de produtos baseados em ciência, 5% de produtos baseados em recursos naturais, 17,1% intensivos em trabalho, 23,2% intensivos em escala e 41,9% de produtos diferenciados, dentre os quais se incluem os do complexo eletrônico. (Gráfico 18).

Essa diversidade da produção chinesa aliada com sua especialização em produtos diferenciados e intensivos em escala pode se configurar em um problema o Brasil. Em um cenário de liberalização comercial e ausência de políticas restritivas por parte do governo brasileiro, a demanda chinesa por recursos de baixo teor tecnológico, como *commodities*, aprofunda o fenômeno, já observado por vários autores, de “reprimariação da estrutura produtiva brasileira”. (CARVALHO, D. & CARVALHO, A. 2012). Além disso, com a produção industrial chinesa altamente diferenciada, faz com que este país aumente, cada vez mais, as relações comerciais internacionais, pois consegue

atender a demanda de vários países ao mesmo tempo e absorver os produtos escassos em seu território, principalmente os recursos naturais.



Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do MDIC-Alice Web (2012).

As exportações da China para o Brasil em relação aos produtos industrializados, segundo intensidade tecnológica, eram compostas em 2000 por 50,3% de bens de alta tecnologia, 19,9% de bens de média-alta tecnologia, 11,4% de bens de média-baixa tecnologia e 18,2% de bens de baixa tecnologia. Já em 2011, os bens de alta tecnologia reduziram para 42% e os de média-alta tecnologia aumentaram para 27%. Os bens de média-baixa tecnologia aumentaram para 14,8% e os bens de baixa tecnologia diminuíram para 16%. Isto indica que o Brasil importa justamente os produtos que tem dificuldade de produzir endogenamente para posterior inserção no mercado. Sendo assim, explica-se a dependência brasileira dos produtos chineses de média-alta e alta tecnologia. Para ilustrar, os bens de baixa tecnologia são aqueles produzidos e fabricados na indústria têxtil, vestuário e couro. Os de média-baixa tecnologia são aqueles produzidos na metalurgia, minerais não metálicos, borracha e metais. Já os de média-alta tecnologia são produtos químicos, máquinas, equipamentos e veículos automotores. Porém, os produtos

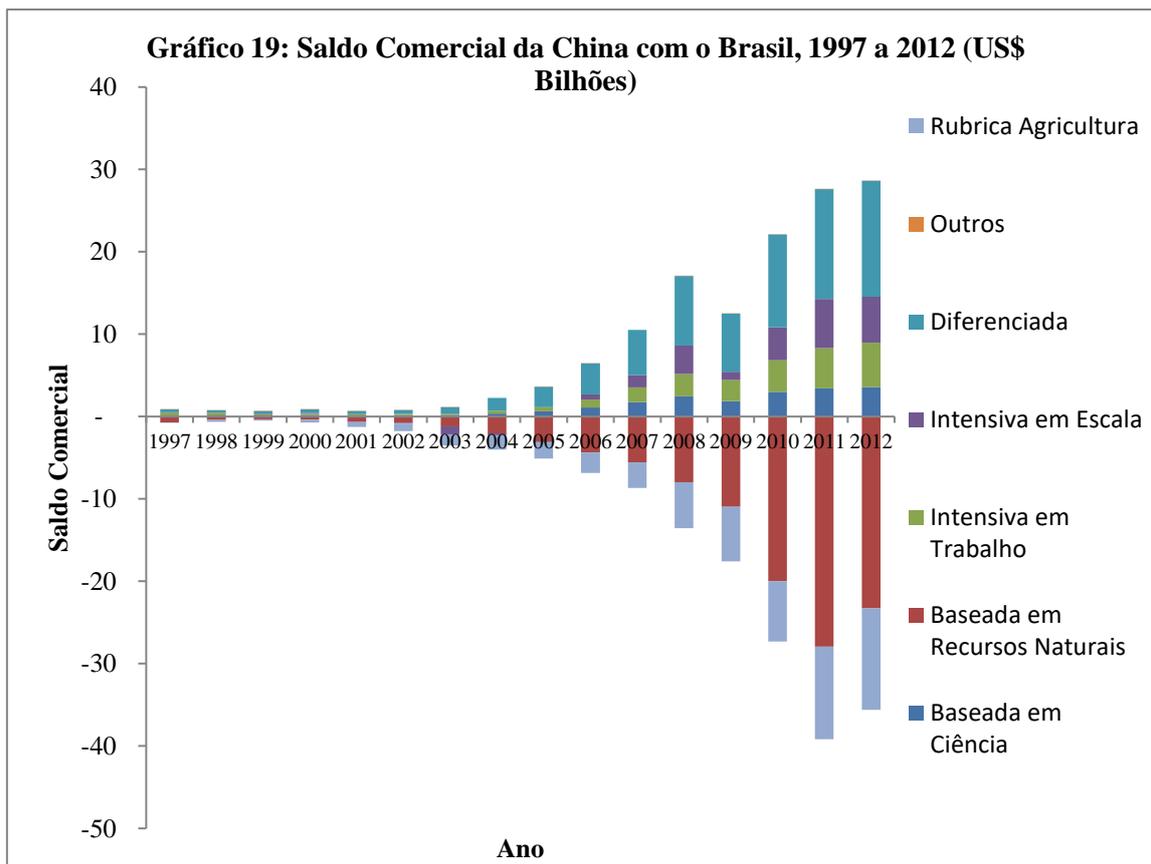
mais comercializados são os bens de alta tecnologia, farmacêuticos, equipamentos de informática, máquinas e materiais elétricos e fabricação de aeronaves.

Analisando-se o período de 1997 a 2012, o saldo comercial de produtos industrializados entre a China e o Brasil foi majoritariamente superavitário para o país asiático (com exceção dos anos de 2002 e 2003). No ano de 2012 a China apresentou um *superávit* comercial US\$ 5,4 bilhões. Em contrapartida, o resultado comercial da rubrica agricultura, manteve-se deficitário durante todo o período em questão, sendo que em 2012 acumulou um *déficit* de US\$ 12,4 bilhões. Quando se analisa o saldo comercial completo, incluindo produtos industrializados e produtos da rubrica agricultura, a relação China Brasil apresentou um *déficit* de US\$ 7 bilhões.

Este comportamento da balança comercial reflete a importância dos produtos agrícolas no comércio entre os dois países e pode ser uma resposta da economia brasileira à elevação da demanda chinesa por matéria prima e *commodities*. Tal cenário se enquadra no posicionamento da China em alavancar a sua produção industrial, o que cria uma necessidade de importação daqueles bens que lhe são escassos, em especial produtos intensivos em recursos naturais.

Tal fato pode ser observado na pauta da balança comercial China Brasil por tipo de tecnologia, vide Gráfico 19. Entre 1997 e 2012, a China aumentou seu *déficit* em produtos industrializados intensivos em recursos naturais de US\$ 700 milhões para US\$ 23,2 bilhões e nos produtos da rubrica agricultura de US\$ 70 milhões para US\$ 12,3 bilhões. Por outro lado, no mesmo período, a China apresentou uma expansão de seu *superávit* comercial com o Brasil em produtos industrializados baseados em ciência de US\$ 80 milhões para US\$ 3,6 bilhões, intensivos em trabalho de US\$ 400 milhões para US\$ 5,4 bilhões, intensivos em escala de US\$ 40 milhões para US\$ 5,6 bilhões e diferenciados de US\$ 340 milhões para US\$ 14 bilhões. (Fonte: MDIC-Alice Web).

No caso dos produtos industrializados diferenciados, percebe-se que o desempenho chinês melhorou no período principalmente devido ao seu investimento no aprimoramento do processo industrial através da utilização maciça de P&D e TIC, como já foi analisado anteriormente.



Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do MDIC-Alice Web (2013).

Os produtos industrializados com maior participação nas exportações brasileiras para a China foram minérios (40%), oleaginosas (23%) e combustíveis minerais (13%), o que indica que apenas três produtos representaram aproximadamente 80% da pauta exportadora. Essa concentração em um número tão pequeno de produtos faz com que a economia brasileira dê um peso excessivo aos preços externos de tais *commodities*. Enquanto os preços estiverem em alta não ocorrerão problemas, já quando estes preços sofrerem queda, o país enfrentará graves problemas de equilíbrio no balanço comercial. Este cenário deixa o Brasil em uma posição extremamente delicada, pois fica submisso à demanda chinesa.

Em relação à pauta importadora do Brasil com a China<sup>14</sup>, os principais produtos importados no ano de 2009 foram máquinas e equipamentos elétricos<sup>15</sup> (33%),

<sup>14</sup> A pauta importadora do Brasil com a China é composta principalmente de produtos do Complexo Eletrônico, devido à dependência do país sul americano em relação a esses produtos. A China, em seu processo de desenvolvimento, conseguiu “endogeneizar” a produção através do processo *catching up tecnológico* aliado com a desagregação da produção desses bens em outros países asiáticos. Como esses produtos fazem parte do processo industrial para o desenvolvimento de outros bens, o Brasil precisa importar

caldeiras e máquinas mecânicas (20%) e químicos orgânicos (7%). Estes dados comprovam a capacidade produtiva chinesa, pois a produção não é concentrada como a brasileira, além disso, grande parte dos produtos exportados pela China, direcionados ao Brasil, é intensiva em tecnologia.

O *superávit* chinês em produtos de média e alta intensidade tecnológica se deve a um conjunto fatores como níveis superiores de escala, núcleo endógeno do progresso técnico em desenvolvimento e mão-de-obra abundante barata, entre outros. Isso traz vantagens à China e reduz as chances do Brasil, por exemplo, competir com produtos de maior coeficiente tecnológico.

Além disso, a China adota políticas de comércio que trazem mais benefícios aos seus produtos, como tarifas e quotas tarifárias. Os produtos estrangeiros que entrarem no território chinês disputam o mercado com os produtos nacionais, porém devido à introdução de tarifas, os estrangeiros se tornam mais caros e perdem competitividade. Ao longo dos anos, as tarifas de importação chinesa diminuíram, no entanto, altas tarifas ainda se verificam nos produtos primários como cereais, bebidas, tabaco e açúcar.

No caso daqueles produtos que forem reexportados, não haverá tarifação. Isso mostra o incentivo dado, pelo governo, à importação de matérias primas que entram na China com o objetivo de passarem por processos industriais, agregam valor para, então, serem reexportadas. Outras medidas adotadas pelo país são as barreiras não tarifárias (pelo lado das importações), restrições, proibições, quotas, licenças e isenções fiscais (pelo lado das exportações). A política de protecionismo na China é muito clara, pois o governo utiliza estas medidas mencionadas acima para tornar os produtos externos mais caros e, além disso, incentivam a produção industrial local e o desenvolvimento do processo produtivo de matérias prima que entram no país e passam por processos produtivos para serem reexportadas. Este método é denominado *draw back*, muito utilizado por muitos países com objetivo de introduzir tecnologia a certo produto que fora importado e posteriormente exportá-lo com maior valor agregado.

O governo chinês utiliza-se de justificativas como proteção ambiental, economia de energia e conservação dos recursos naturais para poder usufruir de tais

---

esses produtos, muitas vezes, para dar continuidade em seu processo produtivo, como, por exemplo, na indústria mecânica com a construção de automóveis que é segregada.

<sup>15</sup> Ao analisar-se o peso de cada produto eletrônico individualmente, verifica-se que sua importância relativa torna-se diminuta ou se perde em meio aos vultosos pesos de outros bens menos intensivos. No entanto, se analisada a quantidade de produtos deste complexo, nota-se que a cadeia produtiva em questão está em meio aos vultosos pesos de outros bens menos intensivos. No entanto, se analisada a quantidade de produtos deste complexo, nota-se que a cadeia produtiva em questão está amplamente desagregada de modo que a união de todos os pesos individuais gerará um valor de grande impacto final no balanço comercial entre os dois países.

medidas. Porém, nos últimos anos a OMC questiona as políticas de protecionismo chinês. O que se observa da relação entre China e Brasil, é que este possui tarifas de importação superiores, enquanto a primeira adota maiores barreiras não tarifárias, se beneficiando assim, da produção de bens intensivos em tecnologia dentro de seu território, devido aos menores custos e taxas para os produtores cobrados pelo governo. (THORSTENSEN, 2011).

Pode-se inferir que a relação comercial entre China e Brasil traz muitos benefícios a ambos, enquanto a China consegue suprir sua demanda em matéria-prima e recursos naturais necessários à produção industrial, o Brasil aumenta cada vez mais o volume das exportações direcionadas a este parceiro comercial. Por outro lado, a China exporta majoritariamente bens intensivos em tecnologia e escala para o Brasil, uma vez que, este não consegue internalizar sua produção industrial e fica dependente de produtos externos para expandir seu processo produtivo. Com isso, o Brasil aumenta as importações desses bens e não se especializa na produção dos mesmos. Neste cenário, é importante analisar a relação de investimento entre os dois países, pois ela é complementar a relação comercial. Com o aumento da sinergia entre China e Brasil, houve uma expansão da relação comercial, e conseqüentemente, um aumento do fluxo de IDE.

#### ii) *Fluxo de Investimento Brasil China*

O investimento de um país ou de uma empresa no exterior, segundo Krugman e Obstfeld (2005), serve para a formação de Empresas Multinacionais (EMNs) e para aumentar seu controle econômico. Além disso, o IDE pode beneficiar um país em detrimento de outros, de acordo com os incentivos, menores custos de produção e benefícios fiscais, que variam de país para país. Com base nestes fatores, as EMNs alocam seus investimentos de acordo com as oportunidades oferecidas pelo local que absorverá este capital. Estas oportunidades incluem, principalmente, ganhos de escala e custo de mão-de-obra, além da localização e das características da propriedade.

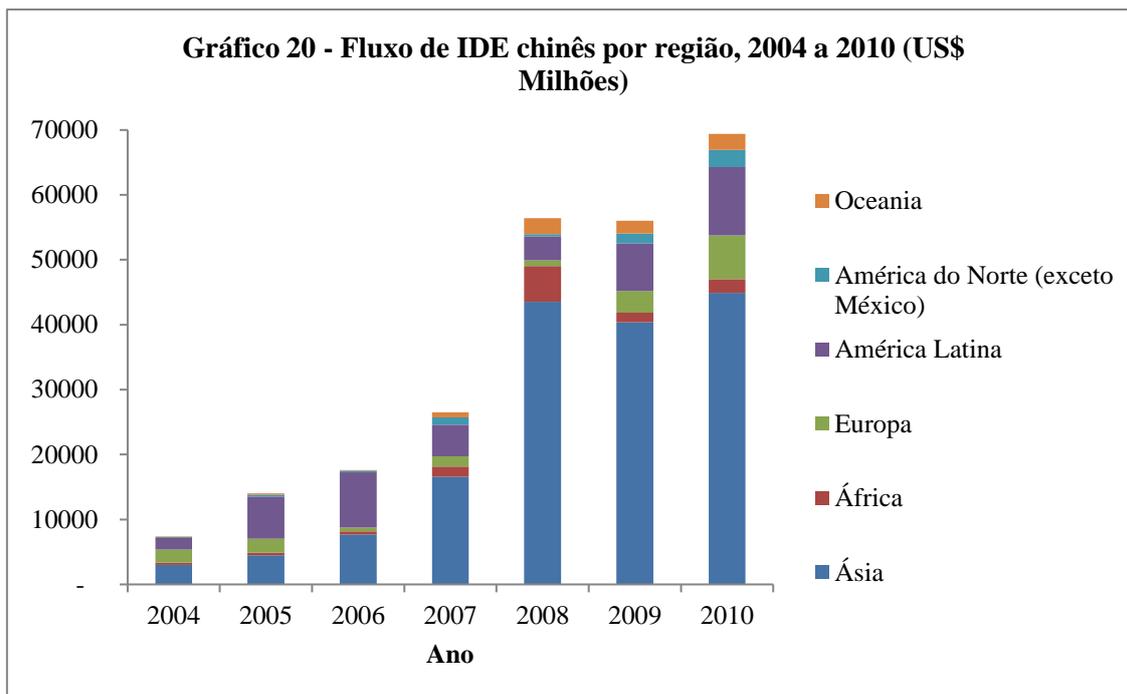
A partir de década de 80, como foi analisado ao longo deste trabalho, a estratégia de desenvolvimento chinesa se baseava, entre outros objetivos, na abertura de sua economia e no desenvolvimento da estrutura produtiva nacional. Para aumentar a participação das empresas chinesas no mundo, o governo adotou uma política chamada “*going outside*”, com o objetivo de incentivar estas empresas a investirem em locais com

recursos abundantes e aumentar a parceria com outros países. Para um melhor efeito desta política foram adotadas algumas medidas, como incentivos fiscais, estímulos financeiros, assistência de câmbio, assistências técnica e apoio internacional para que as empresas pudessem entrar em novos mercados (VOSS, 2010, p. 79). Este processo se deu em paralelo com a adesão da China à OMC, o que acabou aumentando o fluxo de IDE chinês no mundo.

Todas as empresas chinesas, sendo estatais ou privadas, que decidissem investir no exterior deveriam obter aprovações dos órgãos governamentais chineses, como o Conselho de Estado e o Ministério do Comércio da República Popular da China (MOFCOM). Este último tem como função estabelecer procedimentos administrativos e políticas específicas para orientar o destino do IDE chinês. A forte presença do governo nas tomadas de decisão fez com que este processo fosse alinhado com a estratégia de desenvolvimento e crescimento chinesa no longo prazo.

Para ilustrar este processo, segundo a OCDE, em 2011, a China já se apresentava como a segunda maior economia mundial com US\$ 3 trilhões de reservas cambiais. Observou-se, segundo o Gráfico abaixo, que em 1982, neste país, houve um fluxo de US\$ 44 milhões de investimento para o exterior. Já em 2010, este fluxo aumentou para US\$ 68 bilhões. Conforme dados da MOFCOM, o estoque de IDE chinês elevou-se de US\$ 29,9 bilhões para US\$ 317,2 bilhões entre 2002 e 2010.

Segundo dados do BACEN, em 2008, o IDE chinês no mundo se concentrou no setor de comércio de fertilizantes, no ano seguinte, no setor de serviços bancários e em 2010, no setor de Mineração (Extração de Minério de Ferro), representando 89% do IDE chinês.



Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do MOFCOM (2011).

Como podem ser analisadas no Gráfico 20, no ano de 2004, as áreas com maior participação do fluxo de IDE chinês foram a Ásia com 41%, a Europa com 28% e a América Latina com 24%. Contudo, a situação em 2010 se alterou fortemente, uma vez que, a parcela de IDE chinês destinado ao território asiático subiu para 65%, ao passo que, o IDE destinado aos continentes europeu e latino- americano caiu para 10% e 15%, respectivamente.

É importante analisar a expansão dos investimentos chineses em países em desenvolvimento, pois se remete ao interesse deste país em suprir sua demanda de recursos naturais. Este é o caso do Brasil, pois o aumento do fluxo de investimento chinês em seu território pode ser explicado pela intensidade da relação comercial entre os dois países como foi discutido na seção anterior.

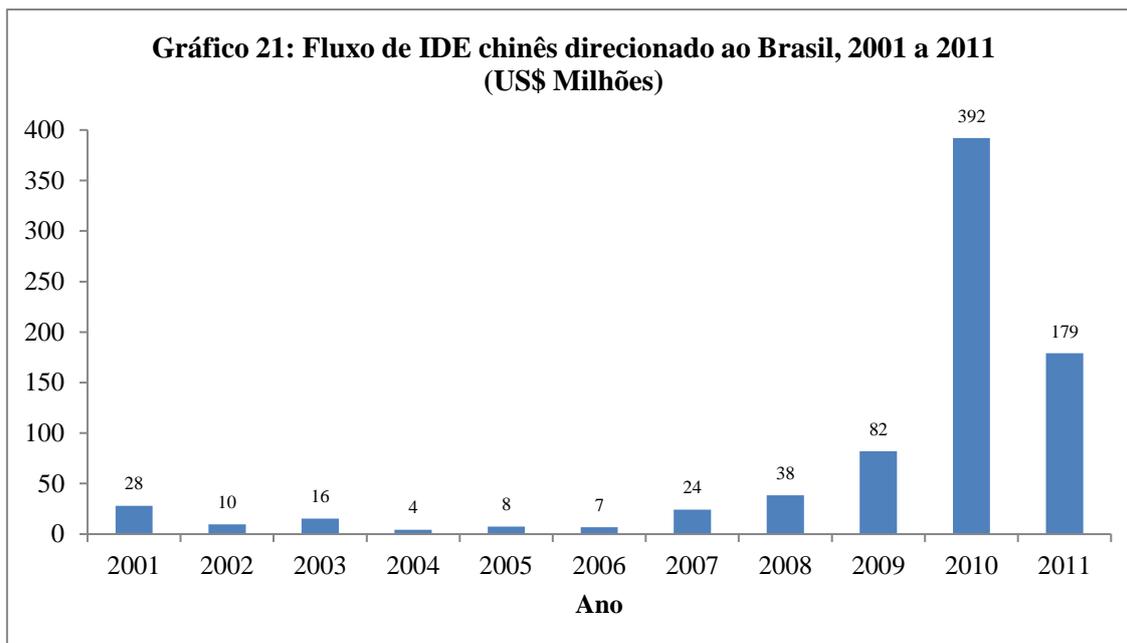
No entanto, outro padrão de comércio que pode interferir nas decisões de investimentos da China é sua relação com os países asiáticos. Por se tratar de uma relação de complementariedade, principalmente, no processo produtivo industrial chinês é interessante a China investir cada vez mais na produção na Ásia, já que investimento será revertido diretamente na diversificação de sua produção e na especialização, inclusive, de bens de alto valor agregado.

Vale ressaltar o direcionamento do fluxo de investimentos chineses no mundo foi de 75% ao setor terciário (serviços financeiros e comércio) e 17% ao setor

primário, principalmente para mineração e exploração do petróleo. Representando estes dois setores, os que receberam mais investimentos foram o de telecomunicações, energia elétrica, bancos, petróleo e gás. O governo chinês utilizou como justificativa para manter o pujante crescimento do PIB de 10% ao ano o investimento em recursos naturais para garantir a fonte de alimento e de energia. Além disso, o IDE chinês no mundo tem como foco aumentar a competitividade e a importância das empresas chinesas no cenário internacional, através da adoção de maiores tecnologias em seu processo industrial e da conquista de novos mercados. (Fonte: IPEA).

Verificou-se também forte aumento do IDE chinês para os países da América Latina e África. Em relação aos latino-americanos, segundo ARAUJO (2012), o Brasil se destacou por apresentar as características aderentes de um país receptor do IDE chinês como: ambiente favorável para o investimento, nível de segurança, relações políticas e econômicas com a China e complementaridade entre as economias. Mesmo em tempos de crises internacionais, o Brasil apresentou-se atrativo e receptor dos investimentos, pelo seu potencial de crescimento econômico. É importante mencionar que o fator geopolítico também torna o país latino americano atraente para investimentos, pois a entrada de capital chinês neste território auxilia no crescimento de sua estrutura produtiva e ao mesmo tempo desenvolve os bens necessários para o parque industrial asiático. Este mecanismo fortalece as relações entre os dois países, o que faz aumentar a área de influência da economia chinesa no mundo e, conseqüentemente, a concretização da China como uma potência no cenário internacional.

Em 2011, a China foi considerada, segundo dados do BACEN, o 29º maior país investidor no Brasil, com um fluxo de US\$ 179 milhões. Houve uma grande expansão deste fluxo ao longo dos anos, principalmente a partir do ano de 2008, como se pode analisar no Gráfico 21. Devido ao incentivo fiscal da região, a Zona Franca de Manaus foi escolhida para alguns projetos (BACEN, 2011).



Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados do BACEN (2012).

Porém, para o IPEA, os dados disponibilizados pelo BACEN tendem a subestimar o fluxo de IDE chinês no Brasil, pois segundo a metodologia de registro de capital estrangeiro não se consegue calcular com precisão a origem dos investimentos quando estes são originados em paraísos fiscais e quando estes são originados de fusões e aquisições. Segundo a Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização (SOBEET), o IDE chinês no Brasil, no ano de 2010, esteve entre US\$13 e US\$17 bilhões, valores muito diferentes daqueles apresentados pelo Banco Central (US\$394 milhões). A hipótese é que os investimentos teriam sido originados em Luxemburgo antes de ingressarem no Brasil, já que naquele país existem muitos benefícios fiscais. (LAMUCCI & WATANABE, 2011).

Dito isso, nota-se que as empresas estatais chinesas investem no Brasil, por meio de países intermediários, utilizando-se de tarifas reduzidas ou até mesmo isenções fiscais. Deste modo, o governo brasileiro não consegue mensurar corretamente o volume de investimentos que entra em seu território e, conseqüentemente, não consegue tarifá-lo. Este cenário é prejudicial à economia brasileira, pois além das informações de um fluxo de investimentos distorcido o país acaba permitindo que cada vez mais, o IDE utilize destes artifícios para se beneficiar em seu território, como é o caso do IDE chinês.

Em relação aos setores, os investimentos externos da China no Brasil se deram principalmente nos setores primários nas atividades agropecuárias e extrativismo

mineral e nos setores industriais nas produções químicas, petroquímicas e refino de petróleo.

Em 2004 foi assinado um Memorando de Entendimento sobre a Cooperação em Matéria de Comércio e Investimento entre os dois países. Com isso, o Brasil reconheceu o status de economia de mercado à China, fortalecendo a relação entre ambos. (MRE, 2004). O objetivo deste Memorando foi promover uma parceria estratégica entre os países, para isso, os mesmos deveriam respeitar as áreas de comércio e de investimento para garantir resultados satisfatórios. As áreas de cooperação seriam as de regulamentação e inspeção fito e zoonosológicas, de segurança dos produtos animais e vegetais e dos empreendimentos desenvolvidos em conjunto, com base nas leis de mercado e nas orientações estabelecidas pela OMC.

A partir deste ano, aumentaram-se os anúncios de investimentos das empresas chinesas no território brasileiro, principalmente, no setor de metais. Para a Conferência Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) (2010), este processo beneficiaria ainda mais a China, pois o foco de seus investimentos no Brasil se dá principalmente nos setores de extração e produção de recursos naturais devido à sua demanda interna. A importância deste setor para o desenvolvimento da economia chinesa se comprova com sua participação de 80% do total dos investimentos chineses anunciados no Brasil ao longo dos anos 2000. (SECEX / MDIC, 2011).

A sinergia entre os dois países aumenta cada vez mais, pois os setores ligados à produção de recursos naturais, como minério de ferro, soja e petróleo, principalmente, são aqueles que representam mais da metade (70,4%) das exportações brasileiras de produtos industrializados para a China. Entre 2003 e 2011, só os setores de Metais, Petróleo, Gás e Carvão representaram 74,6% do total anunciado de IDE chinês no Brasil. A participação destes setores nos investimentos chineses direcionados ao Brasil, explica a necessidade da China de matéria-prima e recursos naturais no processo de desenvolvimento da sua indústria. Além disso, estes investimentos mostram o direcionamento do Brasil, considerado um país agrícola exportador, em produzir e exportar os mesmos produtos que receberam investimentos externos. Este fato é um indício da influência que a China exerce sobre o governo brasileiro, ao induzir investimentos na produção nacional e privilegiar suas exportações. (SECEX / MDIC, 2011).

Por outro lado, 91% do total anunciado dos investimentos são direcionados aos setores apoiados pelo Governo chinês, o que aumenta, ainda mais, a facilidade das empresas chinesas de obterem crédito, benefícios fiscais e assistência cambial. Porém, é

difícil mensurar com precisão, nos dias atuais, o acompanhamento dos investimentos devido à necessidade de se realizar uma análise junto às empresas chinesas identificadas como investidoras no mercado externo, as quais atuam de maneira reservada para esse tipo de pesquisa. (SECEX / MDIC, 2011).

Sabe-se que o IDE brasileiro na China apenas foi permitido a partir de 1978 sob a política de abertura econômica chinesa, liderada por Deng Xiaoping, como foi visto no decorrer deste trabalho. Em 2011, o 12º Plano Quinquenal, teve como objetivo orientar a entrada de IDE na China para centros de pesquisa e desenvolvimento nos seguintes setores: fontes de energia, energia renovável e biotecnologia, além de máquina e equipamentos com tecnologia avançada.

A principal razão deste fato é a especialização da economia brasileira em produtos intensivos em recursos naturais para atender a demanda chinesa. Ao mesmo tempo existe muita dificuldade da estrutura industrial brasileira intensificar sua produção de bens de médio e alto valor agregado. Como a estratégia da economia chinesa foi fomentar a sua indústria, este país investe naqueles que possuem vantagens na produção de matéria prima e recursos naturais (como o Brasil) e, concomitantemente, utiliza esses bens, escassos em seu território, para o desenvolvimento da sua estrutura produtiva. Assim, a China pode se especializar, inclusive, em bens de alto valor agregado.

Outra estratégia chinesa para manter sua especialização em tecnologia e, ao mesmo tempo, manter a oferta de seus países parceiros em bens intensivos em recursos naturais, é a criação de barreiras comerciais estabelecidas pelo governo chinês como, por exemplo, a lei antimonopólio. Esta lei obriga que as empresas estrangeiras tenham que provar que não colocarão em risco a soberania e a segurança da China ao entrarem no país, o que dificulta ainda mais tal processo.

As principais dificuldades enfrentadas pelas empresas brasileiras para entrada de IDE em território asiático, segundo o Conselho Empresarial Brasil – China (CEBC), foram a distância física e cultural entre Brasil e China; falta de informações e conhecimento sobre as instâncias do governo chinês; autorização deste para projetos em setores regulados; diferença entre os objetivos estratégicos brasileiros e chineses. Na verdade, o CEBC não considerou que a principal dificuldade do Brasil em inserir suas empresas na China é a pequena quantidade de empresas brasileiras especializadas em setores estratégicos de bens de alta complexidade tecnológica.

O processo de desenvolvimento industrial no Brasil foi muito diferente do que o apresentado pela China, enquanto a estratégia do país asiático baseou-se em

internalizar a estrutura produtiva, consolidar um mercado consumidor e exportar cada vez mais bens intensivos em tecnologia, o Brasil se especializou na indústria de recursos naturais, que são abundantes em seu território.

Porém, este segmento nem sempre traz só benefícios, pois o Brasil exporta cada vez mais esses bens intensivos em mão-de-obra e recursos naturais, recebe investimentos externos (como foi visto no panorama de IDE chinês para o Brasil) para produção dos mesmos e acaba se tornando dependente da produção externa de bens intensivos em tecnologia. Embora existam empresas especializadas em tecnologia, P&D no Brasil, estas não conseguem ser autossuficientes para atender a demanda interna da produção brasileira.

Em estudos do CEBC, notou-se que das 57 empresas brasileiras presentes em território chinês, 50,9% são prestadoras de serviços; 28,1% são produtoras de manufaturas, como Embraco e Embraer; 21% são transformadoras de recursos naturais, como BRF – Brasil Foods, Marfrig, Petrobrás e Vale. Os setores de investimentos são diversificados, porém não existem ainda empresas brasileiras operando em setores estratégicos, como aqueles selecionados pelo 12º Plano Quinquenal.

### *iii) Oportunidades e Desafios para a Sinergia China – Brasil*

Nos últimos anos, as relações entre China e Brasil se estreitaram, fortalecendo ambas as economias e reduzindo as restrições de comércio entre elas. O crescimento pujante da economia chinesa alavancou a demanda por produtos brasileiros, fazendo com que as exportações do Brasil direcionadas para a China aumentassem, representando assim uma relação de complementariedade entre os países.

Porém, esta relação intensifica a produção de produtos primários com baixos níveis tecnológicos no Brasil, pois a China incentiva o país a se especializar nos recursos naturais, como minérios, petróleo e gás. Ainda que a China aumente os setores de sua economia à receberem IDE externo e proporcione leilões no fornecimento de energia, facilitando a entrada das empresas brasileiras no país, o Brasil não consegue investir em setores com níveis de alta complexidade tecnológica.

As empresas brasileiras, em território chinês, apenas proporcionam empregos e aumentam a importância de suas exportações, pois o Brasil ainda se apresenta como um país pouco desafiador no desenvolvimento tecnológico especializado em recursos naturais. Por outro lado, a China, que passou por um intenso processo de desenvolvimento interno, é capaz de internalizar seu processo produtivo, utilizando P&D, máquinas e equipamentos criados em seu território. Com a expansão da cadeia produtiva e a intensa utilização de tecnologia, o processo industrial chinês se torna eficiente ao passo que agrega valor a seus produtos e exporta ao mercado externo bens de baixa, média e, inclusive, de alta tecnologia.

Pode-se analisar que o Brasil apresenta muitas oportunidades no desenvolvimento dos setores de recursos naturais e de energia da China, principalmente, através do fornecimento de matéria-prima. Ao mesmo tempo, a China apresenta grandes desafios ao Brasil, através da competição dos produtos intensivos em tecnologia, uma vez que, os produtos chineses se tornam mais baratos do que os produtos nacionais, devido à complexidade da estrutura produtiva industrial chinesa, que apresenta maior produtividade e é capacitada a agregar mais valor a seus produtos em relação ao processo produtivo brasileiro. Além disso, a China adota muitas medidas protecionistas como as isenções fiscais, que incentivam as exportações e a entrada dos produtos chineses no mercado mundial.

## IV CONCLUSÃO

Esta monografia procurou descrever e estudar o rápido processo de desenvolvimento que a pujante economia da China percorreu na década de 1980 até os dias atuais. Para tanto, foi necessária a análise dos principais índices econômicos que envolvem a indústria. Através do Valor Bruto da Produção, do Valor Adicionado da Indústria, do tamanho das indústrias e do número de empregados, pode-se compreender a estratégia adotada pelo governo em desenvolver a estrutura da produção industrial. E com a importação de máquinas e equipamentos, utilização de P&D e TIC, os produtos industriais chineses começaram a agregar valor e ganhar visibilidade no mercado. As indústrias da China passaram a internalizar a produção e se especializar, inclusive, em bens intensivos em alto conteúdo tecnológico, completando todo o fluxo do complexo industrial. Vale lembrar que como parte desta estratégia foi necessária a abertura da economia chinesa: entrada de multinacionais em seu território e as exportações de produtos nacionais para o comércio mundial.

O contexto de desenvolvimento econômico da China possibilitou a comprovação de uma série de argumentos que ressaltam a importância deste país no cenário mundial. Primeiramente, comprovou-se a caracterização da China como “Duplo-Polo” na economia internacional. O país, que na década de 70 dividia suas exportações igualmente entre produtos primários e manufaturados conseguiu, ao longo dos anos, expandir cada vez mais a produção com utilização de tecnologia, inclusive, de bens de alto valor agregado.

Um dos principais mediadores da entrada da economia chinesa no comércio internacional foi os EUA, que logo no início dos anos 80 incentivaram o crescimento econômico da China. O país norte americano sempre foi um dos maiores parceiros comerciais da China, complementando, também muitas vezes, a estrutura produtiva. Mas ao longo dos anos, com o desenvolvimento da indústria chinesa nas áreas de tecnologia, este país começa a desacelerar o crescimento das importações dos EUA em produtos de alto valor agregado e passar a produzir no próprio território. Este cenário pode futuramente, inibir a relação entre ambos e dificultar as parcerias que estes possuem.

A partir dos anos 2000, com a análise de dados da economia chinesa, é perceptível na balança comercial o tamanho da influência que a China vem exercendo e como ela passou a ganhar importância no cenário mundial. Os países asiáticos, que já estavam se beneficiando há mais tempo com o desenvolvimento desta potência (modelo

dos gansos voadores) intensificaram a produção de máquinas, equipamentos, componentes e produtos de média e baixa intensidade tecnológica. Este dinamismo acabou proporcionando uma relação de complementaridade no comércio entre a Ásia.

Houve uma expansão das relações comerciais com os países em desenvolvimento, principalmente os agrícola-exportadores, como o Brasil. Ao longo da monografia, foi analisada a balança comercial e de investimento entre os dois países. A China, com sua pujança econômica, influencia cada vez mais na produção da economia brasileira em produtos industrializados intensivos em recursos naturais ou em produtos agrícolas, seja através de investimentos ou através de estímulos na balança comercial. A importância desses produtos gera um *déficit* comercial para China, porém ao mesmo tempo, incentiva o Brasil a se especializar em bens pouco intensivos em tecnologia.

Esta relação também gerou resultados negativos, por exemplo, o Brasil diminuiu sua intensidade na produção industrial tanto pela perda de competitividade para os produtos chineses como para atender a demanda agrícola deste país. O Brasil não possui uma política defensiva, que desestime a entrada de investimentos chineses direcionados à extração e produção de recursos naturais, nem tampouco, uma política agressiva com taxas mais altas sobre os produtos importados chineses.

Como foi descrito e analisado anteriormente, a China permitiu que muitos países se especializassem em bens de baixo valor agregado e outros em bens de alto valor agregado. O poder que esta potência conquistou ao longo dos anos pode ser comprovado pela sua alta participação no comércio mundial. Além disso, existem outros fatores que caracterizam a China como detentora de uma grande influência nas demais economias, como seu saldo comercial, sua capacidade de captar o dinamismo externo e internalizar o progresso técnico.

Porém muitos países não concordam com a política comercial chinesa, pois o país mantém um câmbio desvalorizado, o que deixa suas exportações mais baratas em relação às demais. Além disso, devido à elevada taxa de produtividade, ao elevado porte das empresas chinesas e das condições trabalhistas baratas em relação a outros países, os produtos chineses atingem um custo mais acessível. Em decorrência deste fato, muitos países sofrem inundação de produtos chineses em seu mercado interno por não conseguirem competir a esses preços baixos, resultando em falências e prejuízos das empresas locais.

Hoje, a partir da realização desta monografia, pode-se inferir que a China, conhecida como a “nova oficina do mundo” é capaz de influenciar diretamente na pauta

exportadora dos países, como é o caso do Brasil e de outros países na Ásia, África e América Latina, principalmente. A China foi capaz, na década de 80, de se transformar em uma economia de mercado industrial e de internalizar o dinamismo de uma estrutura produtiva moderna. O crescimento econômico pujante chinês acaba trazendo o desenvolvimento de muitos países consigo, mas fortalece a estrutura produtiva dos mesmos em produtos de baixo valor agregado.

A tendência, dado este cenário, é a que a China aumente cada vez mais a sua influência no mercado internacional, devido à sua especialização em produtos de baixa, média e, inclusive, de alta complexidade tecnológica. A capacidade da China em ofertar diversos produtos, aumenta o volume de suas exportações e importações, expande suas relações com os países e, conseqüentemente, aumenta seu fluxo de investimentos nos demais territórios. Neste caminho, a China passa a competir economicamente com os países desenvolvidos, passa disputar pelas relações comerciais e pela importância no cenário mundial, em busca de se concretizar como uma superpotência, como a constituída pelos EUA, principalmente na esfera produtiva.

## REFERÊNCIAS

- . ACIOLY, L. & LEÃO, R. (orgs.) **Comércio Internacional: aspectos teóricos e as experiências indiana e chinesa**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010.
- . ACIOLY, L. & LEÃO, R. **Internacionalização das empresas da China**. Brasília: Ipea, 2010 (Mimeo.).
- . ACIOLY, Luciana; COSTA PINTO, Eduardo; MACEDO CINTRA, Marcos Antonio. **As Relações Bilaterais Brasil-China: A Ascensão da China no Sistema Mundial e os Desafios para o Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ipea, 2011.
- . ACIOLY, L; PINTO, E. & CINTRA, M. **As Relações Bilaterais Brasil-China: A Ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil**. Brasília: Ipea, 2011.
- . ARAUJO, Carlos Antonio Lopes de. **O Investimento Direto Estrangeiro Chinês no Brasil e os Determinantes para a Escolha dos Setores pelas Empresas Investidoras**. Mestrado Profissional em Desenvolvimento e Comércio Internacional. Brasília. 2012.
- . BACEN. Banco Central do Brasil. Disponível em: <[www.bcb.gov.br/pt-br](http://www.bcb.gov.br/pt-br)>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- . BITTENCOURT, Gustavo. **América Latina frente a China como potencia económica mundial: exportaciones e inversión extranjera**. Proyecto de Investigaciones Económicas del Mercosur (Redmercosur) 2010. Jul, 2011.
- . CARNEIRO, Ricardo. **Desenvolvimento em crise**. 1ª Edição, São Paulo: Editora Unesp. Capítulo 1.
- . CARNEIRO, Ricardo. **Desenvolvimento em crise**. 1ª Edição, São Paulo: Editora Unesp. Capítulo 7.
- . CARNEIRO, Ricardo. **Globalização e Integração Periférica**. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, n. 126, jul. 2007.
- . CARVALHO, D & CARVALHO, A. **Desindustrialização e reprimarização da economia brasileira contemporânea num contexto de crise financeira global: conceitos e evidências**, 2012.
- . CHINA STATISTICAL YEARBOOK, disponível em: <<http://www.stats.gov.cn/tjsj/nds/2012/indexeh.htm>>. Acesso em 15 out. 2013.

- . CHOI, Suk Bong; LEE, SooHee; WILLIAMS, Christopher. **Ownership and firm innovation in a transition economy: Evidence from China**. Disponível em: <[www.elsevier.com/locate/respol](http://www.elsevier.com/locate/respol)>. Acesso em: 15 fev. 2012.
- . DIEGUES, A. Carlos. **A Interdependência nas relações China – EUA: a formação da economia Sino-Americana e sua importância para o ciclo do crescimento econômico mundial entre 2000 e 2006**. Disponível em: <<http://antoniocarlosdiegues.files.wordpress.com/2009/04/integracao-economica-einterdependencia-nas-relacoes-chinae280a61.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011.
- . **FMI Data and Statistics**. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2013/02/weodata/weorept.aspx?sy=1980&ey=2012&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&pr1.x=35&pr1.y=6&c=924&s=NGDPD&grp=0&a=#download>>. Acesso em 10 out. 2013.
- . LACERDA ET AL. **Economia Brasileira**. 4ª Edição. São Paulo: Editora Saraiva.
- . LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. **O Padrão de Acumulação e o Desenvolvimento Econômico da China nas Últimas Três Décadas: Uma Interpretação**. Dissertação de Mestrado. IE/UNICAMP. Capítulo 3 e 4, 2010.
- . MAXIMIANO, Cristiane de Almeida. **A Reorientação de Estratégia de Desenvolvimento Chinesa**. Monografia. Faculdade de Campinas – FACAMP/ Curso de Relações Internacionais. 2008.
- . MDIC, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/>>. Acesso: 10 set. 2013.
- . MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **A China como um Duplo Pólo na Economia Mundial e a Recentralização da Economia Asiática**. Revista de Economia Política, vol. 26, nº 3 (103), pp. 381-400. Julho-Setembro/2006.
- . MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **A Dinâmica da Integração Produtiva Asiática e os Desafios à Integração Produtiva no Mercosul**. UFRGS, 2011.
- . MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **A Expansão Chinesa Recente e os Desafios Geopolíticos**.
- . MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **Economia e Política do Desenvolvimento Recente na China**. Revista de Economia Política, vol. 19, nº 3 (75). Julho-Setembro/1999.
- . MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **O Ciclo Recente de Crescimento Chinês e seus Desafios**. Observatório da economia global, Textos avulsos, nº3, Junho de 2010.

- . MEINA, Xu; YULIANG, Shen. **Intra-Product Specialization, Sino-U.S. Trade Surplus and Trade Benefits - from the Perspective of NB Enterprises**. Institute of International Business, Shanghai Institute of Foreign Trade. 2011.
- . MILARÉ, Luís Felipe Lopes. **O Processo de Industrialização Chinesa: Uma Visão Sistêmica**. Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 2011.
- . MOFCOM. Ministry of Commerce of the P. R. China. Disponível em: <<http://ccne.mofcom.gov.cn/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- . NAUGHTON, Barry. **The Chinese Economy: Transitions and Growth**. The MIT Press. Cambridge, Massachusetts, London, England. 2007.
- . NOLAN, P. ; PAINE, S. Towards an appraisal of the impact of rural reform in China, 1978-1985. **Cambridge Journal of Economics**, v. 10, p. 83 – 99, 1986.
- . OMC, Organização Mundial do Comércio. Disponível em: <[http://www.wto.org/english/res\\_e/statis\\_e/statis\\_e.htm#database](http://www.wto.org/english/res_e/statis_e/statis_e.htm#database)>. Acesso em: 10 mar. 2011.
- . OLIVEIRA, Giuliano Contento de. **O Estado e A Inserção Ativa na Economia: A Estratégia de Desenvolvimento Econômico da China**. Doutorado em Economia IE/UNICAMP. Campinas, 2008.
- . RODRIK, D. **One economics, many recipes: globalization, institutions and economic growth**. Princeton: Princeton University Press, 2007. 263 p.
- . SERRA, José. **Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do após-guerra**. Revista de Economia Política, Vol. 2/2, nº 6, abril-junho / 1982.
- . SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira: origem e desenvolvimento**. Nova edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2000. Introdução e Capítulo 1, pags. 17 a 77.
- . UNCTAD, Handbook of Statistics. Disponível em: <<http://www.unctad.org/Templates/Page.asp?intItemID=1890&lang=1>>. Acesso em 10 mar. 2013.
- . THORSTENSEN, V. **Perfil da política e instrumentos de comércio internacional dos BIC's: China, Índia e Brasil**. Nota Técnica – Projeto regulação do comércio Global. IPEA: Brasília, março de 2011 (no prelo).
- . UNITED STATES. Department of Justice. Guidelines and policy statements. Disponível em: [http://www.justice.gov/atr/public/guidelines/horiz\\_book/15.html](http://www.justice.gov/atr/public/guidelines/horiz_book/15.html). Acesso em: 20 jun. 2013.
- . World Bank (1995). **“China, Reform and Role of the Plain in the 1990's**. \_\_\_\_\_ . 1996. **“World Development Report”**.

**APENDICE - A**

Divisão CNAE 2.0 (Setor)	Nomenclatura	Tipo de Tecnologia		Intensidade tecnológica	
01	AGRICULTURA, PECUÁRIA E SERVIÇOS RELACIONADOS	0	Rubrica "Agricultura"	0	Rubrica "Agricultura"
02	PRODUÇÃO FLORESTAL	0		0	
03	PESCA E AQUICULTURA	0		0	
05	EXTRAÇÃO DE CARVÃO MINERAL	2	Baseada em Recursos Naturais	4	Baixa
06	EXTRAÇÃO DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL	2	Baseada em Recursos Naturais	3	Média-Baixa
07	EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS	2	Baseada em Recursos Naturais	4	Baixa
08	EXTRAÇÃO DE MINERAIS NÃO-METÁLICOS	2	Baseada em Recursos Naturais	4	Baixa
10	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	2	Baseada em Recursos Naturais	4	Baixa
11	FABRICAÇÃO DE BEBIDAS	2	Baseada em Recursos Naturais	4	Baixa
12	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DO FUMO	2	Baseada em Recursos Naturais	4	Baixa
13	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS TÊXTEIS	3	Intensiva em Trabalho	4	Baixa
14	CONFECÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS	3	Intensiva em Trabalho	4	Baixa
15 (exceto 15.1)	PREPARAÇÃO DE COUROS E FABRICAÇÃO DE ARTEFATOS DE COURO, ARTIGOS PARA VIAGEM E CALÇADOS	3	Intensiva em Trabalho	4	Baixa
15.1	CURTIMENTO E OUTRAS PREPARAÇÕES DE COURO	2	Baseada em Recursos Naturais	4	Baixa
16	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE MADEIRA	3	Intensiva em Trabalho	4	Baixa
17 (exceto 17.1)	FABRICAÇÃO DE CELULOSE, PAPEL E PRODUTOS DE PAPEL	4	Intensiva em Escala	4	Baixa

17.1	FABRICAÇÃO DE CELULOSE E OUTRAS PASTAS PARA A FABRICAÇÃO DE PAPEL	2	Baseada em Recursos Naturais	4	Baixa
18	IMPRESSÃO E REPRODUÇÃO DE GRAVAÇÕES	4	Intensiva em Escala	4	Baixa
19	FABRICAÇÃO DE COQUE, DE PRODUTOS DERIVADOS DO PETRÓLEO E DE BIOCOMBUSTÍVEIS	2	Baseada em Recursos Naturais	3	Média-Baixa
20	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS QUÍMICOS	4	Intensiva em Escala	2	Média-Alta
21	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS FARMOQUÍMICOS E FARMACÊUTICOS	1	Baseada em Ciência	1	Alta
22	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE BORRACHA E DE MATERIAL PLÁSTICO	4	Intensiva em Escala	3	Média-Baixa
23	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE MINERAIS NÃO-METÁLICOS	2	Baseada em Recursos Naturais	3	Média-Baixa
24	METALURGIA	4	Intensiva em Escala	3	Média-Baixa
25	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE METAL, EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	3	Intensiva em Trabalho	3	Média-Baixa
26 (exceto 26.2 e 26.5)	FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA, PRODUTOS ELETRÔNICOS E ÓPTICOS	5	Diferenciada	1	Alta
26.2	FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA E PERIFÉRICOS	1	Baseada em Ciência	1	Alta
26.5	FABRICAÇÃO DE APARELHOS E INSTRUMENTOS DE MEDIDA, TESTE E CONTROLE; CRONÔMETROS E RELÓGIOS	1	Baseada em Ciência	1	Alta
27	FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAIS ELÉTRICOS	5	Diferenciada	2	Média-Alta
27.3	FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS PARA DISTRIBUIÇÃO E CONTROLE DE ENERGIA ELÉTRICA	1	Baseada em Ciência	1	Alta
28	FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	5	Diferenciada	2	Média-Alta
29	FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, REBOQUES E CARROCERIAS	4	Intensiva em Escala	2	Média-Alta
30 (exceto 30.1 e 30.4)	FABRICAÇÃO DE OUTROS EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES	4	Intensiva em Escala	2	Média-Alta
30.1	CONSTRUÇÃO DE EMBARCAÇÕES	4	Intensiva em Escala	3	Média-Baixa
30.4	FABRICAÇÃO DE AERONAVES	1	Baseada em Ciência	1	Alta
31	FABRICAÇÃO DE MÓVEIS	3	Intensiva em Trabalho	4	Baixa
32 (exceto 32.5)	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DIVERSOS	3	Intensiva em Trabalho	4	Baixa
32.5	FABRICAÇÃO DE INSTRUMENTOS E MATERIAIS PARA USO MÉDICO E ODONTOLÓGICO E	5	Diferenciada	1	Alta

	DE ARTIGOS ÓPTICOS				
35	ELETRICIDADE, GÁS E OUTRAS UTILIDADES	6	Outros	5	Sem identificação
38	COLETA, TRATAMENTO E DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS; RECUPERAÇÃO DE MATERIAIS	6	Outros	5	Sem identificação
58	EDIÇÃO E EDIÇÃO INTEGRADA À IMPRESSÃO	6	Outros	5	Sem identificação
59	ATIVIDADES CINEMATOGRAFICAS, PRODUÇÃO DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO; GRAVAÇÃO DE SOM E EDIÇÃO DE MÚSICA	6	Outros	5	Sem identificação
62	ATIVIDADES DOS SERVIÇOS DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	6	Outros	5	Sem identificação
71	SERVIÇOS DE ARQUITETURA E ENGENHARIA; TESTES E ANÁLISES TÉCNICAS	6	Outros	5	Sem identificação
74	OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS	6	Outros	5	Sem identificação
90	ATIVIDADES ARTÍSTICAS, CRIATIVAS E DE ESPETÁCULOS	6	Outros	5	Sem identificação
96	OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS PESSOAIS	6	Outros	5	Sem identificação
SE	OUTROS	6	Outros	5	Sem identificação

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do MDIC-Alice Web, 2012.

